

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ CAMPUS DE
MARECHAL CÂNDIDO RONDON PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO**

RUBIA MARA TADIOTTO

**“2015, O ANO QUE NÃO TERMINOU”: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS
ACERCA DA GREVE DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO E O
MASSACRE EM 29 DE ABRIL**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ CAMPUS DE
MARECHAL CÂNDIDO RONDON PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU EM HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS NÍVEL:
MESTRADO**

RUBIA MARA TADIOTTO

**“2015, O ANO QUE NÃO TERMINOU”: EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS
ACERCA DA GREVE DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO E O
MASSACRE EM 29 DE ABRIL**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em História, História Poder e Práticas sociais, nível Mestrado, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Tadiotto, Rubia Mara
2015, O ANO QUE NÃO TERMINOU : EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS
ACERCA DA GREVE DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO E O MASSACRE
EM 29 DE ABRIL / Rubia Mara Tadiotto; orientador(a),
Antonio de Pádua Bosi, 2019.
124 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste
do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de
Ciências Humanas, Educação e Letras, Programa de Pós-
Graduação em História, 2019.

1. Trabalhadores. 2. Educação. 3. Greve. 4. Resistência.
I. Bosi, Antonio de Pádua. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RÚBIA MARA TADIOTTO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 6 dia(s) do mês de março de 2019 às 16h, na Sala 60 Bloco Iv, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Rúbia Mara Tadiotto, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Antonio de Padua Bosi, Sergio Paulo Moraes, Aparecida Darc de Souza. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Antonio de Padua Bosi, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "2015, O ANO QUE NÃO TERMINOU": EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS ACERCA DA GREVE DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO E O MASSACRE EM 29 DE ABRIL". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Sergio Paulo Moraes, Aparecida Darc de Souza. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a). De acordo com o que está previsto no § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de defesa de mestrado foi realizada contando com a participação de membro via utilização de tecnologia de videoconferência. Diante desta circunstância, os membros presentes assinam esta Ata e atestam a conformidade do Prof. Dr. Sergio Paulo Moraes em relação ao resultado da defesa e ao conteúdo do parecer descritivo anexado.

Orientador(a) - Antonio de Padua Bosi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Sergio Paulo Moraes

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RÚBIA MARA TADIOTTO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Aparecida Darc de Souza

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Rúbia Mara Tadiotto

Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Prof. Dr. Moisés Antiquera
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 5114/2018-GRE

Aos meus pais, Delvino (in memoriam) e Eliane

*Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma
forma de educação que proporcionasse às
classes dominadas perceberem as injustiças
sociais de maneira crítica.*

(Paulo Freire, Ação Cultural para a Liberdade)

AGRADECIMENTOS

Meus pais que, além de compreenderem a educação como prioridade, sempre apoiaram e nunca mediram esforços para que tivéssemos acesso á ela. Vocês são minhas referências e, espero poder retribuir toda a dedicação que tiveram conosco com aqueles que são as nossas esperanças, os alunos. E à minha irmã Maiara, que sempre confiou em mim e nunca me deixou esquecer isso. Você é e sempre vai ser meu porto seguro. Ter vocês três na minha vida faz com que eu me sinta afortunada de amor, de incentivo e coragem.

Agradeço ao meu orientador Antonio que, em um momento tão difícil na minha vida se manteve presente, e, na falta de meu pai, foi ele quem me aconselhou. Em uma das nossas conversas seu conselho, que apesar de muito duro, foi tão verdadeiro e necessário, me ajudou a olhar aquele momento com outros olhos, o que parecia tão difícil. Naquele dia, ainda que de forma lenta, retomei e fortaleci o sentido da vida. Obrigada por compartilhar comigo seu conhecimento, suas perspectivas e a sua força para seguir adiante.

Agradeço a oportunidade de estar em uma universidade pública, e principalmente, ao quadro de docentes que compõe o curso, eles que, tanto se empenham e lutam para uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Agradeço a todos os que me oportunizaram com o conhecimento que compartilham, especialmente a professora Aparecida, minha referência metodológica e didática em sala de aula, agradeço por ter me apresentado a metodologia de Paulo Freire durante a graduação, e que além de encantadora mostrou que ela é possível. E de fato é! Obrigada.

Agradeço também, aqueles que se dispuseram com tanto entusiasmo a contribuir para este trabalho, os professores da educação básica do Paraná: Nair, Ivonete, Cristiana, Eliane, Miguel, Salete, Rosilane, Magali, Sara, Dione, Marlene e Judite, vocês foram fundamentais.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, Aparecida Souza e Vagner Moreira pelas importantes sugestões e correções deste texto. E a Sérgio Paulo que contribuiu na avaliação e debates durante a banca de defesa, que com esforço poderá participar. Obrigada.

Aos meus amigos de longas datas e aqueles que o mestrado proporcionou. Lela, Gildo, Pricila, Leonardo, Leticia, Thauany, Lucas, Sara, Carol, Nicoli, Eloísa, Isabel, Fernanda, Eline, Marcos, Karen, Odirlei, João Otávio e Natieli que, me presentearam com a Joana Rita. Aos familiares que eu gosto de ter por perto. Aos meus alunos que continuam caminhando comigo. Obrigada a todos pela parceria e por estarem sempre presentes em todos os momentos de minha trajetória acadêmica e vida pessoal.

A Capes, pelo auxílio e apoio concedido, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Olhar para a greve e perceber a importância das práticas sociais dos trabalhadores, bem como, analisar como eles vivenciaram esse processo são os principais esforços deste trabalho. No ano de 2015, os trabalhadores da educação do Estado de Paraná vivenciaram uma greve longa e conflituosa, tendo como seu ápice o dia 29 de abril que fora marcado pela violência e usurpação dos direitos desses trabalhadores. Neste sentido, essa dissertação buscou analisar os conflitos vividos internamente na categoria durante essas confrontações e como lidam com essa memória. Entender também, qual a compreensão e o sentido dado ao dia que ficou marcado como o massacre de 29 de abril de 2015 por estes sujeitos. Interessa-nos, sobretudo, compreender como estes sujeitos, após ter a sua dinâmica de vida alterada, saem de um movimento grevista. O recorte espacial selecionado foi à região sudoeste do Paraná, a qual, conta com uma participação ativa dos professores nos movimentos grevistas.

PALAVRAS-CHAVE: trabalhadores da educação, greve, massacre.

ABSTRACT

Look at the strike and realize the importance of workers' social practices, as well to analyze how they experienced this process are the main efforts of this work. In the year 2015, education workers in the state of Paraná lived a long and conflictive strike, with its peak April 29, marked by violence and usurpation of the rights of these workers. In this sense, this dissertation sought to analyze the conflicts lived internally in the category during these confrontations and how they deal with this memory. Understand also, what is the understanding and meaning given to the day that was marked as the massacre of April 29, 2015 by these guys. We are interested, above all, in understanding how these people, after having their life, dynamics altered, leave a striking movement. The special selected cut was to the southwestern region of Paraná, which counts on an active participation of the teachers in the striking movements.

Keywords: Education workers, strike, massacre.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPITULO I: O UNIVERSO DA GREVE.....	29
1.1. Motivações	36
1.2. A greve	52
1.3. O dia 29 de abril	59
1.4. A luta continua?	95
CAPITULO II: O RETORNO.....	86
2.1. A avaliação da greve.	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
FONTES	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

APRESENTAÇÃO

O percurso da escrita aqui apresentado tornou-se imprescindível diante o processo de materialização e da reflexão sobre a relevância deste trabalho. Estimei, em um primeiro momento, apresentar a sua história. Talvez soe pouco convencional para o meio acadêmico, porém, foi a partir da minha memória, dos acontecimentos e das experiências vividas que elucidou ainda mais a justificativa e importância desta pesquisa. Assim como todo o trabalho está permeado por significados e subjetividades.

Neste processo de amadurecimento e compreensão de mundo, está pesquisando um tema totalmente ligado à minha família era algo que me entusiasmava. E de início foi, não era só por mim e pelo conhecimento, era também pelos meus pais, que sempre senti tanto orgulho e admiração pela profissão a qual tanto se dedicavam.

Eles que tanto incentivaram a leitura e o amor pelos livros, presentear com tantas aventuras, foi uma escolha feita com muito carinho por eles, pois, diante as condições de vida que estavam inseridos era necessário priorizar os regalos. Rara às vezes ganhávamos brinquedos, sempre optaram pelos livros, nossos companheiros de vida. Com muito esforço dedicaram-se prioritariamente para nosso – meu e de minha irmã – ingresso em uma universidade pública. Isto aconteceu, e com muito apoio, estamos desfrutando deste espaço e lutando por ele até os dias de hoje. Está universidade pública sempre tão desejada e admirada por muitos, hoje sofre com os constantes e brutais ataques políticos e econômicos direcionados para inviabilizá-la, sucateando e privatizando. Aliás, são tempos difíceis para a educação.

Ao conversar com eles sobre o meu projeto de mestrado, aqueles sorrisos me confortaram. Seriam ambos entrevistados como fonte de pesquisa. Minha mãe muito

tímida frente essas situações, aceitou e realizamos a entrevista. Foi algo singular, pude conhecer um pouco mais dela, algumas profundezas de seus sentimentos e memórias que por muitas vezes passaram despercebidos por mim. Já meu pai, marcamos tantas vezes, e o fato de estar na direção da escola e como de costume sempre comprometido, o tempo foi se prolongando. Nas poucas vezes que nos vimos durante aquele ano, eu morando em Marechal Cândido Rondon – PR e meus pais em Ampére – PR, ao propor a entrevista durante nossos encontros, sentia-se cansado e exausto para tocar no assunto. Sempre o respeitei, mas sempre me questioneei em silêncio – Como alguém sempre tão ativo, disposto, com mais de três décadas em sala de aula e na militância não se motiva mais tanto ao falar da sua profissão? Qual a razão para adiar tanto? – Fiquei sem uma resposta concreta, apenas insinuações.

No dia 07 de junho de 2017 recebo surpresa, a notícia que devastou minha vida e meus sonhos, a morte de meu pai. Dor, indignação, raiva e saudade se apossaram da minha pessoa. Falar disso ainda tem seus limites, mas acabou se tornando uma necessidade para continuar esta jornada. Por alguns meses, não consegui lidar com nada a não ser a dor. Mas precisava retornar para a pesquisa. Como? Pesquisar algo que remete a todo instante a uma dor profunda, tornou-se insustentável. Não via de outra forma, por mais que tinha consciência de que essa pesquisa se tornou ainda mais imprescindível, passei a negar o tema e criar aversão a ele. Foi aproximadamente um ano de tentativas fracassadas tentando retornar, de amor e ódio à pesquisa. Passei a ter mais clareza de que cada um possui um tempo para compreensão e aceitação, e por mais que a pressão burocrática se fazia presente, eu ainda não me sentia preparada. Nesse momento que escrevo, ainda com muita dor, vive em mim um sentimento de fracasso por não ter “conseguido” entrevistar meu pai. Sinto que, ouvir sua voz ao transcrever sua entrevista, mataria um pouco da saudade que tanto dói. Não tenho a sua voz gravada, não tenho a sua história e experiência enquanto fonte registrada, mas tenho-o vivo em mim e na certeza de que esse trabalho tem seu espírito de luta e a sua voz, voz está, compartilhada com a de tantos outros companheiros que sempre respeitou e admirou. Relatar isso, para mim, tem seu significado, pois este trabalho passou a ter um peso ainda maior, é também por ele. Delvino, presente.

Após tantas turbulências e emoções, parei para refletir a continuidade da pesquisa, seu significado neste momento e quais seriam as suas possibilidades. Na

tentativa de escrever, estava sendo difícil definir o início do meu interesse pelo tema, porém, deixo-me levar até onde minha memória permite, e sinto que isso foi um processo fundamental, que possibilitou meu retorno a pesquisa. Percebo-me, nesta tentativa de justificar, as memórias irem cada vez mais longe. Começo a escrever várias lembranças e junto, “revivi” memórias felizes e reconfortantes da minha família. Compreendi o quão importante eram estas duas trajetórias de vida para justificar o interesse pelo tema, o qual fora semeado muito antes e enraizado durante minha infância.

Residi na cidade de Nova Prata do Iguazu desde o meu nascimento até meados dos meus quatorze anos, uma cidadezinha pacata no interior do Sudoeste do Paraná. Foi nesta cidade, ainda muito pequena, que tive os meus primeiros contatos com o universo docente. Meu pai, professor de História lecionou desde seus 18 anos, e a duras penas, concluiu seu curso superior no ano de 1997, no seu último ano de graduação, também com tamanho esforço, incentivava minha mãe a ingressar em curso superior. Afinal, a promessa de um futuro melhor era através dos estudos. Dedicaram-se juntos para isso e ela conseguiu. Com viagens longas, cheias de medo e saudade, não mediu esforços e em 2000 obteve seu diploma e junto dele a esperança de dias melhores. Graduou-se em História. Foi nesse período que teve sua inserção na docência.

Lembro-me perfeitamente, mesmo que pequena, das dificuldades por eles enfrentadas para conseguirem conquistar o diploma de professor. Porém, me recordo principalmente das lutas por eles travadas para permanecerem com dignidade nesta carreira. Nessa trajetória, lutas e enfrentamentos, não foram poucos. Sempre os admirei, mas também, passei a questionar: é assim mesmo ser professor? Não é só estar em sala e dar aula? É justo?

Desejei muito ser chamada de professora. Desde pequenina, sempre gostei muito da prática docente, meu interesse sempre foi apoiado pelos meus pais e inclusive pelos vizinhos, que não se importavam com que seus filhos passassem horas na nossa casa brincando de “escolinha”. Preparava todas as atividades com restos de materiais da biblioteca que iriam para o lixo, restos de giz que recolhia no final do dia ao esvaziar-se a sala e, muitos “puxões de orelha” por usar a parede da casa de madeira como quadro de giz. Afirmo que essa era a brincadeira que mais encantava no auge dos meus dez anos de idade. Eu não tinha noção do que estava fazendo ali, mas passei a ter quando os

pais da “aluna” mais assídua me agradeceram por alfabetizar (não lembro muito bem como foi o processo, mas funcionou) e incentivar a leitura nos pequenos.

Nossa casa sempre fora frequentada por professores e, era na casa deles onde costumávamos ir. Simpatizar com o universo docente me fez observar e estar sempre atenta nas conversas dos adultos. Nos almoços de domingo, nas suas noites boêmias, nos chimarrões de final de tarde o assunto escola sempre era a pauta e, por mais que em muitos momentos repetiam: não vamos falar de trabalho hoje, o assunto em algum momento chegava e nele permaneciam por horas.

Essas atividades de socialização eram rotineiras entre um número grande de professores, era bonito de se ver. Lembro de poucas coisas com exatidão, mas as palavras greves, paralisações, Curitiba, encontro na Praça da Igreja, luta, direitos, sindicato, cansaço, problemas com alunos, orgulho dos alunos, problemas com os pais, satisfação com os pais, falta de material, salários, eram recorrentes e me marcaram. Acompanhava meus pais nas paralisações, nas reuniões e nas tentativas de colocarem representantes da categoria na política. Nesses espaços, às vezes passava o tempo brincando, às vezes prestando atenção e com o passar dos anos, passei a prestar mais atenção. Convivi e presenciei diversas situações que por vezes, me fizeram refletir sobre as alternativas de profissões, porém, tantas outras e mais importantes fizeram-me seguir por esse caminho, a docência, minha escolha. Meu pai apoiou-me instantaneamente sentindo-se orgulhoso, já minha mãe, muito receosa de início e, na tentativa de incentivar algo “mais fácil e recompensador”, no entanto, ao perceber a certeza da minha escolha, aceitou e apoiou-me.

Essa certeza da escolha me acalmava principalmente no período de pressão para os vestibulares. Na verdade, o que mais me angustiava naquele momento foram as diversas reações de colegas, de pais de amigos e alguns familiares. – Nossa, com tanta nota boa poderia fazer algo que desse dinheiro – Porque não tenta algo que dê dinheiro? – Não vai querer tentar nada na área de Saúde? Nem Medicina? Isso dá dinheiro – Está pedindo pra sofrer (acompanhado de risos) – Tem certeza?! – “Tadinha” (pronunciamento de alguns professores, inclusive) – Mas daí você vai ser só professora? – Antigamente era bom casar com professora, hoje não vale mais a pena (mais risos). Ouvir isso era entristecedor? Muito, era um desrespeito com a minha escolha e com o meu sonho. Afetava-me? Às vezes, quando algo é alvo de tantas reações negativas nos

obrigamos a repensar a respeito. Essa percepção sobre ser professor é o reflexo da condição de trabalho docente na sociedade e um termômetro sobre o nível de valorização da educação.

Perceber como uma educação de qualidade é imprescindível para a construção de uma sociedade melhor e mais justa e a importância do professor para efetivar isso e dar conta dessa demanda tão importante era o que me fortalecia. A educação ser conduzida com tanta truculência e irresponsabilidade foram meus primeiros questionamentos. Queria entender o motivo, pois presenciar e perceber que tantas lutas e batalhas travadas pelos professores ainda não foram suficientes para mudar essa realidade. Ver tanta dedicação dos meus pais e tantos outros companheiros sendo desvalorizado, perceber que os interesses do Estado nem – quase – sempre são os mesmos da população poderia amortecer meus sonhos, mas isso fez com que eu tivesse a compreensão real da minha escolha. Mudar essa realidade tão complexa pode ser difícil, porém o único caminho é tentar.

A complexidade da profissão era algo que estava claro. Porém, a vontade de tentar era maior. Ao saber da minha aprovação do vestibular, a euforia tomou conta, confortada pelo apoio incondicional dos meus pais. Ao sair de casa, a célebre frase de meu pai, que inclusive, deveria ter levado ao pé da letra: *“aproveite tudo o que a Universidade pode te oferecer”*. Referia-se especialmente aos tantos projetos, espaços, possibilidades, a qualificação do quadro de professores e tantas outras preciosidades que uma universidade pública, gratuita e de qualidade pode nos oferecer.

Ingressar no curso de História me fez perceber a sua real importância e o quão difícil é a construção do conhecimento histórico, contudo, muito prazeroso. Nesse processo nos compreendemos melhor e também os nossos ideais. A História e suas possibilidades fortaleceram em mim, o interesse em entender o universo docente. Esses pequenos momentos, talvez não tão expressivos, foram sem dúvidas experiências que refletiram nas minhas escolhas e, principalmente na construção de uma consciência social e política.

Essa vivência com a categoria desde cedo, inicialmente como mera observadora e mais tarde inserindo-se a ela, mostrou-me a necessidade de investigar, analisar e denunciar a partir da experiência dos professores, questões políticas, sociais e morais que norteiam este universo e a condição de trabalho. Por isso e tantos outros, pesquisar

este tema se torna para mim tão necessário, mas igualmente complexo. Norteada por experiências vividas e compartilhadas, memórias, relações afetivas com alguns envolvidos, insegurança sobre o resultado e a saudade, essa pesquisa surgiu e ressurgiu. Acrescento que, ter essa relação bastante afetiva com a pesquisa torna sua produção ainda mais difícil, para isso, faz-se necessário treinar o olhar de historiador diante essa peculiaridade para contribuir ao máximo com a sua relevância histórica.

Esse processo tem sido longo, e prolongou-se ainda mais. Desde a escolha do tema, a produção do projeto, o ingresso ao mestrado seguido do meu desligamento com a sala de aula. Sim, nem todas as instituições possibilitam e facilitam nossa função enquanto professor: estudar e pesquisar, apesar das exigências para que o façamos. Estar na universidade nos permite ter acesso a diversas coisas igualmente importantes, como as disciplinas; a convivência com os colegas; os debates travados nos corredores da Universidade ou nas assembleias estudantis, a experiência dos professores que nos instigam, incentivam e possibilitam uma melhor compreensão e percepção de mundo. Perceber com os nossos colegas a importância da unidade e o quanto temos força é significativo. Ocupar a Universidade em tempos tão sombrios com pouca, ou nada de experiência sobre esse processo nos proporcionou muitos desafios, e o mais importante, o de nos conhecer melhor. Todos estes contextos refletem neste trabalho e em suas análises.

Nesse sentido, ainda que aparentemente muito íntimo, compartilhar minhas memórias neste trabalho, tem seus significados. Não será uma história sobre minha trajetória de vida ou a de meus pais que diante de tantos enfrentamentos ainda me fizeram acreditar que uma educação pública, gratuita e de qualidade é uma possibilidade de mudança social, bem como, a necessidade da sua permanência. Porém, levar em consideração suas trajetórias e experiências de vida, é também, levar em consideração a história de todos os trabalhadores. São eles, os trabalhadores da educação, o tema central desta pesquisa.

Perante as memórias aqui compartilhadas e das duas trajetórias citadas, percebe-se que nunca nada foi fácil para os docentes. Historicamente, vemos a educação enquanto a principal citada nos projetos políticos referentes ao desenvolvimento e crescimento econômico, mas também, a primeira a ser atacada e sucateada. Aqui me faz recordar, uma frase dita recentemente por uma professora à sua irmã, a qual se referia

sobre os desabafos e as dificuldades enfrentadas pelo seu esposo caminhoneiro que aderiu a greve da categoria em maio de 2018: “*Quer falar que é difícil e cansativo fazer greve para um Professor do Paraná?*”, ironiza a sua fala, seguido de um sorriso murcho.

No Estado do Paraná, a postura adotada diante a educação deve ser discutida e problematizada. Possivelmente, agravou-se ainda mais esta necessidade nos últimos, aproximadamente oito, anos. São vários os motivadores, os quais serão desenvolvidos aqui a partir da experiência dos sujeitos afetados em primeiro instante, os trabalhadores da educação. Ou seja, são as suas condições de trabalho que sofrem alterações e conseqüentemente altera-se a sua dinâmica de vida, a qual é de nosso interesse investigar e apresentar uma análise engajada.

É nesta situação que o engajamento político pode servir para contrabalançar a tendência crescente de olhar para dentro, em casos extremos, o escolasticismo, a tendência a desenvolver engenhosidade intelectual por ela mesma, o auto isolamento da academia (HOBSBAWN, 2013, p.152).¹

Fazer parte de categoria estudada exprime que, por vezes seus embates e angústias são compartilhados com muitos dos entrevistados, por isso, é necessário se colocar enquanto professora e pesquisadora. Sabemos que pode ser arriscado e é desafiador explorar os olhares diante o mundo do trabalho sendo parte desta categoria, porém, o compromisso e a responsabilidade dessa pesquisa engajada são com os trabalhadores, não na tentativa de exaltar suas ações ou, vitimizar estes sujeitos, mas no sentido de transpor as suas contradições e complexidades, bem como, construir uma reflexão histórica que não silencie e apague as vozes desses trabalhadores. Compreender como forjam suas experiências e memórias é fundamental. Lembrando que, um trabalho engajado quando vai para além dos muros da academia – é este o objetivo - serve como uma arma social para os trabalhadores

Para adentrar a apresentação da pesquisa, seus objetivos e sua problemática, iniciamos com uma das frases mais proferidas pelos professores do Estado do Paraná, e

¹ HOBSBAWM, E. J. Engajamento. In: _____. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 152.

também, de muitos alunos: *2015, o ano não terminou*². Foi um ano demasiado intenso para os trabalhadores da educação, aproximadamente quatro anos já se passaram e, volta e meia escuta-se a frase nas escolas e universidades. O entendimento sobre a frase se desenvolverá durante a pesquisa, porém, fora sabidamente apropriada pelos professores ao perceberem os resquícios dos fatos daquele ano.

O Governador do Estado do Paraná, Carlos Alberto Richa, em 2014 anunciava que “*o melhor está por vir*” –esta frase se tornou praticamente o slogan da sua campanha – junto do balanço enganoso do seu primeiro mandato, com saldos positivos e um estado sem dívidas. É válido, desenvolver um breve histórico do que significou sua gestão para a educação e seus trabalhadores. Nos três primeiros anos de mandato (2011-2013), às coisas pareciam que cursavam – mesmo que minimamente – para algumas melhorias, afinal, foram algumas conquistas efetivadas após anos de luta. Digo isto, pois nenhuma delas fora oferecida gratuitamente por parte do Estado, todas elas são frutos de muito esforço e mobilização dos trabalhadores da educação. Gozaram das pequenas grandes conquistas naquele momento, dentre elas, reajuste do Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN), o aumento de 20% para 35% de hora-atividade, além do pagamento da correção inflacionária. Digo pequenas, porque parece pouco diante a necessidade, e grandes, porque parece muito para o Estado. E foi isso que marcou os seguintes anos dos seus mandatos, tudo parecia demais para os professores.

Em 2014 as garras de austeridade começaram a aparecer. No primeiro semestre já transpareceu quem seria o alvo do governador Beto Richa, na medida em que se avançava o ano cortes eram anunciados e ameaçavam a condição de trabalho docente, em abril, como resultado, deflagram uma greve que teve durabilidade de sete dias, o governo recuou alguns ataques e passou a acusar a greve como ataque individual. Afinal, as eleições se aproximavam e qualquer aparente desgaste poderia prejudicar a campanha, era necessário acalmar os ânimos e então, a reeleição expressiva no primeiro

²A frase e o título deste trabalho fazem uma alusão ao livro *1968: O ano que não terminou 2ª ed.* — Rio de Janeiro : *Objetiva*, - 2018, do escritor e jornalista Zuenir Ventura (1931, Além Paraíba, Minas Gerais). A escolha da frase refere-se às transformações políticas e militares durante a ditadura militar no Brasil, considerando que vez ou outra este período volta a bailar mostrando suas raízes, continuidades e rupturas. A frase muito proferida pelos professores se assemelha ao título do livro, não por acaso. Diferentes períodos e contextos políticos, porém, foram acontecimentos que de alguma forma enraizaram, estendendo-se pelos próximos anos.

turno se confirmou e retorna com tudo. Ataques aos direitos dos trabalhadores, o aumento de impostos, as demissões e a falta de pagamentos marcaram aquele final de ano.

Por fim, o ano de 2015 mal havia começado e o Governo passa a conduzir manobras políticas das quais afetariam diretamente à vida e o futuro dos servidores públicos. De forma rápida, mobiliza os envolvidos e organiza um brutal ataque ao Paraná Previdência, passando adotar políticas de austeridades que comprovaram os rumores de que seria um ano difícil para os trabalhadores, o que, exigiria uma rápida mobilização para os enfrentamentos.

Cabe aqui ressaltar que, este ano fora marcado por mobilizações de diversas categorias, afinal, os ataques atingiriam todos os servidores públicos do Estado do Paraná, dentre eles, professores e funcionários das universidades estaduais e da educação básica, trabalhadores da área da saúde, agentes penitenciários, bombeiros. Todas estas categorias se organizaram, mobilizaram e aderiram de alguma forma ao movimento contra os ataques. Ou seja, a resistência extrapolou os professores da educação básica, por isso, os acontecimentos daquele ano podem ser polissêmicos diante o envolvimento de categorias diferentes com representações distintas. Porém, o objetivo deste trabalho é um olhar circunscrito sobre as memórias dos professores da rede pública de educação básica do Estado do Paraná sobre uma greve que, em assembleia histórica decidem resistir aos ataques. Em quatro meses foram deflagradas duas greves – total de 73 dias - de professores e funcionários das escolas públicas do Paraná. Deflagrada antes do período letivo, fora considerada a última alternativa dos trabalhadores naquele início de ano. Uma greve historicamente longa considerada - por diversos motivos - umas das significativas da história dessa categoria, tornou-se nosso objeto de estudo.

Muitos entendem o que significa uma greve e porque fazê-la. Porém, pouco se sabe dos conflitos vividos internamente na categoria para sustentar este movimento de resistência, ou seja, o que enfrentam em uma greve além da luta pela pauta? Como se organizam, dialogam e avaliam as motivações para sair, afinal, não se entra em uma greve para ficar eternamente, porém, questiona-se, neste caso, mesmo que com resultados decepcionantes e deflagrada com expressiva votação, findou-se com uma disputa acirrada. São questionamentos que merecem ser explorados para compreender e

adentrar no universo da greve, bem como, as relações de trabalho e poder estabelecidas.

Para além da greve, o que já não o bastante, a fim de defender seus interesses o governo orquestrou mais um ataque, utilizando com muita perversidade a violência física. Ressalta-se que os enfrentamentos eram constantes, porém, a movimentação destes trabalhadores juntamente com os demais servidores públicos, gerou uma mudança significativa na conjuntura política do Estado. O dia 29 de abril de 2015 marca com sangue a história de luta desses professores e mostra de perto, as raízes de um Estado antidemocrático.

E, mesmo diante um dia cuidadosamente engendrado pelo Estado para ocorrer a votação do Paraná Previdência, protegidos por centenas e mais centenas de policiais, foi uma escolha os enfrentar, mas nem por isso deixa de ser considerado como o Massacre de 29 de abril. As sensações que viveram naqueles dias foram múltiplas, em comum sente-se preocupados e decepcionados, por vezes, um sentimento de impotência e também, a expectativa daqueles que queriam lutar e avistaram qualquer oportunidade de resistência ruir. Por fim, entender as diversas compreensões diante o fato e como foi vivenciado por estes trabalhadores nos cabe aqui.

Dito isto, destaca-se que, o massacre e as políticas de austeridade e desonestas adotadas por parte do Governador Carlos Alberto Richa durante os seus mandatos, deixou marcas profundas na educação, mas também em sua carreira política. O desrespeito para com a educação e seus trabalhadores, o ataque aos servidores públicos, o envolvimento com diversos e escandalosos casos de corrupção, por hora, denunciados por muitos destes trabalhadores, levaram a prisão de Beto Richa durante a sua campanha de eleição para Senador do Estado do Paraná em 2018. Este acontecimento junto com os demais, atrapalhou os planos do então candidato que não fora eleito. Pode-se considerar um ganho para os trabalhadores da educação de todo o Paraná, foram eles, o alvo constante deste Governo e por fim, os que travaram tamanhos confrontos, exigindo resistência.

Partindo desses pressupostos, esclarecemos os principais objetivos deste trabalho. A partir caracterização da greve, suas pautas e motivações, busca-se compreender como os sujeitos envolvidos sustentaram a greve e a vivenciaram. Principalmente, como retornaram dela e o que altera na dinâmica de vida desses trabalhadores vivenciaram confrontações como estas. Investigar os reflexos diante o uso

da violência utilizada para com os trabalhadores no intuito de reprimir os movimentos sociais na luta pelos direitos e o que significou o dia 29 de abril para a categoria. Para isso, devemos analisar, a partir da memória e da experiência destes trabalhadores, quais são as interpretações e avaliações diante dos fatos e também, como se conectam a ele. Acredita-se que, explanar minimamente isso, nos ajuda também, compreender e refletir sobre os possíveis caminhos que se aproximam da educação e como a categoria se avalia para os próximos enfrentamentos diante a conjuntura.

No entanto, para ocorrer à materialização deste trabalho, trabalharemos com três fontes de pesquisa, os jornais, a fonte oral e a fotografia. Adentraremos sobre a relevância de cada uma delas para este trabalho, bem como, as suas contribuições teóricas e metodológicas. Tendo em vista que, principalmente frente a acontecimentos como os quais serão analisados aqui, que se caracterizam pelos conflitos de interesse e de classe, o campo da memória também entra em disputa. Por isso a escolha destas fontes.

A manipulação midiática e a sua influência para o entendimento sobre movimento grevista fora denunciada pelos professores entrevistados, acusando como uma artimanha do governador. Entende-se a importância de analisá-los de forma dialética para que possamos acessar a uma realidade e construir o conhecimento parcial, articulando e confrontando com as demais memórias, contribuindo para a compreensão mais próxima do vivido e sentido desses trabalhadores.

Para isso, apresentar-se-á, uma análise do que foi produzido e informado no sudoeste do Paraná. Nesta disputa no campo da memória, a escolha foi o Jornal de Beltrão, o qual durante o período de greve e enfrentamentos dedicou muitas páginas para o assunto. Analisar as abordagens produzidas no período que se estende de fevereiro a junho de 2015 faz-se necessário, principalmente para compreender a perspectiva do olhar de muitos que não se aprofundaram, mas informaram-se dos “fatos” a partir da mídia - palavra enaltecida e dita em todas as entrevistas.

Atualmente é considerado um dos mais importantes do Paraná e o de maior circulação na região do Sudoeste, contendo conteúdo de toda a região. Possui seis edições semanais, diferente de quando surgiu em 1989, quando era semanal e impresso em Pato Branco, surgiu com uma proposta de ser um veículo independente diante dos dois principais que veiculavam naquele momento, um sendo conduzido por

representantes ligados à antiga Arena e o outro ao antigo MDB. Defendem que as matérias assinadas não representam necessariamente a opinião do Jornal, porém, pesquisá-lo e ir afincado na sua história nos mostra o quão tendencioso se torna tratando-se do Governo do Estado do Paraná. Esse debate aparecerá no primeiro capítulo.

A postura adotada ao se descreverem é que as matérias assinadas não representam necessariamente, a opinião do Jornal. Porém, são eles os responsáveis pela informação publicada, e por isso, devem-se levar em consideração quais os interesses e ao grupo que compete à publicação deste jornal. Hoje, ainda ligado a empresários e comerciantes da cidade contam com a distribuição de 20 mil exemplares na região além da ampla utilização de redes sociais. Para este trabalho, pesquisamos todas as edições de janeiro à julho, e muitas delas dedicaram-se a pauta educação, selecionamos e analisamos todas. São elas que nos proporcionam uma série de elementos para serem problematizados com um olhar histórico, diante o jornal enquanto meios de comunicação ideológicos.

As formulações do Jornal perante os acontecimentos compõem e constroem determinadas memórias, defendem determinados interesses. Por isso, busca-se também analisar as memórias que se contrapõem neste campo de disputa, as quais normalmente são ocultadas da história oficial, a memória dos trabalhadores. Estas, podem ajudar a partir das trajetórias e experiências, contestar determinadas memórias e, reafirmar outras. É a fonte oral que nos possibilita fazer estas análises e que abrangem muitas outras possibilidades. Alessandro Portelli, nos possibilita aprofundar o conhecimento diante essa fonte, afirma que, além de importante como as demais, ela também é objetiva e subjetiva. Além da sua importância enquanto fonte, a forma com que é produzida também é fundamental.

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. O dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado de igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas³.

³PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento na igualdade. In: Revista do Programa de Estudos Pós – graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

Talvez, para muitos, que não a praticam ou não a compreendem, a fonte oral pode não ter tanta credibilidade para a construção do conhecimento histórico ou, não ser fidedigna, porém, enquanto historiadora, que valoriza a importância da experiência do sujeito, sua memória e como as compartilham é fundamental para a compreensão da história. Porém, para extrair o que há de melhor na fonte oral é necessário estabelecer uma relação de igualdade para com os sujeitos entrevistados, evitando distorções de memórias e experiências.

Acredito que, com a fonte oral nos é possível ter uma catarse das sensações da pessoa entrevistada, uma vez que nela revelam-se as emoções, as lágrimas, os sorrisos, as gargalhadas, a ansiedade, a angústia, a esperança na fala e nos olhos, a tristeza ao tocar em memórias dolorosas, a tentativa de desviar algumas e enaltecer outras, as escolhas das palavras e o deslanche da fala, os medos seguidos da expressão de força no rosto e nas mãos, a vontade da denúncia e o medo de se pronunciar, o orgulho das conquistas e a invasão da lembrança de todas as perdas pelas quais passaram, e ainda estão ocorrendo, neste caso. São permeadas por subjetividades que devem ser levadas em consideração. Por ela, e a partir dela, temos a compreensão real do que será o trabalho, neste sentido não temos o objetivo de *santificar* as fontes, a função é problematizá-las e analisá-las. Hobsbawn ressalta que a maior parte da história oral de hoje, segundo ele, memória pessoal é “um meio notavelmente caprichoso de preservar os fatos”⁴. Porém, deve-se pensar que a memória não é um mecanismo de gravação, como de seleção, ela pode ser forjada, manipulada e por vezes contraditória.

Ressalto que o desejo inicial era apresentar uma análise com base nas experiências de professores de todas as regiões do Estado do Paraná, mas, muitas coisas nos limitam para isso, sobretudo as questões geográficas. Devido à aproximação estabelecida desde pequena com este universo e com inúmeros professores na região do Sudoeste do Paraná facilitou o contato para a realização das entrevistas, estabelecendo assim, este recorte geográfico. Foram onze professores entrevistados, e houve também, uma pequena, mas importante contribuição, ao intrometer-se durante uma entrevista em uma das escolas, a fala de quem ocupava o cargo de documentadora naquele período.

⁴HOBSBAWN, Eric. A História de Baixo para Cima. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Apresentar-se-á todos eles no decorrer deste trabalho conforme adentram a pesquisa, pois, a vossas trajetórias, experiências e contextos influenciam diretamente as ações e escolhas feitas.

Reconhecendo a sensibilidade e subjetividade da fonte oral, para introduzir o sentido que se dará ao analisar as entrevistas, trago um relato para esta apresentação, que ajudou clarear muito o sentido e a importância desta pesquisa, a minha primeira entrevistada. Gostaria de explicitar, ainda que de forma sucinta, como se deu esse processo. São os detalhes adiante destacados que também levaremos em consideração para analisar as demais entrevistas. Percebe-se que a forma com que a relação é estabelecida com o sujeito, nos permite conhecê-lo ainda mais e também suas particularidades, ou afastá-lo de vez. Essa entrevista representa para mim, a importância da igualdade. É nesta narrativa também que se adentrará nas discussões teóricas e reflexões que serão priorizadas neste trabalho.

Ao visitar uma amiga da família, também professora e moradora de Nova Prata do Iguaçu, conversávamos sobre a temática da pesquisa e muito interessada, instantaneamente compartilhou inúmeros nomes de colegas que participaram ativamente da greve de 2015 e estavam presentes no dia 29 de abril. Muitos conhecidos, inclusive familiares, porém, um desses nomes me chamou atenção. Nair. Antecipadamente soube que havia passado por diversos problemas relacionados ao dia 29 de abril, não sabia sua situação atual e, nem mesmo o que fazer com tudo o que me foi despejado. O interesse em entrevistar Nair surgiu e, minha amiga conseguiu-me seu contato. Demorei alguns dias para contatar na dúvida de como eu faria, decidi por encaminhar uma mensagem para o seu celular, estava na esperança de que Nair ainda lembrava-se de mim. Caso me responde-se e se interessasse pelo assunto, conversaria mais a fundo. Não precisou de muito, fui bem tratada desde o nosso primeiro contato depois de mais de 18 anos, sendo que minha única memória sua era passando pelos corredores da escola que eu estudava. Não lembrava o seu rosto, da sua família e da localização da sua casa. Eu criei expectativas porque queria Nair presente nesta análise, escolhê-la estava relacionada com a fala de minha amiga, de como ela compartilhou a sua vivência, dos olhos emocionados ao falar da sua colega. Pensei comigo, Nair tem muito a contribuir. Marcamos o encontro. Pareceu-me receptiva com a entrevista, porém, havíamos conversado apenas por celular.

Como já dito, Nair foi a minha primeira entrevistada e, ainda bem! Tanto tempo longe dessa prática, a insegurança tomou conta. Ainda dirigindo o carro, tentando encontrar sua casa nas ruas calmas da pequena cidade, pensei muito sobre o tema da entrevista e a insegurança se intensificava. Eu não havia participado do 29 de abril e o meu interesse era gigante, mas como seria introduzir esse assunto?! De que forma cada um lida com essa memória? Foi Nair quem me consolou. Ao estacionar o carro, uma mulher sorridente me aguardava na área da casa, acenando. Desço e sou recebida com um abraço apertado. Convidou-me para adentrar a casa pela cozinha onde havia banquetas de bambu as quais prontamente me ofereceu como assento. Sentamos uma de frente para a outra, ofereceu-me uma cuia de chimarrão, como boa apreciadora do oferecido, aceitei. Foi nosso companheiro durante a entrevista. Tentando fazer com que eu me sentisse bem, Nair pede se eu preciso de algo. Acenei com a cabeça que não, estava me sentindo bem aconchegada.

Antes de ligar o gravador, pensei em conversar e explicar um pouco mais sobre a entrevista, mas Nair não se importou em saber se havia um roteiro ou não, era ela quem queria falar. Ao trocarmos pouquíssimas palavras, ela inicia a entrevista. Era esta a situação, eu, ansiosa pela entrevista e ela, ansiosa para falar. Eram tantas coisas a serem ditas que Nair deslanchou, sem interrupções e, sempre procurando explicitar os mínimos detalhes, ficou claro que ter alguém a escutando e gravando-a era para ela também, uma forma de denúncia. Foi quando eu entendi o que eu realmente estava fazendo ali, o momento em que eu senti ainda mais a acuidade do tema. Foram nas suas primeiras palavras e seu deslanche que senti a complexidade e como é de extrema urgência socializar as memórias e seus significados, bem como, a real condição do trabalhador da educação no Estado do Paraná.

Não por surpresa Nair introduz denunciando a arbitrariedade cometida pelo Governo no dia 29 de abril. Não lembro com exatidão as palavras proferidas, mas eram sobre a minha falta de noção do que ela realmente havia vivenciado. Empolguei-me ao ouvi-la e perceber tanta disposição, mas lembrei-me, ainda bem, de algo imprescindível naquele momento, o gravador, liguei-o ao perceber que para ela já havia iniciado a entrevista. *Barulho e bomba e meeeu Deus aquela fumaça assim de repente não enxergava mais nada... e dai me acertou né uma bala de borracha*⁵, aponta para a

⁵NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rubia Mara Tadiotto.

cicatriz próxima ao joelho -. Foram essas, as primeiras palavras registradas. Foi essa a sua apresentação, não foi seu nome, sua idade, sua formação, fora a marca. Hoje, parte dela. Essas primeiras palavras e a sua marca foi a sua apresentação. São estigmas que estão relacionados “à própria desgraça do que à sua evidência corporal”⁶, neste caso, aparentemente está relacionado aos dois. O que significa esta marca e esta vivência para Nair? E para todos os outros? Como estão se percebendo? Como estas percepções alteram as suas dinâmicas de vida? Iniciar compartilhando sua experiência sobre o que viveu era mais forte que qualquer outra questão, porém, principiar com o 29 de abril e rapidamente apontar para a sua perna marcada pela bala de borracha que a atingiu, tem seus significados e vamos problematizá-los, porém, não deixa de ser uma comprovação antecipada de que realmente havia vivido o que compartilhará. A marca estava ali, não há como negar. E por vezes, mesmo assim, parecia que nem suas marcas, sua voz e suas lágrimas iriam demonstrar tudo o que havia passado.

...Eu lutava assim sabe pra não morrer, porque eu não sabia aquelas, eu fiquei tão ruim, porque eu... não...não conseguia respirar, não conseguia engolir, eu não conseguia nada! Eu só lembrava assim que não queriamorre... Assim, aquela hora...⁷

As palavras, não pareciam suficientes para expressar o sentimento de Nair. Tudo isso, porque ela teve uma experiência um tanto diferente de seus colegas professores, assim avalia. É a partir de todas essas experiências que aqui serão analisadas, cada uma com suas singularidades, que nos dará um panorama do dia 29 de abril. Estavam ocupando diferentes espaços, se deparando com diferentes situações e realidades, e por mais que estavam no mesmo fato, a forma como foi vivido e é avaliado são diferentes.

Digo isto, pois no momento em que aquele aparato policial gigantesco tem ordem para avançar, o tumulto começa, o lugar vai se tornando insustentável de permanecer, perdeu-se de seus colegas e Nair tentando se proteger, não teve muitas opções. Encontrou uma barraquinha de cachorro quente, já vazia e praticamente demolida por bombas e tiros, mas a única possibilidade no momento. Abaixou-se e adentrou. Ao perceber que aquele local estava totalmente cercado por policiais, o medo

⁶ GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988, p.05.

⁷NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rubia Mara Tadiotto.

tomou conta de Nair. A insegurança sobre a barraquinha, o medo de ser atingida pelas bombas e balas de borracha, o medo de ser vista e reconhecida pelos policiais, o que ressalta algumas vezes. Mesmo com medo, Nair, ao perceber-se diante aquela situação usou seu celular, sentindo-se incumbida a registrar, afinal, a dificuldade em acreditar que aquilo estava realmente acontecendo mesmo vivenciando, quem dera para aqueles que não estavam no lugar dela. A intensidade dos sentimentos diante do fato, por vezes, não seria sentido pelos outros, ou então, não acreditariam.

Ao citá-las e pela intensidade do sentimento colocado sobre elas, Nair nos proporcionou outro olhar sobre as fotografias para essa pesquisa. Durante a entrevista levanta-se rapidamente e começa a vasculhar o roupeiro do quarto de visitas, busca de forma disposta por elas e já sentada ao meu lado começa a mostrá-las e explicá-las. Olhava atenta para mim, seguramente, parecia querer ver qual era a minha reação. Foi quando compartilho essa experiência durante uma orientação, que, por uma sugestão atraente de Antonio, além da inserção da análise e o significado destas fotografias para Nair, e para o trabalho, inseri-las e analisar a forma como aquelas memórias impressas refletem e são recebidas pelos trabalhadores poderiam nos ajudar compreendê-los. Por fim, revelei algumas fotografias retiradas da internet de variados ângulos e cenários e passamos a tratá-las como fonte para este trabalho. As reações foram variadas e significativas, o que exploramos, essencialmente no momento em que analisamos como escapam, como forjam e ocultam a memória. Aquela olhadela de soslaio, as expressões enfurecidas, ignorar a sua presença, a comoção podem nos ajudar a compreender como esses acontecimentos ficaram na cabeça dos sujeitos.

As fotografias “representam um meio de conhecimento da cena passada, e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural”⁸. Seus registros focam seus pés e a sua curta distância do chão e das balas caídas tão próximas, o sangue, a forma com que ela se equilibrou durante tanto tempo sobre dois ferros e principalmente, sua distância do aparato policial. Qual era a intenção de Nair? Porque registrou, revelou, compartilhou suas fotos? Porque a todo o momento na entrevista ressalta sua localização durante o tumulto? . “Comecei a pesquisar, porque só eu não podia ter visto aquilo né, porque tava todo mundo lá filmando, alguém mais

⁸KOSSOY, Bóris. Fotografia e História. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, p. 32.

tinha que ver, eles achavam que eu tinha ficado louca”⁹,referindo-se a reação dos colegas ao retornarem daquele dia para as suas cidades, justifica que a grande maioria dos que estavam naquele ônibus conseguiram correr para outra direção se afastando daquele espaço.Tenho a impressão de que a intensidade daquele momento para Nair parece que nunca vai ser sentido por alguém, e realmente não vai, mas tenta de alguma forma demonstrar o quão aterrorizante foi. Esse ato de Nair, fez com que surgissem algumas reflexões.

Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio e nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. Desaparecidos os cenários, personagens e monumentos, sobrevivem, por vezes, os documentos.¹⁰

São momentos registrados que não nos dão a percepção do todo, não reúne o conhecimento do passado, mas nos permite visualizarmos pequenos cenários e contribuem para um maior entendimento, aguçando a memória. Ao refletir sobre o significado das fotografias para Nair, surgiram alguns. Ao perceber as diferentes reações dos colegas diante de sua fala, as fotos talvez ajudassem a comprovar. Olhar-se ou localizar-se naquele cenário, e mesmo diante do que ele significou para o sujeito – é visualizar e compreender qual espaço que ocupa na sociedade. Registrar aqueles momentos era mais prova diante o inimigo, e afinal, quem são os inimigos?

Partindo de algumas evidências, passamos a levar registros fotográficos do dia. Como os demais professores se sentem e reagem diante as fotografias do dia? Para aqueles que o vivenciaram ou não, ela tem um significado, assim como para Nair.

Mostrou-me, com certo orgulho por ter conseguido pelo menos alguns registros, queria ter mais, mas o desespero em ser identificada como professora entre meio os policiais não permitiu. Nelas não estão às conversas dos policiais que Nair escutou,tudo o que viu, nem os gritos, o barulho das bombas, a fumaça e o medo. Porém, as imagens têm um significado singular ao analisar a entrevista.

⁹NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rubia Mara Tadiotto.

¹⁰KOSSOY, Bóris. **Fotografia e História**. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, p.32.

Justifica que pouco olha, porque seguindo orientações de sua psicóloga, quanto menos tocar no assunto ou relembra-lo, mais rápido seria sua recuperação pós-traumas. E foi isso que Nair tem feito, segundo ela. Porém, durante a entrevista, apesar da orientação, em nenhum momento mostrou-me esquecimento sobre as marcas do seu corpo, tanto físicas como psicológicas, a humilhação diante o perito, dentre outras situações pessoais decorrentes do fato.

Todo o resto, encontra-se na sua memória, algumas exaltadas e outras evitadas. Dizem que a memória é seletiva, e de fato, pode ser. Sua localização e vivência no confronto, suas dores, as tentativas – muitas fracassadas - de denunciar a arbitrariedade do governo de diversas formas, o não retorno às atividades normais pós greve para dedicar-se a tratamentos intensos buscando sua recuperação, sobressaiu a todas as outras questões que envolvem uma greve. Pouco fala sobre os motivos que deflagrou a greve. Pouco lembra como foi o seu processo e os ataques incessantes para com a categoria. Ignora os conflitos existentes entre seus colegas professores, por alguns deles compartilhados posteriormente. Denuncia o posicionamento de parte da comunidade, mas não relaciona com a falta de apoio. A impressão que me é dada, é que Nair, pode até tentar evitar conversas e pensamentos que remetem a greve, fazendo-se esquecer de alguns detalhes, porém, suas marcas físicas e psicológicas não deixam. Ela compartilha comigo o que se sobressai na sua memória. E as demais memórias o que tem a compartilhar?

É a partir do diálogo entre as fontes, das evidências junto da utilização dos referenciais teóricos e metodológicos aqui apresentados que permitem a construção desta pesquisa que se organizará em dois capítulos. No primeiro capítulo, tem-se por objetivo caracterizar a greve dos professores em 2015. Para compreender o universo da greve, busca-se evidenciar o que acarretou o acontecimento, as suas pautas, a sua organização e deflagração, identificar a partir dos conflitos de interesses quem é o inimigo da educação e dos trabalhadores, refletir sobre a durabilidade, as negociações e as motivações para o seu fim. Compreender como foi a relação estabelecida entre a comunidade e os professores, a partir da exigência e disseminação de mentiras por parte do Governo. Não que esteja desgarrado do fato, muito pelo contrário, por isso, analisaremos com afinco. Neste sentido, criou-se uma narrativa sobre o fato a partir na

análise das entrevistas, ressaltando as memórias e os sentimentos acerca do massacre do dia 29 de abril.

No segundo capítulo, o esforço é compreender o resultado da greve na vida dos trabalhadores e como se dá o retorno das atividades diante as tensões. E principalmente, é analisarmos as alterações na dinâmica de vida dos trabalhadores e identificar que tipo de sujeito sai de uma greve, especialmente esta que visualizaram um rolo compressor se aproximar dos direitos duramente conquistados. Para isso identificaremos os acordos que ainda não foram cumpridos, as perdas dos trabalhadores e como lidam com elas, buscaremos compreender o que significou o dia 29 de abril e como o avaliam. Ressalta-se que, diante da análise sobre as alterações de vida de alguns entrevistados, o conceito de estigma será explorado.

CAPITULO I: O UNIVERSO DA GREVE

Nessa trajetória do Estado e mesmo do município sempre nos movimentos, na luta né! E a gente tem que resistir lutando e essa é a função que a gente tem (...) tudo o que a gente conseguiu dentro das nossas carreiras é foi através de muita luta, nada foi dado de graça, através de muita luta e muita resistência. (Judite – Professora do Estado do Paraná).

Relendo as experiências e memórias compartilhadas, peguei-me contando o verbo lutar e suas conjugações, isso porque se destacaram em todas as páginas. Inicialmente foi por curiosidade em saber quantos tinham e, neste processo passei ler com calma para entender o que estavam associando ao verbo tanto citado – aproximadamente duzentas vezes. Queria entender qual a noção de luta para estes trabalhadores, pois, é necessário saber a dimensão que dão a ela para compreender inclusive as entrevistas. Afinal, suas trajetórias profissionais, o plano de carreira, os direitos, as condições de trabalho e a docência na sua totalidade associam à - muita - luta. Parece-me uma categoria de profissionais que está permanentemente na luta,

inclusive muitos se referem a si e demais colegas como *lutadores*. Ressaltar este conceito a partir da narrativa destes professores é simbólico e importante. Estes trabalhadores sintetizam para luta as diversas formas de resistência e conquistas; o trabalho diário na escola, incluindo todas as suas especificidades— tempo adequado para planejamento da aula, formação adequada e assistência necessária para atender a diversidade de sujeitos e funções do ambiente escolar – que também, transpassa a sala de aula: as paralisações, as caminhadas e as greves, esta última se destaca, afinal, o histórico de greves e estar em estado de greve na carreira dos trabalhadores da educação do Estado do Paraná é longo.

Percebe-se o que é a luta para estes trabalhadores, os desafios diários da prática docente e principalmente, os atos de resistência e organização da classe diante os retrocessos, ou então, na busca por melhorias. E, diferente do que muito se acredita, as questões que envolvem a luta desses trabalhadores não são meramente – ou exclusivamente – econômicas. Existem muitas questões morais, éticas e indignações que envolvem estes acontecimentos. Nenhum dos enfrentamentos, tanto os diários, como aqueles que necessitam da organização de união da categoria são fáceis, ou então, com efeitos imediatos. Todos eles, com suas ações contínuas, estes processos corroboram para mudanças efetivas na sociedade. No entanto, algumas geram maiores exigências e desconfortos, ao ponto de ser percebidas por muitos, como o último recurso a ser utilizado, porém “*A greve passou a constituir a principal arma de batalha da emancipação do trabalhador*”.¹¹ Neste sentido, apropriar-se dessas formas de resistências tão necessária diante a relação que a maioria dos governantes estabelece com a educação. Contudo,

“Quem estuda o problema da greve, não pode deter-se apenas em seu sentido formal e nas conseqüências diretas e nos objetivos que procura atingir. Não devemos verificar somente o choque entre os interesses do empregado e do empregador, pois que os abalos produzidos por tais conflitos não se circunscrevem, desgraçadamente, ao limitado âmbito donde nascem e se desenvolvem. Há que considerar os reflexos que produzem em outras camadas da atividade, desdobrando-se e agravando a vida coletiva.”¹²

¹¹ OLIVEIRA, Carreiro de. O Direito de Greve. Editora: Do Autor. 1958, pg. X.

¹² OLIVEIRA, Carreiro de. O Direito de Greve. Editora: Do Autor. 1958, pg. 56.

Sabemos que a greve na prática produz efeitos diversos, sejam eles de imediatos ou de longo prazo. Reflexos de ordem econômica, política, sindical. Um deles, que pode ser considerado de ordem social, que possivelmente colabora no processo de construção da consciência política dos sujeitos e um entendimento maior sobre sua classe. E antes de adentrar aos reflexos do retorno e as implicações na vida individual e coletiva, surgiu a seguinte reflexão, que não detém sobre o universo da greve a ser analisada, mas experiências de alguns participantes dela, os quais julgaram necessária ressaltar suas trajetórias como fundamentais para terem participado e avaliado esta greve. É ressaltar como a consciência vai se construindo na sua trajetória através da materialização dos enfrentamentos, como as greves, por exemplo.

Miguel Forlin, professor de Matemática aposentado, dono de cabelos brancos e uma barba grisalha, no rosto as marcas do tempo, na memória as muitas lembranças de experiências vividas e foram elas que, possibilitaram a reflexão de como as trajetórias são importantes para a compreensão de quem é ele e porque rememora de determinada maneira. Desde o início mostrou-se disposto em ceder uma entrevista. O primeiro contato se deu no dia 15 de março de 2017, indo à Curitiba com os demais professores do Sudoeste do Paraná, para as atividades de protestos contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que tinha por objetivo impor um teto de gastos públicos para os próximos vinte anos. Já era tarde da noite e pouco se falou no ônibus, mas não deixaram de relembrar o ano de 2016. Miguel era o que mais falava, certifiquei-me de quem era com meus pais, e no amanhecer, durante a parada para o café da manhã, solicitei sua atenção, afinal, o clima parecia propício para falar sobre o tema da dissertação. Combinamos de que entraria novamente em contato para marcarmos a entrevista e por fim, a escolha do lugar foi de Miguel, a sala de reunião da APP – Sindicato do Núcleo de Francisco Beltrão e lá, percebi o quão significativo e representativo era aquele lugar para ele. “Esse lugar é a minha segunda casa” disse ao adentrarmos ao local, afinal ocupava o cargo de presidente daquele núcleo sindical. Sem nem ainda ter sido arguido, gravador desligado, Miguel deslança a fala. Acomodados e em uma conversa onde houve pouquíssimas interrupções, compartilha suas memórias com muita avidez. Não carece de muito esforço para contar os detalhes. Tenta estar sempre atento às datas, nomes e pautas. Essa facilidade pode estar relacionada, durante a entrevista, em sua trajetória profissional, há qual muito se

orgulha. Essa memória que ele optou em ressaltar, não significa o esquecimento de outras, mas foram a partir delas que o possibilitou fazer uma análise de sua última greve. São esses enfoques que possibilitam perceber como Miguel se vê e como se revela. Conta que foi: *estudar eu já era vinho né, eu era barbeiro na verdade*¹³, e chama a atenção para sua vida como barbeiro, avalia, em suas palavras que era alienado, pouco se informava, apenas por jornais que chegavam a barbearia, que para Miguel, foram influências para seu pouco conhecimento referente às questões políticas, um momento histórico marcado pela censura, restava ler o que chegava ao interior. Mas tinha em mente, iniciar uma graduação. Decidiu-se por fazer licenciatura, desejava ser docente.

No início de sua carreira profissional, logo sente na pele as dores e alegrias em ser professor. Com licenciatura curta em matemática, realizou um concurso em 1979, concurso este, que para Miguel foi uma conquista da categoria em 1978, fruto do movimento organizado pelos professores no Governo de Canet Junior e, ainda resalta *eles não tinha direito a greve né, época da ditadura*¹⁴. Lembrando que, este período, o Brasil ainda sendo comandado por militares, a greve não tinha amparo judicial. Porém, sempre existiram para a defesa do trabalhador e por muitas vezes reprimidas pelo Estado. A Constituição Federal, a Lei nº 7.783/89 de 28 de junho de 1989, nos mostra, sem dúvidas, uma das conquistas mais importantes para os trabalhadores, pois assegura o seu direito a greve, podendo exercê-lo a fim de defender seus direitos e interesses. Miguel e os demais professores, por diversas vezes, ressaltam esta conquista.

O maior entendimento, sobre seus direitos, passou a ser compreendido por Miguel no processo de inserção na docência. Mal colocado no concurso devido a sua formação, aguarda para ser chamado, ainda trabalhando na barbearia. Somente em 1981, após outro movimento de greve, está com mais adesão, onde professores saíram pelas ruas exigindo alguns direitos como a cobrança do 13º salário, ainda negado aos professores e também, pela chamada dos remanescentes do concurso de 1979. Miguel assume. Inicialmente busca complementar sua graduação em licenciatura plena, por isso, ainda estava morando e trabalhando em Irati. E no ano de 1986, finalizando sua complementação, deflagra-se outra greve. Caso aderisse, seria a sua primeira enquanto

¹³MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

docente. Na sua cidade ninguém aderiu ao movimento, no entanto, desloca-se com ônibus de linha para Curitiba local em que teria a concentração dos professores e já na sua chegada encontra-se com alguns conhecidos e se junta ao movimento, relembra.

Em 1986, durante o governo de João Campos, vice-governador de José Richa, que deixa o cargo em meados de maio daquele ano, a inflação descontrolada leva os trabalhadores da educação a mais uma greve por salários. Teve durabilidade de um mês, em consequência das infrutíferas tentativas de negociação com o Governo. É realizado acampamento em frente do Palácio Iguazu exigindo a elevação do piso salarial tanto para professores celetistas e como estatutários. O movimento termina com o acordo em torno do piso de três salários mínimos.

Para sua trajetória pessoal esta greve foi um divisor de águas na sua vida, avalia hoje. Além das conquistas e por ter sido a primeira greve em que participava ativamente, essa experiência quebrou algumas barreiras de conceitos perante a sociedade. Não apenas para Miguel, a professora, já aposentada, Rosilane também avalia desta forma:

teve um outro período que me marcou e que eu achei assim, a maior, a maior prova que a união faz a força, o maior exemplo, de... de união e de organização sabe aonde que eu fui achar? com o pessoal do MST, com o pessoal do Sem Terra que estavam acampados na frente do Palácio Iguazú, um dia nós estávamos, acredito que uns 30, 40 mil professores indo em caminhada pra Assembléia...”¹⁵

Por que, para ambos, diante esta greve que fora marcada por diversos fatores, se sobressai tal encontro? A possibilidade de viver esta experiência compartilhada com participantes de outro movimento social, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST redimensionou seus olhares. Miguel pouco conhecia sobre o MST e, o pouco era a versão estereotipada, formada a partir dos noticiários que tinha acesso. Rosilane também. Porém, ao dividirem os mesmos espaços, mesmo diante de diferentes reivindicações, perceberam-se semelhantes aos demais, assim como a sua luta pelos seus direitos era legítima, a do outro sujeito também era. Ou seja, passaram se sensibilizar com a própria condição e a dos seus companheiros.

A relação estabelecida entre todos os trabalhadores no movimento foi se entrelaçando com o passar dos dias, estavam dividindo as mesmas lonas, os alimentos,

¹⁵ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

as cobertas, professores fizeram do acampamento salas de aula para os filhos dos assentados, mas principalmente, corroborou com a possibilidade de colocarem-se um no lugar do outro. Compartilharam e identificaram entre si, sonhos, dramas, frustrações e medos. Eram sentimentos diferentes sendo divididos.

Miguel e Rosilane que estavam vivenciando a primeira greve e avaliam este contato como primordial para as escolhas que passaram a fazer. Esta experiência social proporcionou outra perspectiva diante os demais movimentos sociais, desmistificando aquela versão estereotipada e aprenderam que, todos aqueles trabalhadores, ocupavam a mesma praça e tinham um adversário em comum. Compreenderam ainda mais a importância da unidade e resistência. Ambos demonstram que estes contatos são de suma importância para o desenvolvimento da sua consciência de classe e um entendimento maior sobre seus direitos. Por isso, o “divisor de águas”.

Esta entrevista além de delinear um histórico de luta vivenciado pelos professores do Paraná, desde a década de 1980 até agora, possibilitou inclusive perceber as artimanhas utilizadas tanto pelo governo, quanto pelos professores diante esses enfrentamentos. Miguel sente-se orgulhoso por estar presente em todas as greves. Faz questão de falar da sua ficha funcional que também, é sinônimo de orgulho. Compartilha que ela é muito importante na sua trajetória. A ficha funcional é um registro, que possibilita o acesso às informações históricas referentes férias, averbação, ausências que o servidor possui.

Um dia numa escola eu comentei porque alguém comentou sobre o medo da falta e eu peguei a minha ficha funcional que eu tenho dentro da outra agenda anterior a essa, eu coloquei a, ah, mostrei aquelas faltas e disse cada falta dessa representa um troféu, porque cada falta dessa é fruto, é, foi por meio dessas faltas que a gente avançou, nós tivemos muitas conquistas graças a essas faltas... se o povo tivesse medo da falta não teria tido conquista”¹⁶

Ameaçar os trabalhadores a partir das faltas é um instrumento utilizado constantemente pelo governo, na tentativa de pressionar os trabalhadores e reprimir os movimentos grevistas. Em contrapartida, Miguel utiliza-se da sua ficha funcional e seu plano de carreira para o convencimento sobre a adesão de uma greve. Ressalta-se que após a transformação da Associação em Sindicato passou-se a negociar as faltas, elas

¹⁶MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

normalmente não eram mais descontadas, porém, elas implicam diretamente no avanço do plano de carreira, o que por vezes, amedronta o trabalhador.

Pode-se compreender que este sujeito, ao enfrentar constantemente diferentes ataques no seu trabalho e vivenciar tantas mudanças, pode forçá-lo a reformular projetos para a sua vida e resistir às pressões e os limites impostos a ele. Ou seja, faz-se necessário investigar o processo histórico vivido pelos sujeitos. Deve-se identificar e analisar as alterações no modo de vida dos trabalhadores, fundamentadas em regras, princípios, tradições, valores, que por vezes, é o que move o sujeito histórico em sua ação. No caso de Miguel, adentrar à docência, mudando seu espaço de profissão e atuação, sofreu alterações imediatas do seu modo de vida. Avaliou constantemente suas posições e também, os enfrentamentos. Percebeu que ser professor era para além da sala de aula, ser professor com dignidade e melhores condições de trabalho exigia mais, era necessário resistir aos enfrentamentos, e também agir.

E no intuito de compreender e adentrar ao universo de uma greve tão marcante como a de 2015, entende-se que temos que analisá-las a partir de um olhar aprofundado e buscando extrair dela o que queremos atingir e deixar desta greve também.

Aprofundar-se-á durante esse capítulo diante o seu objetivo – analisar e compreender o sentido literal de uma greve para os que a vivenciam, os trabalhadores. Para isso, esmiuçamos o que envolve esse acontecimento, de como se constrói, a vivência e finda uma greve e problematizá-la. Apresentou-se muito mais complexo problematizar uma greve do que aparentava-se inicialmente, ao menos para mim. Pude perceber que temos clareza do seu significado e até podemos conceituá-la, sempre buscando enaltecê-la como direito conquistado através de árduas lutas, ou então, situar a sua importância diante o sistema econômico e de um estado liberal burguês. Não que não tenham – tem de sobra – motivações, no entanto entrar em greve tem suas formalidades. É necessário organização, legalidade e o planejamento diante as motivações ou os fatos que forcem o seu início e o seu fim, até porque, toda greve que inicia é com o objetivo de se findar. Sabemos também que é uma arma de coação por parte daqueles que estão sentindo-se vulneráveis ou então, para aqueles que, em constantes agitações atentam-se para o papel relevante do trabalhador e sente-se explorado¹⁷. Porém, pouco se sabe e discute sobre os conflitos vivenciados internamente

¹⁷ OLIVEIRA, Carreiro de. O Direito de Greve. Editora: Do Autor. 1958.

pela categoria; sobre os reflexos causados na vida – no âmbito coletivo e individual – destes trabalhadores. São eles que vivenciam e submetem-se, mesmo diante da possibilidade de muitos prejuízos, as confrontações. São eles que têm sua dinâmica de vida alterada.

Nesse sentido, a complexidade cabe em entender estes sujeitos permeados por especificidades que influenciam diretamente suas escolhas e avaliações. Donos de trajetórias díspares, o que assemelha de imediato estes sujeitos é a profissão que exercem e a categoria que pertencem. Porém o caminho trilhado até ela e por ela foi/são feitos de formas diversas, por isso, cada sujeito atribui significados distintos diante cada fato. Compreender as experiências e as análises feitas por estes sujeitos e, contribuir para a síntese histórica é um processo difícil, afinal, todas elas são encadeadas por uma sucessão de situações e circunstâncias diferentes que os fazem entrar em contradições, exaltações e esquecimentos. É por isso que, levar em consideração todas as trajetórias é ímpar para compreender o sujeito, suas ações e escolhas é crucial para o entendimento do fato, o qual foi o mesmo para todos, mas vivido, lembrado e com significados diferentes.

Levar em consideração essas experiências para além de valorizá-los enquanto sujeitos históricos, junto da sua trajetória, têm-se acesso aos pequenos detalhes e lembranças, muitas vezes tão sensíveis que podemos compreender e avaliar nossas próprias experiências. São a partir delas que nós reavaliamos nossas práticas e pensamentos constantemente. Essas memórias nos permitem compreender como o sujeito se avalia, nos dando acesso ao seu tempo, sua educação, sua classe, e a importância desses acontecimentos, principalmente para a construção da sua consciência de classe, esta, intimamente ligada com as experiências vividas pelo sujeito. Isto resulta em uma categoria permeada por especificidades e como historiadores, a função é analisá-las criticamente e estabelecer um diálogo entre estas memórias. São elas que nos possibilitam avançar na compreensão das experiências dos trabalhadores, bem como perceber a forma com que este sujeito se conecta com o acontecimento: como é, como se vê, como gostaria de ser. E por fim, o que é de fato estar, viver e sustentar um movimento de greve? Espera-se que este capítulo consiga transparecer o sentido literal da greve.

Por isso, antes de adentrar ao universo da greve, elucidou-se algumas questões a

partir da banca de qualificação. Sob olhares atentos ao texto, orientaram sobre algo que aparentemente deveria ser o mais fácil de perceber, mas eu não havia percebido a falta de clareza na objetividade em relação às pautas da greve e os acontecimentos, em relação à própria memória dos trabalhadores e ao texto. E de fato estava uma bagunça. Pontuei então o que cada um ressaltava sobre o que o motivou a entrar em greve e ir além da pauta. A confusão estava ali também. Apesar de termos um roteiro de questões previamente estabelecidas, a grande maioria delas não foi seguida, e por diversas situações, cada uma delas foi acontecendo de acordo com a vontade de fala. Alguns não esperaram fazer perguntas ou ligar o gravador. Algumas ignoraram as perguntas e falaram o que queriam falar. Outros auto avaliaram-se, e também, teve aquelas que foram literalmente um desabafo. É conveniente observar que nenhuma delas está no mesmo padrão.

É isso que é preciso explorar, pois existe uma disparidade, sobre o que foi votado na assembléia e o que lembram sobre o que os motivou a participar da greve, e na grande maioria dos entrevistados, de maneira tão inteira. Dito isto, e também, pela memória não se organizar de maneira linear, a estrutura a ser desenvolvida neste capítulo, que constrói o universo da greve, considera necessário ordenar as confusões que a permeiam para então explorá-las. Por isso, adentraremos nas motivações e seguiremos para o processo de eclosão, como foi vivê-la, e o que os impulsionou para sair. Desde os seus antecedentes e motivadores, analisar como foi o desenrolar da greve diante a organização, à comunidade escolar, as tentativas de negociações, o prolongamento de sua duração e a adesão da categoria. Estabelecer e definir quem são os adversários dos trabalhadores. Como se deu a resistência diante as pressões e intimidações e o que levou ao fim. Quais são os ataques? O que os motivou a sair?

1.1. Motivações

Na busca por identificar quais foram as pautas que fomentaram a eclosão da greve de 2015 a partir da memória dos professores, percebe-se que, o ano de 2015 já indicava iniciar com maiores dificuldades de funcionamento por alguns acontecimentos em 2014. Destaca-se que não foram todos que ressaltaram ou fizeram relações, mas elas

apareceram e é de suma importância compreender, inclusive para entender quais eram as expectativas dos professores naquele início do ano letivo.

Com efeitos, o ano de 2014 também foi intenso ao se tratar de negociações e enfrentamentos. Meados de abril, de acordo com a APP – SINDICATO iniciou-se uma greve tendo como reivindicações atender as demandas urgentes para a categoria já apresentadas e dialogadas. Dentre elas: um novo modelo de atendimento a saúde, pelos descontos no auxílio transporte e o fim do corte daqueles que estavam afastados por licença médica, pela não implantação dos 33% de hora-atividade que deveria acontecer no início do ano letivo, pela implantação do Piso Nacional para professores e funcionários, o pagamento das promoções e progressões em atraso e melhorias no processo de contrato de PSSs.

A gente teve uma greve de uma semana em 2014 né, é que o governo não esperava que a gente se reunisse tão rapidamente pela luta dos direitos e em uma semana ele teve que negociar com os professores pra que a gente pudesse sair da greve, não era um bom ano pra ter uma greve porque era o ano de eleição né, então em uma semana a gente conseguiu resolver os problemas da greve, em 2015 com o governo já reeleito teve um outro desfecho né.¹⁸

Foi uma greve em que, tinha-se como pauta reivindicações de manutenção, melhorias e retomada de alguns direitos conquistados ao longo dos anos. Rapidamente o governo se dispõe à negociação e na segunda reunião entre a APP-Sindicato e o Governo do Estado, a direção da APP – Sindicato avaliou que tiveram avanços na negociação diante as propostas deferidas. Atenta-se para que, pouquíssimas pautas foram atendidas, fora feito acordos diante propostas. Mesmo sem muitas garantias, a avaliação da diretoria do sindicato apresentou-se favorável. Por fim, em assembleia, a greve se finda e o governador continua na sua caminhada rumo à reeleição. Já na garantia do seu segundo mandato o governador passa atender as suas prioridades e pretensões.

Ainda em outubro de 2014, o governo já havia mandado para Assembleia Legislativa, uma mensagem que tratava sobre a prorrogação dos mandatos dos diretores para mais um ano, ou seja, a eleição não aconteceria mais no final de 2014, mas sim, no

¹⁸ CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

final de 2015. Posteriormente, o governo estadual do Paraná enviou para a Assembleia Legislativa os projetos leis que visavam ampliar a arrecadação de impostos no estado do Paraná, como projeto lei 513/2014, que aumentava as alíquotas do IPVA e ICMS. Neste conjunto de projetos a APP Sindicato apontava para dois que atingia a categoria, a PLE 511, que acabavam com a isenção de contribuição previdenciária dos aposentados, o que acarretaria em um desconto de 11% no contracheque; e o estabelecimento do teto de aposentadoria, tendo como padrão, o teto estabelecido no INSS.

No final do ano letivo de 2014 o governo anunciou aos PSS, professores contratados de forma temporária, que somavam aproximadamente 29 mil professores, que teriam seus contratos encerrados e também seus salários daquele mês e indenizações de término de contrato não seriam pagos. Sem dúvidas, essa ação prejudicaria não somente os professores, mas também, o andamento dos colégios e do ano letivo em si. Percebemos através dos apontamentos de Nair, que um dos motivos importantes tratando-se das motivações para participar da greve, foi o efeito colateral da rescisão dos professores contratados em regime de PSS.

(...) lá na casa familiar aquele 2014 né, ele já não abriu o primeiro ano, o final né, que seria pra abrir pra 2015, então ele começou por lá, fechando as turmas, fechou... o primeiro ano lá não abriu daí pra 2015... as... aqui no José de Alencar, uma terceira série, alunos que vinham de longe, do interior de ônibus, teve alunos, fecho a terceira série, então ele começou assim, o governo fechando, daí não tinha como você não lutar por essas coisas que ele tinha tirado () número de turmas, não pagou a nossa data base (...).¹⁹

A medida adotada pelo governo, não só reduz o número de turma e deixa milhares de professores desempregados e com salários atrasados, as implicações avançam para todo o andamento escolar. Na medida em que reduzem turmas, superlotam salas tornando ainda mais difícil o processo de aprendizagem. Reduzindo os contratos para profissionais da equipe pedagógica, reduz o atendimento aos pais e professores e conseqüentemente acumulam-se problemas. A redução das contratações

¹⁹ NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

dos agentes educacionais I²⁰, que fazem a assessoria nas dependências dos laboratórios, biblioteca, secretaria. E por fim, contratado menos agentes educacionais II²¹, reduz a possibilidade de um ambiente escolar produtivo, acarretando na falta de merendas, pátios, salas e pavilhões que acumulam a sujeira gerada no dia a dia. Não se deve deixar de mencionar que, para aqueles que ficam: a sobrecarga – intensa – de trabalho.

O diretor do Colégio Mario de Andrade me falou o seguinte quando eu terminei a fala dos professor: Miguel, segunda-feira, que seria o início das aulas (...) o Mario de Andrade, que é o maior colégio de Francisco Beltrão não começa as aulas, com greve ou sem greve, que não tem como o colégio, abri o colégio sem agentes, serviços gerais, sem pedagogo, não tem como chamar os alunos sem merenda, porque desde novembro essa escola não recebe fundo rotativo, então essa escola não começa as aulas, a assembleia defina ou não greve, mas essa escola não tem aula, no primeiro dia não vai ter, quando todas essas coisas forem resolvidas, daí vai funcionar né”.²²

Miguel, ao visitar as escolas na semana pedagógica nos traz a versão do seu diálogo com o diretor de um dos maiores colégios da rede estadual da cidade de Francisco Beltrão. Ele nos trás outro efeito colateral das medidas adotadas pelo governador Beto Richa no final de 2014. O que se ressalta aqui é o sucateamento que se estende para o funcionamento geral da escola. Havia ainda, as últimas parcelas do Fundo Rotativo – desde o ano de 2014 e também de 2015 – para quitar. O não pagamento do Fundo Rotativo resulta na falta de merenda, materiais pedagógicos e produtos de serviços gerais. Isso afeta diretamente a eficácia de um bom ano letivo, devido à demanda e diante essas condições, torna-se insustentável manter uma escola com as portas abertas.

Os professores QPM (Quadro Próprio do Magistério) que ainda não haviam recebido um terço de férias que somava aproximadamente o valor de 130 milhões de reais, também se encontravam em desvantagem em relação do plano de carreira e, a defasagem salarial. Através da APP–Sindicato alguns representantes tentaram dialogar para haver uma negociação com o governo durante todo o mês de janeiro, e este, não

²⁰ A denominação do cargo agente educacional I engloba as seguintes áreas de concentração: manutenção de infra-estrutura escolar e preservação do meio ambiente; alimentação escolar; interação com o educando; apoio à administração escolar e apoio operacional.

²¹ A denominação do cargo agente educacional II engloba as seguintes áreas de concentração: administração escolar e operação de multimeios escolares.

²²MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/201, por Rúbia Mara Tadiotto.

aceitou negociar. Percebe-se que em relação aos profissionais da educação e a estrutura escolar, o cerco foi se fechando no final de 2014 e intensificando-se em 2015.

O professor Miguel, que, já aposentado da sala de aula, ocupava o cargo de presidente da APP – Sindicato Regional em 2015 – durante sua entrevista em 2017, ainda exercendo essa função, falou uma frase que de imediato chamou a atenção, referente ao governador e de *como ele chegou final do ano e não cumpriu o pessoal já tava pronto né*²³, penso que aqui está se colocando enquanto Sindicato, existia sim indícios que seria um ano difícil, porém, superou a expectativa e surpreendeu a maioria dos entrevistados.

o ano de 2015 foi um ano atípico né, porque a gente iniciou o calendário escolar em greve (...) em um momento em que a gente vinha negociando os direitos, e aí vem o pacote né pra retirar muitos direitos conquistados e um projeto que vem sendo colocado da noite pro dia, votado na surdina, então a gente vivencia um início de ano complexo, porque a gente vai pra formação e sai dela em greve né, então... aonde eu trabalho pelo menos a gente não tava vislumbrando o início de uma greve no início de um ano letivo, mas por forças das circunstâncias governamentais a gente teve que entrar em greve naquele momento.²⁴

O ano de 2015 ficou marcado na memória dos professores do Estado do Paraná. Por duas vezes naquele ano foi decretado greve, e por duas vezes, a greve teve forte adesão da categoria. O que os motivou a entrar em greve? Não foram todos que falaram diretamente o que os motivou a participar da greve, mas todos em algum momento demonstraram o que aquela greve significava. Acentua-se que, uma surpresa parece ter tomado muitos professores quando se lembram daquele início de ano, que, por tudo o que já estava acontecendo, alguns acreditavam talvez, que não pudesse piorar

A professora de filosofia, Cristiana, a entrevistada mais jovem deste trabalho, hoje com 37 anos, ingressou na carreira através do PSS em 2008, ficando um ano sem conseguir aulas quando em 2012, assume o seu primeiro concurso. Ao falar sobre sua trajetória conta que, desde sua graduação, cursada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE participava de movimentos grevistas e de paralisação. Muito serena em toda a entrevista, atenta-se a todo o momento articular as ações dos professores e do sindicato com as leis e direitos dos trabalhadores. Sua motivação se

²³MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

²⁴CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

aproxima dos demais, ressalta que diferente da greve de 2014 que era um compromisso não cumprido pelo governador, em 2015, além de ser uma retirada de direitos *muito mal pontuada*²⁵ e pela gravidade do que apresentava-se no projeto, um ataque ao trabalhador e a educação como um todo, pois alterava tanto o plano de carreira dos professores, como também o porte das escolas. O projeto passou a ser chamado de pacote ou tratoração, primeiro significando a retirada de uma série de direitos do plano de carreira dos professores e o segundo, respectivamente, era um termo identificado pela rapidez com que o governo e os deputados governistas tiveram para colocar em votação as mudanças do plano de carreira dos professores.

Aqui, ressalta-se que, a partir das entrevistas tornou-se difícil pontuar e trazer todas as propostas contidas no que chamaram de “pacote”. Através delas conseguimos pontuar pouquíssimas pautas. *O que foi que eclodiu a greve... ahh, é, quando tinha o pacote ali que o governo teria né, que ele lançou, queria tira os quinquênios, anuênios, ahh, o fundo de previdência... uma série de coisas*²⁶. Muitos falam em uma retirada absurda de direitos, mas poucos os que explicitam quais. O que aproximou de imediato todas as entrevistas sobre as motivações para esses professores entrarem em greve foi à reforma da previdência proposta pelo governo existente no pacote. O que chama a atenção é que também, poucos explicaram o que era proposto nessa reforma. Miguel, que, na época era o Presidente da APP-Sindicato Regional, foi para além do: o ataque à nossa aposentadoria.

um dos principais motivos foi a assalto a nossa previdência (...) é, ah, ah mão grande na previdência dos professores que eram 8 bilhões e 500 milhões, é bastante dinheiro, então, o que que fez, ele deu uma recuada e diz, vamos fazer o seguinte, vamo paga com o dinheiro da previdência, todos os professores aposentados que nunca recolheram pela Previdência, que recolhiam pelo tesouro, não é que eles não tivessem direito, eles tinham recolhido, mas daí ele não pagava mais com o tesouro e sim, daí o dinheiro do tesouro fica pra eles fazerem o que eles bem entendem e daí eles seriam pagos com o da previdência, isso ai importa todo mês em 140 milhões. Então, se ele não pegou numa vez a mão grande a nossa previdência, ele pega todo mês 140 milhões... mas os educadores e funcionários de modo geral, funcionalismo, recolhe 80 milhões todo mês, porque eles continuam descontando, então, recolhe 80 saí 140 tem déficit de 60 milhões ai... isso é todo mês. Então nós, a gente faz assim a grosso modo imagina que dentro de

²⁵CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

²⁶MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

poucos anos vai terminar também o dinheiro da previdência e daí como é que o Governo vai (...) a gente tem que pensa nas conseqüências que vai acontece, no momento que não tive mais de onde pega o dinheiro pra paga todos da ativa e também os aposentados.²⁷

Na linguagem formal, o projeto de Lei 60/2015, do Governo do Estado, que compunha o pacote provocaria uma brusca e intransigente alteração orçamentária que, além de um choque de interesses e conflitos, causaria um profundo impacto sobre os direitos duramente adquirido desses trabalhadores, isso porque, o projeto visava principalmente o ataque ao Paraná Previdência, o qual foi criado no intuito de eximir o Estado da responsabilidade de pagamentos de proventos e pensões. A pretensão do projeto tinha como um dos objetivos poder, segundo a análise feita pela Diretoria da OAB/PR:

desvirtuar todos os fundos públicos existentes, acabando com a destinação específica dos valores que os compõem, e que justificaram suas criações, para permitir que sejam empregados no pagamento de qualquer item orçamentário, projetando, sobretudo, um inaceitável retrocesso no sistema previdenciário paranaense²⁸

Ou seja, a intenção era poder sem maiores esclarecimentos ou satisfações, utilizar esse valor do fundo previdenciário dos servidores públicos. A justificativa de Rosilane em relação a este decreto era de que *o único lugar onde tinha dinheiro era na Previdência né, o desconto do nosso, nosso salário, porque era descontado, quanto dinheiro que ele desconta do nosso salário né Rúbia?!²⁹*, além do rombo previdenciário, essas ações podem causar interferências difíceis de reverter, dentre elas as finanças, que, ao ficarem desequilibradas e sem maior fiscalização pode-se perder a magnitude do que isso ocasionaria *então, quando a gente ficou sabendo, nós já começamos organizar né³⁰*.

Na busca em tentar compreender como se deu o processo de construção da greve, evidenciou-se nos fragmentos, qual foi à principal motivação utilizada por professores ou então por representantes do sindicato das escolas. Antes de analisar este

²⁷MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

²⁸In.:<https://www.oabpr.org.br/oab-parana-divulga-nota-publica-contra-o-chamado-%C2%93pacotaco%C2%94/>. Visualizado em 10/01/2019.

²⁹ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

³⁰ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

fragmento, achamos interessante entender como se dá o processo de mobilização, convencimento, divergências, ações e conseqüências dessas ações políticas na vida desses trabalhadores. Parte disso está associada ao papel do professor representante do Sindicato da escola, que deve executar algumas funções, e para entendê-las e compreender como os professores se organizaram para isso, tentaremos compreender como se estabelece a estrutura e organização sindical na escola.

A greve dos professores passa necessariamente pela organização sindical, tanto do ponto de vista da legalidade, como também para a organização operacional da mesma. Na escola encontram-se os sindicalizados, na maioria delas, existe o “cantinho da APP”, espaço no mural reservado para os recados, jornais, panfletos e campanhas do sindicato. Na escola também está à base da direção sindical, os representantes de Escola do sindicato. Cada escola deve ter um ou dois representantes, escolhido pelos profissionais de educação do local, que realizaram o intermédio entre os profissionais sindicalizados da educação das escolas com a instância superior da organização sindical. A esse representante atribui-se também uma tarefa política, organizar a formação política, fomentar o debate de questões da categoria, intervir oralmente em momentos que se exigem posicionamentos políticos, como por exemplo, períodos que antecedem campanhas sindicais, assembleias, paralisações e greves.

Todos os municípios possuem o representante municipal da APP que é aquele professor ou funcionário que legalmente responde pela Direção da entidade quando se faz necessário, além de mobilizar a categoria. Em cada região, assim como a SEED, a APP tem sua estrutura em um município, denominada de Núcleo Sindical Regional - APP Sindicato. No sudoeste do Paraná, a Sede da APP Sindicato é em Francisco Beltrão: Núcleo Sindical da APP Sindicato de Francisco Beltrão. Pensando na estrutura do governo do Estado, os Núcleos de Educação de Dois Vizinhos e Francisco Beltrão abrangem um total 27 municípios situados em seu território. Ainda no sudoeste, há o Núcleo Sindical de Pato Branco que abrange mais 15 municípios.

A explanação da estruturação de movimentos grevistas e da conjuntura política é necessária, pois são estes aspectos que influenciam diretamente no contexto da comunidade escolar, aquela que costumeiramente chamamos de “chão da escola”, e a partir deste ângulo que nos interessa perceber as movimentações em torno da greve, como se organizam, como se comunicam. Quem nos impulsionou a compreender essa

estrutura sindical, foi a professora Dione, que, ao iniciar a entrevista, já demonstra ser um desabafo, em suma, antes de falar da greve, falou o que sentia em relação à greve. E ao ser indagada com as questões referentes ao que se lembrava da greve, de imediato, associa ao cargo que ocupava e de como isso no decorrer da entrevista refletiram em conseqüências que marcaram aquele momento.

Por fim, retornamos para as evidências das motivações relatadas pela Professora Dione, que, cumprindo uma das suas funções, ajudou na organização da greve, promovendo um encontro com os professores e funcionários do seu colégio e das outras duas escolas do município, que teve como objetivo debater as possibilidades diante as medidas apresentadas e avaliar um possível indicativo de greve.

Eu na época eu era a representante da escola aqui do José, e a gente reuniu os professores e educadores no geral, chamamos uma reunião das três escolas juntas. A gente fez lá na Associação dos Professores, e tentamos assim mostrar o que que poderia acontecer, principalmente aonde mais mexe com as pessoas, na parte financeira, então a nossa tentativa foi conscientizar eles de que nós poderíamos perder o direito a aposentadoria, e conseguimos assim, bons bons adeptos.³¹

Desde 1988, ano que teve sua inserção na docência, Dione se envolve no movimento docente e já com muitos anos de dedicação ao mesmo relata que diversas vezes exerceu e exerce cargos de representatividade. Compartilha que, foi assídua em todas as greves. Já no seu primeiro ano deflagra-se uma greve, a qual participa, e logo em seguida fora demitida, ela e outros três professores celetistas. Dione passa quatro meses desempregada e é recontratada pelo Estado. O que viveu nesse momento parece ter sido um motivador para permanecer na luta. Quando demitida, tinha nos braços uma filha recém-nascida, e toda a responsabilidade que envolvia sua criação estava sucumbida a ela, era mãe sola, conta-me. Com efeitos, o peso da demissão teve uma dimensão maior diante esses fatos.

Já foram dificuldades enfrentadas, ressalta. Já fez greve sozinha ao se negar em entrar em uma sala de aula superlotada, já sofreu um acidente de automóvel com outros professores quando estavam indo participar de reuniões da APP – Sindicato, porém, chama a atenção que, essa greve, que fora diferente de todas as outras segundo ela, se daria a partir do que afetaria absolutamente todos, a reforma da previdência e

³¹DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

consequentemente a aposentadoria. A indignação dos trabalhadores perante a proposta nos diz muito, ela foi a mais pontuada quando pensaram nas motivações para um movimento grevista. O ataque a aposentadoria e a retirada de um valor quase imensurável tratando-se de um fundo previdenciário, o qual existe porque o trabalhador contribuiu a vida inteira para poder ter o direito da aposentadoria. Essa proposta colocaria não apenas a finança do Estado em maus lençóis, tratava-se principalmente de estar colocando em risco o futuro – e os direitos – dos servidores públicos.

Por fim, a indignação foi para além do que significava a proposta. Acentuou-se na medida em que o Governo escancarou em poucos dias, que este era o inimigo da educação.

Covarde, ééé... porque a princípio colocando a mão no dinheiro do fundo previdenciário né, poxa, o trabalhador contribui a vida inteira pra poder ter direito ao aposento que é direito, é garantido em constituição e de repente o governo resolve que vai utilizar esse fundo sem prestar muito bem contas de aonde, o que vai fazer com as pessoas que dependiam ainda desta contribuição né, vai realocar pra outro fundo? Sem dar maiores explicações de como vai funcionar a progressão através dos anos dos pagamentos desses aposentados, a gente ta numa insegurança muito grande então. Eu vejo a parte burocrática do governo como um governo covarde, um governo que surrupia os direitos de fato né. É, não negocia com a classe trabalhadora, é, se recusa a sentar com a classe trabalhadora e demonstrar as contas do Estado do Paraná né, se recusa em explicar quais são os projetos futuros, depois de uma lei que afeta tanto os nossos direitos, eles apenas falam que é pra, pra arrecadar receita pro Estado, que o Estado ta com dificuldades financeiras, e enquanto isso tiram dos que ganham menos no Estado.³²

O relato da professora Cristianela que, no início da sua entrevista atenta para a nova postura adotada pelo Governador Beto Richa, posteriormente exemplifica em acontecimentos sua afirmação. Sabemos que, em uma sociedade democrática, o conflito é a contraparte do diálogo, e, sem maiores satisfações ou então preocupações, o governo se nega a envolver os principais afetados nas decisões, nem mesmo para prestar esclarecimentos. Esse bloqueio estabelecido nas comunicações entre as partes envolvidas rompendo qualquer possibilidade de negociação, demonstrando que, diante de determinados interesses a democracia não assegura um jogo equilibrado, transforma-se em confrontos. Em situações como estas, após tentativas de negociações,

³²CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

paralisações, o Professor Miguel relata as conseqüências e afirma que, *na realidade quem construiu, aliás é sempre né, porque a greve é a última, última ferramenta a ser usada, e, a gente não, não constrói greve por construir greve né, a gente constrói greve diante desses fatos*³³.

Neste sentido, gostaria de apresentar um diálogo, que de forma inesperada aconteceu me chamando atenção e, conseqüente à sua leitura, apresentou-se a possibilidade de aprofundar uma das motivações. Ele aconteceu no início da entrevista com a professora Salete, marcamos na escola onde trabalha, o Colégio Estadual Candido Portinari – Ampére/PR. Local de sua escolha e decidiu fazê-la no seu momento de hora-atividade.

Não temos o hábito de fazer entrevista em lugar movimentado, e a professora me levou até a biblioteca da escola, onde funciona também a sala de informática e a entrega ou retirada de materiais didáticos no geral. Adentramos e nos preparando, eis que avisto vindo em nossa direção uma mulher sorridente e nos cumprimenta. Eu a conhecia, fora minha professora no Ensino Médio e posteriormente colega de trabalho. Ela era amiga de Salete e também, uma antiga colega de trabalho, a qual vivenciou e compartilhou experiências desde o início de sua carreira. E não deixaram de ressaltar uma característica marcante que assemelha o começo de suas trajetórias. Entraram em greves ou em momentos de greve, de imediato participaram ou vivenciaram alguma paralisação.

Após cumprimentos e conversas paralelas, Sara pergunta o que eu estava fazendo ali. Já inteirada do assunto, não exitou em falar do tema. Iniciaram pautando as dificuldades que estavam enfrentando por conseqüência da greve. Parecia tanta coisa que o embaralho de datas e acontecimentos marcaram a entrevista, mas não mais as várias risadas dadas – por nós três - que pareciam mais reflexos de um sentimento de tensão e insegurança e principalmente, um amenizador de mágoas ou angústias. Ali estava acontecendo uma conversa informal e inesperada, para mim, uma surpresa boa. Eu queria guardar aquelas palavras, já haviam sido tantas ditas e então, pedi permissão para ligar o gravador. A professora Sara, que, está próxima da aposentadoria, envolveu-se desde o início da sua carreira com os movimentos de lutas dos docentes, com muito interesse e admiração pela escolha da temática, justifica que pouco tempo

³³MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

ficará conosco, assim que o sinal soasse, deveria estar em sala de aula, mas, prontamente se dispõe e disse que estaria aberta para contribuir caso ainda precisasse de fontes. Fonte nunca é demais, porém na tentativa de marcarmos tivemos alguns desencontros e o tempo para essa etapa se esgotou. Porém, lembro-me do pedido feito com muito carinho e um singelo olhar emocionado para essa pesquisa se tornar livro. Essa não é a pretensão, mas o sentido do seu pedido é muito significativo. Ressalta que, ao concluir a dissertação, este material deve ser retornado para os professores e a comunidade no geral, para que saibam o que viveu. E ela não foi única, mais da metade dos entrevistados pediram retorno ou para ler. Possivelmente, o pedido era envolto de um sentimento de importância dado a um acontecimento para eles, marcante e também, por ser um veículo de denúncias e resistência. O interesse de muitos também pode ser para saber como estão sendo avaliados, interpretados.

E então, ligo o gravador.

Salete: Viu Sara, mas, mas eu comecei pensar assim, antes ali, no dia que você foi... no dia que você foi veio meio que um turbilhão de coisas ali né que ta, que ia acontecer, a gente soube notícia meio de repentino né, o povo soube, por mais que a APP acho que né, já estava ali,

Sara: Sim

Salete:... uns dias articulando, mas veio assim como que fosse uma bomba...

Sara: No dia 28?

Salete: A primeira bomba que veio foi a notícia do que tava acontecendo, tudo... esse pacote né?! Eu acho que foi (risos) a primeira bomba...e ai que o povo foi pra lá né...

Sara:É..

Salete: E vocês foram lá e já encontraram esse estado ai...

Sara: Não... é que na verdade quando a gente foi a primeira vez...

Salete:Tu lembra antes ali?

Sara: quando a gente foi a primeira vez foi pra tenta evita a votação desse pacote...

Salete: Sim, mas eu eu digo...

Sara: Dai no dia 28 ia ser votado de novo...

Salete: A gente soube, soube ali nessa semana que ia ser votado né..não teve uma...

Sara:Não não... foi, foifoi muito rápido...

Salete: é, foi meio repentino, foi sorrateiro como diz né...

Sara: Foi comendo por baixo e de repente: não, vai ser votado! É, ele tirou a questão do PDE, tirou não sei o que...do pacote né...

Salete: Eu quero dizer assim ó, a gente tava de boa de repente veio a notícia assim ó, ó, tal, né eles vão vota e vão tirar esses direitos, aquele, foi interessante isso, isso que mais acho que impactou que eu penso assim, porque foi muito traiçoeiro uma coisa assim né e daí que vocês já foram pra lá né, já de

mobilizaram e foram...a gente não teve um aviso prévio né, nó não tivemos uma aviso prévio (risos) pra se organiza né... foi meio que rápido...

Sara: foi bem isso...supetão... ai a gente ia variando né, ora ia um, hora ia outro, os, os que iam cansando os outros iam chegando e assim foi indo...mas a gente tem umas lideranças muito boas na juventude assim, muito forte, com muita garra, ainda meio, meio sem entender muito o que que tá fazendo, que eu lembro que quando nós entramos na primeira greve 98, quando eu entrei nesta escola, a primeira greve que teve eu não sabia direito mas.. o pessoal dizia, o Cândido (Escola) sempre foi muito forte né. - Não, vamos, porque vale a pena, por bábábá... - Vaaamos, eu vou, vou. E aí, a juventude é uma benção nessas horas assim porque você vai, você se joga, você corre atrás e aí eu fui começando daí pra Curitiba..energia...

Salete:É, eu já entrei na, na minha carreira de professor (risos) fazendo greve..

Sara: Eu também..CLT eu era.³⁴

O sinal bateu, Sara se despede reforçando a importância em estar pesquisando esse tema. Inclusive, esse trecho trouxe uma inquietação referente à forma com que se referencia a juventude docente – diferente dos demais professores - que será discutida no segundo capítulo. O que chama a atenção é que, logo no início, quando estávamos apenas eu e Salete, ela ressalta sua dificuldade em lembrar-se de datas, da cronologia de acontecimentos e parecia um pouco insegura quanto à isso. Tanto é que, assim que Sara chega e falamos da pesquisa ela ressalta novamente para a colega. Indaga sobre algumas datas diante das confusões que fazia, parecia estar tentando organizar sua memória para a entrevista. Ela que, próxima da aposentadoria e cursando Nutrição na UNIOESTE – Francisco Beltrão fez de sua entrevista uma forma de despedida emocionante. E isso marcou toda a entrevista, porém, ela sabia exatamente aonde queria chegar. Nesse trecho ela tenta o tempo inteiro dimensionar não apenas o conteúdo do pacote, mas também todo o significado envolto nele, e foi incisiva ao falar dele. E se aproxima dos demais professores quando se referiram a ele como uma *rasteira*. O turbilhão de coisas incluía um pacote de maldades.

Já estavam inseridos num cenário conflituoso, depois de praticamente três anos em estado de (cordial) negociações com o Governador Beto Richa, muitos inclusive o defendiam enquanto um dos melhores governadores para a educação. Isso me lembrou que em 2014, ano da eleição para o seu segundo mandato, um professor adentra a nossa

³⁴SALETE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto. SARA. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

casa em Ampére fazendo campanha para o governador e seus aliados utilizando essa justificativa, principalmente por estarem - minimamente - respeitando os direitos, como os reajustes. Aquilo me intrigou, afinal, não são migalhas que possibilitam uma educação pública, gratuita e de qualidade. Esse apoio político por alguns da categoria tem seus significados, não termina aqui, ele faz parte da pesquisa. O contexto já havia sido pior em outros momentos, quando analisamos a história de movimentos de lutas dessa categoria. Porém, e como estratégia para se reeleger, segundo a professora Cristianela, o que surpreendera alguns foi a postura adotada exatamente após sua reeleição, a qual persistiu até o final do seu mandato, quando se afasta para a campanha eleitoral de 2018 para Senador. Ou seja, vinham de um contexto de poucos avanços aparentemente, porém, havia possibilidade de diálogos, segundo a APP-Sindicato, e negociações.

Não era apenas o pacote, mesmo que, somente ele já era de fato uma rasteira. Era também por tudo o que ele envolvia. Analisa-se que, a postura adotada pelo governador depois de reconduzido ao cargo em primeiro turno com mais de 55% dos votos válidos, que com práticas autoritárias e arbitrárias, passa a negar ou estabelecer qualquer possibilidade de diálogo para com os envolvidos. Surpreenderam alguns. As demissões, atrasos nos pagamentos, o desequilíbrio de toda estrutura escolar necessária para iniciar um ano letivo, como falta de funcionários, merenda, materiais escolares e também, conseqüentemente a redução das turmas, decepcionou muitos outros. E por fim, frente a um ajuste fiscal que declarado pelo governador indispensável, eis que, propõe-se em regime de urgência a aprovação das medidas, especialmente a reforma da previdência. Somando com a arrogância do governo em não esclarecer, ou então justificar de forma plausível a necessidade de ajustes fiscais. Não dialogando mediante absurdas retiradas de direitos, rondando os cofres públicos e a surpresa perante a agilidade do governador em atender suas pretensões desrespeitando direitos, causando a indignação da maioria dos trabalhadores da educação, o que culminou em seu descrédito por muitos. Parecia muita audácia do governador para tamanha astúcia.

eu sempre parei assim quando teve né, os movimentos e tal, mas essa de 2015 eu mais fui porque assim eu achei injusto com o pessoal que tava lutando, de eu não ir, porque eu votei pro Beto Richa, eu tinha votado nele, então eu pensei assim, meu deus, mas se eu votei né agora vou encruza os braço, vo fica quieta,

se eu ajudei coloca o cara lá e ele fazendo, vai fazer tudo isso e vamos cruzar os braços e ficar quieto? Não dá eu disse, não, eu vou junto com o pessoal, mas eu fui mais por isso assim né... pensando, já que eu votei nele e tal então eu assim me senti que eu teria que ajudar o pessoal...³⁵

Diante desse conjunto de fatos e *até a gente conhecer o que o inimigo tá fazendo e nesse caso o inimigo era sim o Estado*³⁶, evidenciou-se que a luta não era somente pela retirada dos direitos, mas também contra aquele que o fazia de forma tão desonesta. Nair sentiu-se traída e culpada, ressalta isso três vezes, e em uma delas compartilha a mesma culpa dos demais familiares da casa que também votaram nele. E nesse contexto, sendo *traíçoeiro* não somente com a categoria, era com a educação e a população, demonstra que a motivação passou a ser também em enfrentar o governo Beto Richa. Tanto que, quando questionada o que continha no pacote, lembra-se de imediato da redução de turmas e atenta:

então ele começou assim, o governo fechando, daí não tinha como você não lutar por essas coisas que ele tinha tirado.. e depois que ele se elegeu ali, foi em 2014, ele acabou querendo cortar o número de alunos, das turmas, então por isso que foi que o pessoal e eu entrei junto nisso também... e achei um grande motivo que eu tinha pra luta também porque eu me sentia culpada por ter votado, é minha família também né, e outra... porque eu nunca esqueci o dia que ele foi numa entrevista na TV e falou que o Paraná tava bem, que tava tudo bom, que o melhor estava por vir, então a gente acredita que a pessoa teja falando a verdade né³⁷

Nair apresentou uma dificuldade tamanha em lembrar-se das pautas, mesmo estando em processo de aposentadoria naquele momento e sendo um dos principais fatores que motivou a greve. Mesmo que tenha marcas daqueles dias até hoje. Mas a culpa parecia maior. É possível perceber a construção da consciência de classe diante dos acontecimentos, como muito bem ressalta a fala do professor Miguel, que *a gente não, não constrói greve por construir greve né, a gente constrói greve diante desses fatos*³⁸. Fatos estes, que aqui estão sendo elencados.

Diante desse contexto, o encaminhamento da greve já era voz corrente na categoria, isso porque, o caminho das decisões que foram tomadas na Assembleia Geral,

³⁵NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

³⁶CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

³⁷NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

³⁸MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

é discutido passo a passo, no chão da escola, no município, nas reuniões dos conselhos. O primeiro é o Conselho Regional que se reúne 72 horas antes da Assembleia nos Núcleos Sindicais da categoria, reunindo ali direção, representantes dos municípios e representantes de escola, que apresentam indicativos regionais para as pautas da assembleia, e o indicativo da greve havia sido tirado pela maioria dos Núcleos Regionais. Posteriormente, se reúnem os delegados eleitos pelas regionais, formando o Conselho Estadual. Este antecipa o debate da pauta que será posta em discussão e votação em Assembleia Geral Estadual, que neste caso, fora “*convocada para sete de fevereiro, dois dias antes da volta às aulas, com o objetivo de decidir os passos do movimento. E os sindicatos de outras categorias do funcionalismo público estadual preparavam-se para fazer o mesmo*”.³⁹

Cerca de dez mil trabalhadores da educação se fizeram presentes na Assembleia que aconteceu em Guarapuava, lotando o Guarapuava Esporte Clube, sendo considerada uma das maiores assembleias estaduais dos últimos anos. A pauta apresentada pela direção APP – Sindicato consistia em: 1. Retirada ou rejeição dos projetos de lei PLC 06/2015 e o 60/2015 (a nomenclatura que receberam as duas mensagens enviadas pelo governador à Assembleia Legislativa do Paraná na última semana); 2. Pagamento imediato dos salários em atraso (PSS, 1/3 de férias, auxílio alimentação, conveniadas); 3. Retomada das negociações sobre os temas educacionais e a organização escolar; 4. Retomada do Porte das Escolas (tendo como referência mínima dezembro de 2014) e, tendo como questões imediatas para negociação, sendo elas: 1. Retomada imediata dos projetos educacionais e programas; 2. Abertura e reabertura de turmas/matrículas, contra a superlotação das salas de aulas; 3. Nomeação de todos(as) os(as) concursados(as).⁴⁰

quando todos perceberam que todos iam perde, aaah daí o que que é, o coletivo, por isso que a greve lá foi né, porque atingiu o que, todos, ia atingir todos os funcionários, inclusive todos os funcionários públicos quer dizer, a retirada dos dos, é, dos do plano de cargos e salários né, então daí todos fizeram.. maaas ano passado, noooo, não teve, não teve a reposição, ia te esse ano né, o que vai acontece? - ah, mas ele deu um aumento no

³⁹GOZZI, Ricardo. Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná. EDITORA VENETA, 2016, p.59.

⁴⁰ <https://appsindicato.org.br/educacao-aprova-reinstalacao-da-greve-a-partir-de-segunda-09/>. Visualizado em 10/01/2019.

início do ano, ah nem tá tão mal assim né - alguns fazem essa leitura né, em 2015 não, (...) era contra a previdência que atingiu todo o funcionalismo público, daí o pessoal parou em massa, 100%, talvez algumas escolas não pararam, não pararam, mas era a grande maioria, porque atingiu a todos.⁴¹

Mediante votação, a greve foi aprovada com uma adesão histórica. As motivações não eram poucas, culminando em uma assembleia lotada, todavia, evidencia-se a partir da memória desses trabalhadores que, o que justifica a adesão da categoria é que entre as pautas, havia uma que abrangeria a todos, tornando-se a motivação mais mencionada nas entrevistas. Por fim, o início da greve fora oficialmente marcado para às 07h00 da segunda-feira, dia 09.

1.2. A greve

Neste momento do estudo, buscamos compreender o desenrolar da greve nas suas duas edições de 2015, observando atentamente os eventos e seus desdobramentos.

Na segunda-feira, 9 de fevereiro, foram raras as escolas públicas do estado do Paraná que abriram suas portas. Nos dias que se seguiram, a adesão à greve aumentou ainda mais e chegou bem próximo aos 100%, contanto inclusive com o apoio dos estudantes e dos pais dos alunos da rede estadual do ensino público. O acampamento na Praça Nossa Senhora Salette, por sua vez, ganhou dos educadores o carinhoso apelido de 'formigueiro'.⁴²

O acampamento estava situado entre O Palácio do Governo e a Assembleia, sendo composto por duas grandes lonas, onde ficava instalada a cozinha e também espaço de reuniões e atividades culturais, atrás dessas lonas ficavam as barracas, agrupadas de acordo com a região que vinha cada grupo. As refeições eram feitas na barraca central, lá também passavam os informes. Havia uma rotatividade dos acampados, em cada dois ou três dias ônibus vinham dos Núcleos Sindicais do interior com professores, que substituíram os que estavam acampados.

⁴¹JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁴²GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016, p.59.

De antemão, os professores grevistas nos municípios tinham algumas atividades padrões a serem feitas, uma delas, era escolher representantes do município que se disponibilizaram representar a sua escola e seu município, nas atividades centralizadas em Curitiba. Durante as greves essas atividades consistem em participar das Assembleias Gerais, da mobilização em frente à Câmara dos Deputados, participarem das mobilizações de rua na capital e ficar de vigília no acampamento da greve, construído em frente ao Palácio do Iguçu.

Na segunda-feira já havia atividades referentes à greve em todo o Estado. Para aqueles que participavam em suas cidades, buscaram dar visibilidade para a greve e para suas motivações, usando para isso panfletagens, cumprindo horário de trabalho na frente da escola ou na praça pública do município, ocupando os espaços de comunicação, usando as redes sociais, organizando grandes mobilizações descentralizadas de Curitiba. E, aqueles que se dispuseram ir à Curitiba, o epicentro da mobilização da categoria, tem uma longa caminhada ritual. O Sindicato providência ônibus de todo o interior do estado para o deslocamento dos professores de seu município até a capital. Na escola, após saberem aqueles que vão, escolhidos ou se colocando à disposição, os ônibus saem à noite da cidade de origem, chegando ao destino pela manhã.

Costumeiramente são realizadas reuniões no intuito de mobilizar as pessoas para irem a Curitiba, visto que os projetos do governo deveriam ser apreciados pelos deputados. Quem compartilha uma passagem referente a essas mobilizações é a professora Dione que, enquanto representante sindical da escola, ficou à frente dessa organização, destacando a dificuldade em mobilizar um número significativo de professores que se dispõem participar do movimento em Curitiba. Brevemente nos relata a fala realizada na primeira reunião ao questionar os trabalhadores: *vamos pra Curitiba? Porque sempre um ou dois no máximo três vão, você não pode por quê? Sempre só, 2, 3 que podem os outros não podem, o que te impede de você ir?* Justificou que, teve que usar da pressão diante a fala com seus colegas: *nós temos que lota um ônibus de Nova Prata do Iguçu e nós vamos lotar.* Por fim, destaca que por vezes situações como essa geravam alguns desgastes emocionais, porém: *nós levava muita gente daqui, nós conseguimos lota um ônibus entre Nova Prata e Salto do Lontra e nós íamos. Eu cheguei de ir num dia, nós sempre viajamos a noite, passar o dia lá em*

*Curitiba a noite embarcar e voltar a ir no outro dia*⁴³. Dezenas de ônibus são disponibilizados todos os dias para locomover os trabalhadores nesse intenso ir e vir de professores do interior para Curitiba, de Curitiba para o interior.

Na manhã de segunda feira já haviam chegado a Curitiba muitos ônibus do interior do estado com professores, na terça-feira, dia 10 de fevereiro, outros ônibus chegaram. Os que vieram dias antes ficavam no acampamento na praça em frente ao Palácio do Iguçu e do lado da Assembleia Legislativa. Neste dia ocorreu a primeira reunião entre as representações do Fórum das Entidades Sindicais do Paraná com o Governo do Estado, em busca de negociações. Diante as propostas do governo, anunciadas pelo deputado Luiz Cláudio Romanelli, avaliou-se inviável por parte da direção do Sindicato, dando então continuidade a greve e preparando-se para a votação que fora marcada para o dia 12 de fevereiro.

Haviam saído na noite que antecedeu a votação, cinco ônibus de Francisco Beltrão para Curitiba, com professores da região do sudoeste do Paraná. Quando chegaram ao local, foi escolhido um professor de todos os ônibus, para ser credenciado, que estaria liberado para assistir a sessão dentro da plenária. Esse foi o caso da professora Rosilane: *eu fui escolhida (eufórica e contente), e daí pra entrar não foi fácil né, daí os policial, pra nós entra eles faziam revista faziam tá, conseguimos entrar, eu fiquei na segunda galeria.*⁴⁴:

De primeiro momento a votação era para a aprovação do *tratoração*:

Ainda mais rápido que o regime de urgência, a comissão geral em um mecanismo previsto no artigo 107 do regimento interno da Assembleia que permite aos deputados votarem um projeto lei em menos de 24 horas, sem a proposta passar por comissões específicas, e em sessões extraordinárias realizadas todas no mesmo dia. (...) A Assembleia Legislativa do Paraná era a única do Brasil com esse tipo de dispositivo, popularmente conhecido como “tratoração” e normalmente empregado em projetos de lei de interesse do Poder Executivo estadual.⁴⁵

Diante do olhar angustiado e apreensivo dos professores, o *tratoração* foi aprovado. A votação em relação ao trâmite rápido do projeto governamental a cada passo favorecia os interesses do governo, sendo aprovada a comissão geral para o

⁴³DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁴⁴ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁴⁵GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016, p.63.

trâmite por 34 votos a favor e 19 contra. Dessa forma, o Presidente da Assembleia informa a continuidade, dando início à votação do *pacotaço*. Porém, algo inusitado e não esperado pelo governo aconteceu, professores seguem em direção a entrada da Assembleia Legislativa e no intuito de impedir a votação adentram e ocupam a ALEP.

Escutei: BOW. Quando eu vi assim, os deputados desapareceram sabe, desapareceram e vi, uma garrafinha que vôo assim pro lado da Maria Vitória e ela correu pra uma salinha que tinha do lado direito da Assembleia e os deputados sumiram todos, só ficaram os nossos ali. O Traiano, o era presidente da assembleia e antes dele dar o parecer final né, que tinha sido aprovado, ele gritou: Está suspensa a sessão (ROSILANE)⁴⁶.

Neste momento de tensão, a narrativa da entrevistada demonstra a conquista da classe sobre os desmontes do governo, e também, o impacto da ação dos trabalhadores ao impedir a aprovação, que pode ser analisada na fala do deputado Traiano em entrevista dada ao Jornal de Beltrão, sendo assim publicado no periódico “foi uma loucura” concluindo: “quando eles invadiram perto das 6 horas, suspendemos a sessão” (Jornal de Beltrão, 11 de fev, p.3).⁴⁷

O que passa despercebido na fala do deputado não deixa de ser observado do ponto de vista dos ocupantes, que relatam emocionados a vitória deste dia, a tomada da ALEP pelos professores também fomentou uma disputa entre governo e professores, percebidas na construção de narrativas distintas, inclusive representada na palavra usada, enquanto os professores em meio a luta ocuparam um espaço que é público para garantir seus direitos, o governo e os deputados usavam o termo invasão da Assembleia. A vivência de emoções que marca esta ocasião tão importante para a classe é destacada durante as entrevistas.

Tomaram posse e daí ele desapareceu, ele sumiu. Quando eu vi tinha todos aqueles professores, os jovens assim, meu que arrepio gente (emocionada). Nossa Senhora Aparecida, tomaram conta aquela juventude assim, porque tinha os alunos junto a juventude assim tomou conta, subiu em cima daquele palco, tomaram conta das mesas, esparramaram todos os papéis, jogavam papel pra tudo que era lado, gente do céu! e a gente chorava, chorava, chorava. A partir dali a gente ficou lá dentro, não saiu daí entrou, começaram a chegar as barracas.⁴⁸

⁴⁶ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁴⁷Jornal de Beltrão

⁴⁸ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Para os professores que estavam no local percebe-se pelas entrevistas uma forte reação emocional dos mesmos. A Professora Marlene⁴⁹ lembra que “foi uma das coisas mais incríveis da minha vida”. Lembra também que, a ocupação da ALEP foi facilitada pelos policiais que estavam trabalhando no local naquele momento: “teve policiais que abriram os portões para gente entrar”. De acordo, com Gozzi⁵⁰ “A polícia militar foi chamada, mas não reprimiu a ocupação do plenário da assembleia”. Desta forma, podemos compreender que nesta ocasião os professores se sentem apoiados, ou ao menos não boicotados pelos policiais presentes neste dia, que nos é confirmado no relato seguinte:

Quando a gente estava entrando na rampa lá na Assembléia, tinha uns policiais. Os policiais estavam muito conosco. Tinha uma mulher policial, e ela vinha assim com cassetete e dizia: ‘corra pelo lado. Corra pelo lado, entre e vão. E o outro: corra. Daí o chefe da Guarda dos seguranças da Assembléia, puxou um arma e o policial tomou dele, não deixou, e eles mandaram que nós entrassem, a polícia militar, então, seguraram inclusive os guardas, daí não teve como, as pessoas foram entrando.⁵¹

No entanto, logo os ocupantes percebem os enfrentamentos que terão que passar, pois a repressão por parte do governo aumenta, na medida em que os policiais que facilitaram a entrada dos professores recebem punições, que limitaram o acesso à comida, água e uso de banheiro, representando do que era capaz a segurança do Estado para retomar seus interesses. Contudo, os educadores também mostraram sua força e a Assembleia Legislativa ficou sobre controle dos professores por dois dias.

Dos relatos sobre essa experiência dois momentos são bastante marcantes na memória das professoras entrevistadas. O primeiro deles foi a solidariedade das crianças que levaram alimentos para os professores; o segundo, foi o dia 12 de fevereiro quando ocorreu novo embate entre grevistas e deputados que ainda estavam dispostos em votar o *pacotão*.

Sobre a solidariedade das crianças lembra a professora Rosilane *eu estava na mesa do deputado de Beltrão, o Rochembach, eu fiquei sentada ali, a gente ficava sentado ali de repente chegavam as crianças, os alunos do Colégio Paraná e levavam*

⁴⁹MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁵⁰GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016, p.64.

⁵¹MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

*frutas para os professores*⁵², segundo ela, neste momento muitos professores choraram de emoção.

A gente estava com fome e não tinha o que comer, as crianças chegavam, não tiveram como segurar as crianças daí, eles levaram frutas e comida, chegaram em filinha dumas escolas que e deixaram em cima de uma mesa lá pra gente comer, daí aquele dia então era o terceiro dia que a gente estava lá, não tinha água mais também, porque a gente não tinha levado bastante.⁵³

A partir dessa experiência, é notório que a emoção sentida em virtude da atitude das crianças, teve representatividade na significação do processo de ocupação e greve, onde jovens estudantes estavam mais preocupados e solidarizados com os educadores que os legisladores, que deveriam representar as vontades do povo. No entanto, as emoções desse dia seriam ainda mais intensas.

O terceiro dia, 12 de fevereiro, pode ser incluído entre os dias mais tensos para a mobilização dos professores que ocorreu no ano de 2015, nesta data, ocorreu a tentativa de entrada dos Deputados na Assembleia dentro de um camburão da polícia. Os professores que estavam dentro da ALEP, não sabiam o que estava ocorrendo do lado de fora, e quando foram informados, do lado de dentro, a angústia e o medo marcaram esse importante momento da luta.

Ele falou assim: eles vão invadir! Um policial falou isso, pra mim (...) e daí eu falei: Mas vão invadi o que? Daí ele tava comentando que (...) os deputados estavam dentro daquela outra sala que era um restaurante lá, eles iam aprovar as escondidas (...) e daí era tiro, nós lá dentro escutava tiro de de, tiro de bala de borracha, que daí os os professores forçavam porque eles não queriam deixar os deputados aprovarem né, e lá de dentro nós escutávamos aquilo daí a gente chorava (...) de repente daí já veio lá de fora os gritos né que o pessoal falou que eles tinham suspenso a votação, daí acabou naquele momento assim então, foi um momento de vitória, pra nossa categoria.⁵⁴

De qualquer forma a pressão dos professores e as situações inusitadas tais como, a ocupação da ALEP, a entrada no espaço da Assembleia dos deputados governistas de camburão e as votações no restaurante da Assembleia, fizeram que o Presidente da Câmara pedisse a retirada do *pacotaço*, no mesmo dia manifestantes saíram desocupando a Assembleia.

⁵²ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁵³MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁵⁴ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Apesar dos esforços do Estado em formar uma imagem do professor enquanto um baderneiro, Marlene ressalta em sua entrevista que durante a ocupação houve um cuidado com o ambiente no que se refere ao zelo com o espaço público, inclusive *a gente limpava, eles disseram que a gente depredou, que quebrou, se aconteceu isso?! só se depois que foi entregue, porque inclusive até no momento em que a gente entregou que veio duas comissão.*⁵⁵ Tal comissão é responsável pela averiguação do espaço, onde um representante da assembleia legislativa e também os professores, verificamos juntos o espaço que foi desocupado, conferindo suas condições.

Os dias seguintes à desocupação foram de intensas negociações com o governo, a classe permanece unida, o acampamento continua, assim como as mobilizações e passeatas, dando voz à luta pela Educação e promovendo empatia na comunidade, motivos esses que pressionaram o governo no atendimento das pautas.

Nesse momento o apoio da população aos professores era bastante alto. A professora Marlene, que a noite ficava na casa do filho em Curitiba e de dia se concentrava no acampamento montado na frente do Palácio do Governo, lembra das manifestações de solidariedade que recebia dos curitibanos, quando se dirigia para o acampamento com a camiseta da APP Sindicato e ouvia palavras de apoio de pessoas que não conhecia, transeuntes que passavam por ela:

Acho que a gente teve muito apoio da sociedade principalmente em Curitiba, ali a gente teve! Porque eu ficava na casa dos meus filhos a noite, e de manhã eu ia para o acampamento a gente colocava a camiseta, quando você embarcava no ônibus teve situações de todas as pessoas me cumprimentarem, de dá força, das famílias se reunirem e levarem alimento no acampamento, cada dia uma família, de pegar as roupas dos professores que estavam acampados leva para casa e no outro dia trazer limpinha, passadinha; de chamar pra ir na casa para toma banho, as famílias lá realmente abraçaram a causa, e na rua, quando a gente saía de camiseta assim eu me sentia muito gente sabe!.⁵⁶

Passado quatro semanas da deflagração da greve, a adesão da mesma mantinha-se alta, assim como o apoio da população paranaense que pode ser observado em “uma pesquisa de opinião encomendada pelo jornal Gazeta do Povo ao Instituto

⁵⁵MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁵⁶MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Paraná Pesquisas e realizada entre 23 e 27 de fevereiro, mostrava que, 90,1% apoiaram naquele momento a paralisação dos professores” (GOZZI)⁵⁷. Mediante conquistas como a retirada dos projetos que alterariam a previdência, pagamentos de rescisões de PSS entre outros atrasos, o compromisso assumido pelo governo de retomada dos Projetos e do porte das escolas, como também o pagamento do crédito rotativo – para que as escolas tenham condições estruturais de voltar às aulas, a classe decide em assembleia o encerramento da greve para o dia 9 de março de 2015.

Atenta-se ao fato de que mesmo saindo da greve, a categoria mantém em estado de greve, alerta ao cumprimento das pautas por parte do Estado, que foram as condições para o retorno às atividades. No entanto, o governo reeleito mostra-se pouco disposto em manter um calendário de reuniões com o sindicato, e apenas no dia 23 de abril, reúnem-se para negociar as pautas que não foram atendidas, quando retroagem em alguns compromissos firmados com os trabalhadores, junto a isso, já tramitava na câmara legislativa o retorno do PL252/2015, com aprovação de caráter de urgência votada na tarde do dia 14 de abril, sendo encaminhado para votação da Comissão de Constituição e Justiça que ocorreu no dia 22 de abril, onde foi aprovado para avaliação de finanças no dia seguinte. A pressa do governo em dar andamento ao PL diverge muito da disposição em dialogar com a classe, o que leva o sindicato a propor avaliação da retomada da greve em assembleia marcada para o dia 25 de abril.

1.3. O dia 29 de abril

Aqui veremos como *a educação é prioridade no Paraná* – palavras proferidas pelo então Governador, Carlos Alberto Richa por diversas vezes – E, diante disso, deve-se ressaltar que, este dia que aqui será narrado e analisado, não seja lembrado apenas com lamentos, mas que seja o marco de resistência frente um governo que não mediu forças para retirar direitos e sucatear a Educação. Há muito para se compreender, analisar e externalizar deste fato.

⁵⁷GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016, p.79.

O dia não estava dado como certo ou, porém, até ele, teve muitas agitações. A agenda do dia 24 de abril e a preparação para que o dia 29 de abril triunfasse, aos olhos do Governo, já estava a todo vapor. A votação aconteceria neste dia, descumprindo o acordo estabelecido com a categoria na última negociação que pôs fim à greve. Os trabalhadores da educação ficaram cientes que, além disso, estariam impedidos de acessar a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná – ALEP, também conhecida como a Casa do Povo. Foi concedido um interdito proibitório que assegurava inclusive, o uso da força militar, caso necessário. O Presidente da Assembleia, Deputado Ademar Traiano pronunciou-se sobre tais decisões em rede estadual pela RPC: "Não podemos permitir que vândalos invadam essa casa e se retirem. São sempre os mesmos, e os culpados acabam sendo os professores"⁵⁸.

O dia seguinte inicia com barreiras ainda maiores, para ambos. Em estado de greve e com mais de quatro mil trabalhadores presentes na Assembléia da categoria, a greve nas escolas públicas foi retomada. A pauta inicial reduziu-se substancialmente para o projeto de lei que promovia uma mudança grotesca na Previdência Social. *O 29 de abril era contra a previdência que atingiu todo o funcionalismo público, daí o pessoal parou em massa, 100%, talvez algumas escolas não pararam, não pararam, mas era a grande maioria, porque atingiu a todos.*⁵⁹ Haja vista análise das entrevistas nota-se que mesmo não sendo todos, sem dúvidas foi a maior adesão da história de luta da categoria. Cabe aqui, refletir sobre o real significado para os trabalhadores sobre o projeto. Além da perda de um direito, duramente conquistado, para muitos, sentir-se saqueado de forma irresponsável e como foi imposta, tirando-os a garantia de um futuro melhor, fruto de muito trabalho e pouca valorização, era inadmissível um ajuste fiscal que alterasse a Previdência do Estado. A aposentadoria é a devolução do dinheiro para quem contribuiu, através de descontos fixos em seu holerite pelo prazo previsto em lei, enquanto estava exercendo suas funções, que garante ao trabalhador o direito de usufruir de justo aposento, não é caridade governamental.

Ainda no dia 25 de abril aprovou-se a greve, os trabalhadores organizaram um calendário de mobilização, visto o quão ameaçado estava o futuro dos servidores

58

<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/presidente-da-assembly-do-parana-diz-que-cerco-foi-para-evitar-vandalos.html>. Visualizado em 10/01/2019.

⁵⁹JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

públicos e conseqüentemente a condição de trabalho da categoria. Foi deliberado o acampamento em frente à ALEP e a organização antecipada da concentração para o dia da votação do PL 252, que prevê alterações ao plano de previdência, prevista para o dia 29 de abril. Novamente a classe promove o enfrentamento da votação do enfadonho projeto, desta vez com algumas diferenças em relação à resistência de fevereiro, como a participação da classe na composição do Conselho de Administração da Paraná Previdência, onde a coordenação do Fórum das Entidades Sindicais apresenta mudanças no projeto da previdência. Outra notória divergência da mobilização de fevereiro foi o aparato policial que vinha sendo preparado para atuar no dia da votação.

Na semana do 29 de abril quando a gente tinha manifestação marcada a gente já começou ouvir da força policial que estava sendo organizada pra esse dia, então os núcleos sindicais quando foram organizar suas carreatas eles já sabiam que poderia dar problema, pelo menos essa foi a informação que chegou no núcleo sindical onde eu trabalho, que.. que a gente poderia sim ter um enfrentamento policial muito consistente no dia 29.⁶⁰

Os conflitos se intensificaram ainda mais na segunda-feira (27/04/2015). O clima para o dia da votação começou a ser sentido. Já tendo muitos trabalhadores concentrados na Praça Nossa Senhora da Salete e membros da APP - Sindicato na tentativa de retirar o projeto e negociando a “livre-passagem”, o que mais chamava atenção era o aumento assustador do aparato policial e bélico aos arredores. No final do dia já se faziam presentes uma expressiva quantidade de policiais, eram aproximadamente 1200 polícias, dos quais, 900 foram deslocados das cidades interioranas do Paraná, para atender as exigências do Estado. Foram várias localidades no estado que ficaram desguarnecidas⁶¹.

Nesta noite, enquanto os trabalhadores iniciavam a organização do acampamento, os deputados estavam dentro da ALEP debatendo sobre o projeto. O resultado da discussão foi de 31 votos a favor do governo e 20 votos contra. Esse resultado fomentou ainda mais os rumores de um dia difícil: de enfrentamento e muita resistência.

⁶⁰CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁶¹29 DE ABRIL: Repressão e Resistência/ Luis Fernando Lopes e Nasser Ahmad Allan (orgs). – Bauru: Canal 6, 2016, p. 47.

Ainda madrugada de terça-feira e as turbulências no acampamento faziam-se presentes a todo o tempo. O carro de Som da APP – Sindicato foi retirado do local com guincho e os manifestantes que tentaram impedir a ação, foram dispersos com agressões e com o uso do *spray* de pimenta. Em meio à repressão sentida, podemos perceber a construção de uma nova perspectiva dos educadores vivenciada no contexto da organização da classe:

...então no dia 28 tinha uns, já tinha uma tensão bem grande, era muuuita gente, era muuuita gente, agora, o tempo de acampamento assim foi acho que uma, bom, vinha gente do mundo todo fazer turismo, eles iam visitar o acampamento dos professores, a gente tinha formação lá, a gente tinha palestra, vinha gente de outros países da palestra pra gente, então a gente tava lá no acampamento não era comendo e dormindo, a gente tava estudando, tava buscando, tinha,tudo e um pouco mais, todos os dias, era um jornalista do Canadá, era jornalista não sei da onde, esses renomados que tem livros, eles vinham e davam palestras, formação, a gente não ficava ocioso nenhum pouco lá, tinha grupo de estudo, tinha biblioteca.⁶²

Diante os ataques, sentiam-se apoiados pela sociedade aos receberem constantes visitas de diversos sujeitos, dentre eles, jornalistas, deputados, alunos das escolas e universidades públicas, pais e mães, professores aposentados. Muitos se juntaram à luta e acamparam junto dos professores, inclusive, o espaço foi compartilhado com crianças, muitas delas, filhos (as) de docentes. As relações que foram sendo estabelecidas no acampamento entre esses sujeitos foram de suma importância para a permanência do mesmo.

O interesse de algumas pessoas em entender o que estava acontecendo, a presença de sujeitos com influência pública, o que, por vezes garantiu que não sofressem ataques violentos por tamanho aparato policial, ordenados pelo Estado, e também, os grupos de estudos e o acesso às informações e conhecimentos distintos, os debates estabelecidos entre os manifestantes, as atividades desenvolvidas, e para muitos, os grupos de oração era uma forma de resistência e fortalecimento: *ninguém dormiu ...cada vez te dava mais angústia, mais revolta mais assim, aí, e sem conta sabe quanto que nós rezamos naquelas barracas, meeeu Deus, se reunia 3, 4 barracas assim a gente*

⁶²MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

*rezava, rezava sabe, porque o sono não vinha*⁶³.

Nesse sentido, Marlene, ao compartilhar estas atividades realizadas no acampamento ressaltando a ocupação do tempo tem seu significado, sua categoria, constantemente atacada por parte dos que desqualificam de diversas formas os movimentos de greve, acusando-os de vândalos, vagabundos, preguiçosos e inimigos da educação, contradiz aqueles que avaliam dessa forma. Foram tantos os enfrentamentos que em nenhum momento os manifestantes ficavam ociosos.

No caso da professora Marlene, da cidade de Ampére que, com o seu pedido de aposentadoria já encaminhado, deslocou-se para Curitiba durante a greve, e por lá permaneceu semanas, retornando à sua cidade dias após o 29 de abril. Foi uma experiência diferente de todas as outras greves e resalta que, desde o seu ingresso à docência até a aposentadoria participou de todas as atividades de greve ou paralisação.

Ao lembrar o dia 28, um dia turbulento, marcado pela expectativa do que seria no dia seguinte, ressaltou a importância da solidariedade e unidade neste momento. Ter passado dias nesse ambiente que, mesmo cercados de violência, analisa este fato por vezes, de outra perspectiva dos seus colegas de escola, por isso, avaliou como uma oportunidade: *Olha, foi uma das coisas assim mais incríveis que aconteceu assim na minha vida, assim de luta, de batalha de coleguismo, de ver as pessoas, de sentir as pessoas assim.*⁶⁴

A união e a solidariedade constituídas neste momento, torna evidente a identidade de classe vivenciada pelos manifestantes, como também de pessoas da comunidade que apoiaram a organização da greve na rotina do acampamento, promovendo a empatia com os sujeitos da educação. Pode-se entender que, a classe trabalhadora em geral pode ser aglutinada devido a certos interesses e, sentindo-se encurralado, o Estado faz uso da violência e da repressão com a intenção de desmobilizá-la e dividi-la. O dia 28 representou minimamente essa reação:

é agora o que a gente passou lá assim de, que dá pra, sentimos muito lá, deputados provocando pra ver se os professores perdiam a razão, então tinha ... o Romanelli, era tão sem-vergonha que ele passava assim ó, caminhando perto do acampamento provocando pra ver se alguém batia pra perde a razão... então aquilo era terrível, eles passavam, iam do palácio, só pra provocar então assim, teve que se ter um controle

⁶³IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁶⁴MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

emocional muito grande, porque a provocação foi grande. o deboche era grande, eles debochavam, eles riam.⁶⁵

Entre meio as bombas e jatos d'água, os *sprays* de pimenta e a violência, as formas de resistência iam se construindo e reconstruindo. A dinâmica de organização nesses espaços que envolvem disputa de interesses entre as classes, pode se transformar rapidamente diante de qualquer ação. Não deve ser fácil manter o equilíbrio mental e físico diante provocações e do uso da violência que se dá de várias formas, não somente física. A violência moral e psicológica utilizada por autoridades que abusam de seu poder, na busca de desestabilizar os trabalhadores também tem seus efeitos, por vezes podem individualmente, ocasionar conflitos maiores, repercutindo negativamente na dinâmica do espaço de luta. Resistir às formas de coerção que sofrem continuamente e tentar manter o equilíbrio emocional é um requisito nestes ambientes.

Todas essas particularidades são fundamentais para adentrar na subjetividade do mundo dos trabalhadores e compreender melhor à sua classe e como se organizam. E são muitas, as que, vão surgindo de experiências compartilhadas entre eles que em constantes relações estabelecidas, passam a se conhecer melhor e avaliar-se.

O cenário era este, ameaça e coerção, solidariedade e união. Especialmente no dia 28. A rotina desse dia foi mais intensa. Iniciou com a apreensão do caminhão de som da APP – Sindicato, não antes de um conflito, iniciado pela polícia no momento em que os professores fizeram um cordão em volta do caminhão para impedir que o levassem, muitos deles foram violentados: *eles fizeram um cordão assim, eles ficavam assim ó* (levantou e demonstrou com gestos) *e o cara batia assim ó, ela tava com a perna aqui tudo preta, de tanto eles baterem neles sabe, polícia! a polícia fez isso de madrugada*⁶⁶, referindo-se a colega que compartilhou o acontecido e a dor ao se encontrarem durante o dia no acampamento. Ao passo e que se aumentava o número de barracas, aumentava os polícias, no final da tarde já era o dobro de barracas e de manifestantes.

⁶⁵MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁶⁶ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

*Noooooossa, já tava muuito tenso, porque dia 28, ééé, os informativos já vinham sabe assim, não, nada de coisa boa sabe, sempre pra pior, sempre pra pior*⁶⁷. Avalia-se ser muito difícil ter a possibilidade de construção de um debate por aqueles que pouco ou nada entendem de educação e detém o poder sobre decisões importantes. Nesse sentido, quando não há espaço para a fala e para o diálogo sobra (resta) a violência. Como já dito, são várias as formas de violência utilizada e de formas de resistência.

Conforme o acampamento aumentava os desafios também aumentavam. Os rumores que haviam infiltrados durante aquela semana iam se confirmando conforme a convivência. A semana foi importante para os trabalhadores dialogar e se conhecer: *então daí a gente tinha se reunido assim em em grupos por núcleos pra gente se conhece porque tinha muita gente infiltrada e a gente tinha muito medo*⁶⁸. Ao se referir do medo de infiltrados pode-se considerar consequência da participação e experiência das demais greves e conseqüentemente a grande possibilidade de isso acontecer ali. O medo estava relacionado ao fato de quem os colocou ali e principalmente, com qual o intuito. Era de que incitasse confusões e desestabilizassem a categoria. Marlene, que vivenciou todos os dias do acampamento de Curitiba relata sua experiência quanto o cuidado com as “pessoas desconhecidas”.

Se haviam infiltrados era necessários os identificarem e compreenderem o significado de estarem ali. *a gente tinha assim, um combinado já, que a gente chegava né quando via que era uma pessoa que a gente não conhecia, daí pedia onde que tava trabalhando, qual era o nível, ia falando muito da profissão pra... e daí a gente corria com as pessoas de lá, que via que não era*⁶⁹. As acusações sobre a existência de infiltrados surgiram diante diversas situações de desconfiança e desconforto. Ao perceberem a possibilidade de estarem ali e o risco que significa para o movimento a presença de sujeitos que não estariam dispostas a ajudar - que por vezes, desqualifica e descaracteriza o movimento grevista - estavam cientes que era mais um cuidado a ser ter: *porque tinha muita gente infiltrada pra fazê isso da parte do governo*.⁷⁰

As tensões diante a votação se faziam presentes, tanto para a categoria quanto para o Estado. Na tentativa de impedir a votação e negociar com o governo pelo fim do

⁶⁷IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁶⁸MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁶⁹MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁷⁰MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

ajuste fiscal que promoveria um rombo de *8 bilhões da previdência pra pagar... ah.. contas da administração dele*⁷¹, trabalhadores aguentaram a forma degradante com que estavam sendo tratados. Era noite terça-feira, a Praça Nossa Senhora da Salete já estava repleta de manifestantes e barracas e a ALEP cercada por um gigantesco aparato militar. Esta noite, a vigília tinha como objetivo impedir que os deputados adentrassem a ALEP e impossibilitasse a votação.

A notícia sobre o aparato policial se espalhava cada vez, afinal, era algo extraordinário. Partindo desta perspectiva, tenta-se compreender diante aquele cenário, qual era a expectativa para o dia 29?

Bom, em 2015 nós fomos extremamente atacados né, por exemplo, tira a previdência, porque ele quebrou nosso fundo previdenciário, é, dos funcionários públicos estaduais. Agora, sobre o dia nossa, eu assim, eu eu, a expectativa do dia 29, porque no caminho eu encontrei uma colega que a gente ia, todo dia ia um grupo é novo né, então, na madrugada do dia 29 né, eu encontrei uma colega minha, a professora Marlene, ela, daí ela ficou no dia 28, então ela disse assim - Judite, a violência é grande, está grande, eles nos molharam, né, se cuida, tá certo? Daí claro, daí a gente né, nossa, o que nos espera, o que nos espera né...é, nesse dia?⁷²

Foram muitos ônibus circulando no Paraná naquela semana, transportando milhares de professores de todas as regiões, que entre idas e vindas muitos se encontravam nas longas estradas. Alimentavam-se, compartilhavam sentimentos e refletiam sobre a conjuntura. Aqueles que estavam retornando sabiam o que poderia vir acontecer. Os que estavam indo também, mas a intensidade das expectativas era distinta. Alguns já haviam sentindo o cheiro das bombas de efeito moral.

Rúbia: E o 28 de abril você estava lá também? Como que foi o dia 28? Já deu pra ter uma noção do que ia ser no dia da votação?

Marlene:...Ah, de apanha daquele jeito? Nãããããoooo, nuunca (risos), eu apanhei tanto, não se fazia ideia, o negócio tava tenso né, era muita gente, daí você via aqueles helicópteros né, tu não tava lá?⁷³

⁷¹MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁷²JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁷³MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Marlene, a professora que considera uma oportunidade ter participado ativamente do acampamento e acompanhado de perto todos os momentos, compartilhou experiências com muitos daqueles que encontraram os professores na madrugada do dia 29 com destino à Curitiba. Ela, assim como os demais, já sabia o que poderia acontecer, já tinham experimentado a repressão, já tinham sentido as balas de borracha, o gás lacrimogêneo, os jatos d' água e o sangue. Sentiram também, a impossibilidade de diálogo com o Estado. Porém, apesar da expectativa sobre o que poderia acontecer naquele dia, estavam mais aflitos do que aqueles que estavam para chegar e se juntar à luta, nenhuma delas foi à do Estado.

O dia 29 de abril a gente viu a dimensão do problema com o governo uma vez que o governo agiu de forma desonesta para com os manifestantes né, a gente já tinha conquistado o direito deles não votarem dentro da ALEP o dia que ocupamos a ALEP, uma cena histórica e linda pro movimento sindical do Paraná, dos educadores do Paraná. É, só que ainda assim a gente não imaginava o contexto do dia 29, não pelo menos antecipadamente.⁷⁴

O acontecimento. A maior surpresa em analisar as entrevistas tratando-se deste dia, foram às diversas formas de vivência e participações diante o fato. Mas ressalta-se jamais esperar aquilo. São essas experiências e particularidades que nos dão uma totalidade da violência articulada pelo Estado e nos possibilitam compreender a principal questão por agora: Afinal, qual foi à expectativa do governador?

Noite da vigília, o relógio havia marcado meia noite e nas barracas trabalhadores conversando, rezando, chorando, angustiados, ameaçados, solidários e atentos, afinal, o objetivo era impedir o acesso dos deputados à ALEP. Porém, o que marcava aquela madrugada eram os olhos que os vigiavam. Centenas e mais centenas de policiais mobilizados e ordenados para ficarem atentos diante qualquer movimentação. E, sem maiores motivações, policiais ameaçavam os manifestantes no acampamento e o que impossibilitou que a ação se efetuassem foi à presença de jornalistas e deputados no acampamento. Porém, essa garantia durará pouco. O avanço fora proibido pelo comandante da operação até as 08h00 da manhã. A ameaça e medo diante o clarear do dia e a agonia pelo seu fim podem ter alterado a dimensão do tempo e sentimentos,

⁷⁴CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

tornando a madrugada longa e intensa: *ninguém dormiu na verdade né assim, ninguém dormiu que cada vez vinha um boletim sabe, pra gente eles distribuía nas barracas né a situação que estava e aquilo cada vez te dava mais angústia, mais revolta.*⁷⁵

Com o despertar do sol adverte-se a astúcia do Estado. Apresentaram-se preparados e articulados para garantir a votação: *E daí amanhássemos né, sabe né, da aquela, aquela trincheira que foi feito sabe né, pros deputados não entra né, mas mesmo assim a gente já sabia que estavam lá dentro né, ninguém passou por nós, como é que estavam lá, né.*⁷⁶ A professora expressa-se indignada, assim como demais professores, sobre o primeiro golpe recebido. Por volta das 10h00 já se contabilizava aproximadamente 10 mil manifestantes e muitos deles formaram uma grande barreira para impedir a passagem dos deputados, a qual resistiu até o meio-dia, neste horário a grande maioria deles, principalmente os integrantes do camburão já haviam adentrado a Assembléia Legislativa e, sem ainda entenderem como haviam escapados diante milhares de olhares atentos, a única certeza era de que o comandante da ação, estrategicamente, garantiu um acesso discreto e seguro. Este acontecimento espalhou-se entre os manifestantes junto da notícia de que, mais uma vez a greve estava sendo considerada judicialmente ilegal. Porém, isso já não parecia ser uma surpresa para os trabalhadores, aquilo pareceu irrelevante diante do assombro que foi se construindo pela manhã. O governo do Estado dedicou-se para a recepção.

Nós chegamos de manhã, e tem uma coisa assim que logo me chamou atenção lá na praça foi o helicóptero sobrevoando né gente viu também assim já, nossa, a gente via a cena assim, que a polícia tinha intervindo né, a sujeira... sei lá... parece tudo molhado, né, o cheiro de vinagre me chamou atenção e aquele helicóptero também sobrevoando como eu falei antes né, é, a própria violência né, é isso que me chamou atenção, o cheiro de vinagre, aque... aquele helicóptero sobrevoando né, tá, pra que usa helicóptero, ééé, estávamos o que? de que forma nós iríamos reagir né, era nós fazermos a pressão, mas não sermos tratados dessa forma, como nós fomos tratados naquele dia.⁷⁷

Pela manhã, milhares de professores endossaram o movimento. Muitos deles de cidades distantes que, para se fazerem presentes percorreram centenas de quilômetros, pernoitaram no ônibus e ainda cientes do panorama, surpreenderam-se de diversas

⁷⁵IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁷⁶IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁷⁷JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

formas. O cenário do qual estavam fazendo parte naquele momento era alarmante. Os resquícios do dia anterior eram pequenas amostras do que poderia se esperar. As grades nas ruas impedindo a movimentação, as barreiras feita por policiais, caminhões de cavalaria, cães policiais e helicóptero sobrevoando roubaram a cena e assinalaram a dimensão do que estava sucedendo. A reação imediata foi: *Eu não sei de onde eles tiraram tanto policia... Tinha mais policial do que gente, do que professores ali sabe... olha, eu não sei, mais acho que tinha uns 7 ou 8 tipo assim de policia né, que é tipo COE, ROTAM, essas... BOPE, tudo, meu deus do céu.*⁷

Frente

às

narrativa

apresentadas, se destaca a surpresa visual dos manifestantes em relação à quantidade de policiais, que deixa explícita a dúvida dos professores quando a investida, uma vez que em sua outra experiência em fevereiro tiveram apoio por parte de alguns policiais que facilitaram a ocupação da ALEP, no entanto o quadro que se configura neste momento, é percebido diferente pelos educadores, inclusive no que se refere ao entendimento da figura do policial.

Perante a conjuntura, os professores pela manhã se organizaram em grupos, os quais foram destinados a ocupar determinado espaço na praça, o objetivo era agrupar-se diante a ALEP e manter a unidade. Próximo ao meio dia, professores revezavam para o almoço. Saíram na redondeza e ao retornarem, apesar das tensões já estabelecidas. Sem dúvidas, a primeira ação planejada foi uma das mais perigosas, o voo rasante com o helicóptero sob o acampamento evidenciou a total imprudência do piloto. A proximidade com as barracas fizeram com que muitas fossem arrancadas e rasgadas, provavelmente era essa a intenção, destruir e assustar. A praça lotada de pessoas, barracas, lonas, colchão e pontos de alimentação. Árvores vergavam perigosamente, policiais passaram a ignorar cada vez mais os manifestantes, vendedores ambulantes já estavam na praça vendendo máscaras cirúrgicas. Este panorama demonstra o que estava havendo, quem ali presenciava a força policial começar seus ataques, elucidando também a disparidade do preparo dos professores. Este era o clima minutos antes de anunciarem o início da votação.

“eles passavam sabe com aqueles helicópteros rasante então as barraca começava... eles provocaaaram o dia todo com aquilo, assim, pra amedronta, pra estimula eles estimularam que aquilo acontecesse, acho que eles nunca esperavam que era uma coisa

⁷⁸NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

que ia retorna contra eles, mas eles provocaram muuuuuito, muuuuuito, com toda aquele arsenal de dedede polícias lá, de, é, era muuita ousadia deles.⁷⁹

Nesta fala de Marlene, onde relata as ameaças policiais com a palavra ousadia, podemos refletir sobre os significados nela contidos, me indaguei sobre a imagem da polícia, enquanto protetora da população, construída no imaginário das pessoas, logo, os professores não esperavam tais atitudes. Também o significado pode ser relacionado à identificação do professor, em não se ver sendo atacado pela polícia, por representar uma imagem contrária à violência. Contudo, essa surpresa pode-se entender também, como uma falta de preparação, por aqueles que estão diretamente no confronto, ou então, a partir da função do sindicato, debater coletivamente e encaminhar quais seriam as possíveis formas de enfrentamento. Evidencia-se também, a tentativa de colocar-se em um patamar da qual deveriam ser intocáveis pela polícia, por isso é necessário compreender, que, a greve e a manifestação colocam os trabalhadores em conflito direto com o patrão – neste caso, o Governador do Estado. Este que, não os vêem com esses olhos, mas sim, enquanto trabalhadores que ameaçam seus interesses. Por fim, muitos professores sentiram-se surpreendidos.

A afronta continuava e as provocações aumentavam. As entrevistas comprovam o quão destinados estavam em desestruturar o acampamento e a mobilização. Além das constantes provocações, as manobras arriscadas do helicóptero que colocaram em risco a vida de muitos, o tumulto instaurado pela quantidade de pessoas presentes na praça, ocorreu também, a identificação de infiltrados. O trabalho árduo de identificá-los durante a semana permitiu que reconhecessem a presença de muitos deles naquele dia, porém, a postura dos canais midiáticos e dos infiltrados favoreceu a identificação:

a gente tinha muito medo né, como era muita gente, que eles chegassem e fizessem alguma confusão pra dizer que era a gente, porque eles tavam fazendo isso, que eles chegaram planta pessoas pra dizer que tavam ganhando pra tá lá, pra mostra pra imprensa e a gente pegou na hora sabe, que a APP tava pagando, eles usaram muito sujo, eles, muuita sujeira, pra dize que tava, ah, daí mandavam os cara lá - Quanto que tão pagando? Quem que tá pagando? Tá..e sabe, como se a gente.⁸⁰

⁷⁹MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸⁰MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

O medo da presença e do que poderia vir acontecer era compreensível. Conforme a grande maioria dos entrevistados, chegando o momento da votação, o risco de um tumulto maior deveria ser evitado. Para eles, o responsável destas atuações estava constatado: *mas era o governo que tinha, pra fazer, ele tava plantando... ele sim que tava plantando*⁸¹. Organizados em grupo conforme os núcleos e regiões, a grande maioria já familiarizada há anos com aquelas pessoas e junto dos questionamentos ajudou-os a distinguir.

Porém, a certeza dos infiltrados, bem como, o comandante desta operação surgiu com o anúncio da votação, pouco antes das 15h00. Não precisou de muito para isso: *de repente quando eles realmente foram vota, começou não sei como um purra empurra e a gente correu, daquilo já voou barraca já voou tudo, não sabia aonde vinha tiro, e daí aquelas bombas, água e umas coisas que eu nunca vi na vida.*⁸² Nesta fala de Marlene, podemos explorar as contradições da memória, nos dias anteriores os professores tinham objetivo de ocupar a ALEP para impedir a votação, no entanto diante do medo frente ao aparato policial, a finalidade agora era evitar o confronto. Neste ponto, as memórias expõem a interpretação dos fatos dada às vivências. Para muitos manifestantes, a alternativa mais clara era avançar, independente do medo e da disparidade de forças, no intuito de demonstrar o enfrentamento, que os direitos dos trabalhadores não seriam retirados enquanto eles apenas assistiam. No entanto, as memórias evidenciam que para outros, ao perceber a quantidade de policiais, a intenção era não causar conflito. E talvez aqui começam a se desenvolver diferentes significados, que para uns foi o dia de luta e pra outros de luto.

E os responsáveis pelo estopim que iniciou o ataque? Para muitos professores tudo indicou que agentes infiltrados da P2, fizeram o papel daqueles que o próprio governo acusou como responsáveis da reação policial: os *blackblocs*. Por outro lado, muitos manifestantes resistiram com o início da votação de forma consciente, mostrando sua indignação. Não aceitando o desmonte de sua aposentadoria, avançaram não apenas os cordões, mas também os fatos.

Assim que começou a votação, lá fora, entre meio àquele tumulto, carros de som, pessoas falando e gritando, inicia-se um ataque extremamente violento – bombas

⁸¹MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸²MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

de efeito moral, gás lacrimogêneo, spray de pimenta, balas de borracha e jatos de água do “Caveirão”. Lá dentro, no conforto das cadeiras, do ar condicionado e devidamente protegidos, diversos deputados e o comandante da operação se sentiam confiantes.

*Não esperávamos que fosse daquele jeito*⁸³, e mesmo tendo ficado a semana toda entre idas e vindas – Nova Prata do Iguaçu e Curitiba – sentiu-se surpresa. O governador superou todas as expectativas. A dos que já haviam partido um dia anterior – atestaram uma pequena amostra do que o governo era capaz de fazer. A dos que ficaram a semana toda acampado – presenciaram a montagem daquele cenário. A dos que chegaram pela manhã. A dos que não estavam presentes e a comunidade curitibana. Não tenhamos dúvida quanto à distinção das expectativas, apesar de amedrontados e cientes dos objetivos do governo, o que aconteceu naquela praça destoava totalmente do que esperavam. A polícia militar atuou de forma estapafúrdia e despropositada com os manifestantes, no entanto, o comandante da operação era quem dava as ordens.

Com efeito, esta dissertação além de ser um espaço de discussão e provocação, deve ser também de denúncia no campo da História Social. Faz-se necessário compreender o que professores enfrentaram e ainda enfrentam. Foram mais de duas horas de massacre, e por vezes, outras ações sobressaíram na memória de alguns do que a própria violência desmedida. São eles que nos dão a dimensão do acontecido. Certamente ler os próximos relatos não se compara a situação de vivê-los, porém, são eles que nos possibilitam conhecer, mesmo que minimamente, como o Estado atua para reprimir os trabalhadores e legalizar a violência. A propósito, a narrativa aqui construída do momento exato do massacre, se deu a partir da memória de cada um dos entrevistados que estavam presentes no dia.

lá dentro estava sendo votado na hora, e a gente ouvia ali fora, porque tinha os microfones lá dentro que transmitiam para fora e a gente ouvindo todos ali esperando, até que começou a votação e eu nunca esqueço que na hora que eles começaram ah, a polícia começou a soltar as bombas com os helicópteros, que foi de helicóptero primeiro, os deputados, alguns deputados gritaram que era pra para né, e o Traiano falou que não, que não interessava bombas, o que que tava acontecendo lá fora não interessava, que a votação tinha que continuar de qualquer maneira.⁸⁴

⁸³MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸⁴DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

A ação da polícia foi imediata. Estava apenas no início da sessão e a primeira bomba foi lançada e, por conseguinte *o governador mostrou pra que veio*.⁸⁵ Havia atiradores de elite em lugares estratégicos como no teto do palácio. O helicóptero que sobrevoava tinha como função lançar as bombas na manifestação seguindo o fluxo da multidão em fuga. Os policiais, com uma formação próxima a dos militares durante a ditadura militar, tinham como ordens agredir até dispersar, miravam e atiravam na região do tórax para cima, certamente com uma intenção, a de machucar. Imediatamente o cenário se transforma e a praça parecia desvanecer entremeio a fumaça. Naquele momento não era só a educação na mira do rolo compressor, mas também, os demais servidores públicos.

Enquanto corriam buscando por proteção e esconderijos ou então, faziam linha de frente para evitar um maior avanço da polícia, os manifestantes acompanhavam a votação. O barulho das bombas e gritos embaralhavam-se com a fala dos deputados. Não foram apenas violentados fisicamente, sofreram com o descaso dos seus representantes políticos. Alguns deputados da oposição pediam para cessar as bombas e a votação, com a justificativa de que muitas mortes poderiam vir a ocorrer se isso ainda não havia acontecido. “temos que parar com tudo isso aí”, porém, o deboche do presidente da Câmara diante o acontecido era tamanho, dizendo que: *as bombas era lá fora e que eles tinham que vota lá dentro, não tinha que se preocupa com o que estava acontecendo lá fora... pode mata, pode morre, nós temos que aprovar aqui*.⁸⁶ Para Miguel, qualquer coisa era passível diante o objetivo do governo, afinal, o montante por eles desejado era mais importante do que a vida de qualquer um que estava lá.: *ah mão grande na previdência dos professores que eram 8 bilhões e 500 milhões, é bastante dinheiro*.⁸⁷

Em meia hora o carro de som da APP já havia sido abandonado devido aos constantes ataques de bombas e em seguida, levado pela polícia. Como se não bastasse, por volta das 15h45, surge outro helicóptero entre a fumaça e o chuvisco que fazia, arremessando cada vez mais bombas, sobrevoando rente aos manifestantes: *quando nós*

⁸⁵ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸⁶MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸⁷MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

*pensava, não, mas agora eles param sabe, que nada, quando eles viam que a gente se aproximava novamente sabe, eles começavam tudo de novo.*⁸⁸ A estratégia utilizada pela polícia era para dispersar sim, porém, não sem antes machucá-los. Os trabalhadores, na tentativa de recuo, foram literalmente cercados pela polícia, tendo muitas dificuldades em esquivar-se do armamento bélico e do local.

A quase uma hora de ataques constantes já havia muitos feridos. Diante aquela conjuntura espinhosa, as unidades móveis de atendimento não puderam chegar, afinal, a polícia havia cercado todo o espaço. Nesse sentido houve a solicitação de recuo por parte dos dirigentes sindicais para atender os feridos e *usaram a prefeitura como ambulatório, os funcionários se recolheram e os professor...daí o prefeito de lá foi humano e começou a levar médicos lá pra atender os professores que tinha muita gente ferida,então eles deitavam no chão assim e ficavam lá.*⁸⁹ Porém, não eram somente os professores sentindo os ataques, fazendo referência à necessidade de paralisação das atividades da creche próxima ao Palácio Iguazu, pois o gás lacrimogêneo que se espalhava com o ar adentrou no ambiente e as crianças, além dos sintomas da inalação, estavam assustadas com aquele cenário, as *crianças choravam choravam choravam, escutava lá do palácio o choro das crianças... os pais começaram a ir buscar e ver, e viram aquilo.*⁹⁰ A sensação dos manifestantes e demais envolvidos era a de estar em um campo de guerra, porém, desarmados e desnorteados, pois, o campo minado era apenas para os trabalhadores.

de repente quando eu ví eu tava no meio do povo, que eu não sabia mais quem era, eu perdi, todos perderam acho o povo daqui, e... a gente tava correndo tipo louco, eu não sei aonde que eu fui para, eu só lembro que de repente nós estávamos atrás da prefeitura, ah, era só gente correndo, gente pelo chão, e bomba que vinha de todo lado assim, e.. o pior de tudo era o gás, era horrível.⁹¹

Praticamente todos se perderam do seu grupo ou de seus colegas. Foram várias as direções utilizadas para a fuga. Nem todos conseguiam, porém, nem todos que conseguiam estavam se sentindo seguros. Aos que se direcionaram para o posto de

⁸⁸IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁸⁹ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁹⁰ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁹¹DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

gasolina próximo foram impedidos de ficar naquele espaço, conforme o dono, a tendência era dispararem as bombas ali. Outros foram em direção da prefeitura, e lá também ficam diante uma cena deplorável, a quantidade de feridos e a improvisação dos atendimentos.

Nesse sentido, todos que estavam presentes naquele espaço e seus arredores, corriam riscos de vida. A quantidade de bombas, balas de borracha, *spray* de pimenta utilizadas naquele momento já se apresentava como um absurdo no uso da força, e para Nair que presenciou um descarregamento de mais arsenal bélico enquanto a praça estava sendo bombardeada, percebeu que as consequências poderiam ser trágicas, porém, aparentemente, da parte do governo não havia essa preocupação. A continuação do uso desmedido da força estava garantida, caso necessário. Se já estava perigoso, qualquer situação poderia intensificar ainda mais o conflito e os professores e apesar de tentar manter-se na linha de frente, estavam sentindo o peso de uma operação de elevado custo e tamanha disposição para atacar.

... não sabia aonde ia vinha tiro, e daí aquelas bomba e água e, e umas coisas que eu nunca na vida, a tal da bomba de efeito moral que eu não sabia o que era né, agora eu digo quando as pessoas falam que a gente.. pra aluno eu contei muito né que você... primeiro aquele gás de pimenta que ele te asfixia, você para de respirar e não enxerga... e daí aquele gás de efeito moral daí te dá um, você não segura, te dá um negócio você se vomita, você se mijá, se caga na roupa é horrível! A bomba de efeito moral é isso você fica com vergonha né, porque você não segura o xixi, então você se mijá tudo... então, e daí tinha umas pessoas assim bem velhinhas já que tavam lá por causa da aposentadoria, professores aposentados e tudo mais, daí a polícia vinha pra cima e deixava de sabe... e eles batiam e desciam a lenha e a gente corria, vinha bala de cima de baixo de tudo quanto era lado, onde você olhava vinha ... noossa, daí as pessoas iam caindo, daí quando um caía, a gente voltava se defendendo das balas e pegava e tentava, outros desmaiavam tu tentava ajeita e daí quando eles iam pra cima de um pessoal lá, a gente vinha daqui pra eles larga....Foram 3 horas, 4 de guerra!⁹²

Antes mesmo de chegar mais arsenal, a ação estava tão desproporcional e violenta que, a situação que se encontravam a maioria dos trabalhadores era desesperadora e agonizante. Respirar, enxergar, manter-se firme diante a inalação dos gases e correr para se proteger parecia algo muito difícil entremeio a fumaça, os

⁹²MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

manifestantes e policiais.

Para muitos que passaram mal ou então sofreram algum tipo de ferimento, por vezes, ainda restava à comoção que sentiam aos encontrarem seus colegas em condições piores e constrangedoras. A professora Marlene, ao deparar-se com inúmeros professores nestas condições, refletiu sobre o significado real da bomba de efeito moral. Considerada um “armamento de distração” é usado no intuito de amedrontar ou incapacitar o sujeito, sem matá-lo. Porém, nem todos têm clareza dos sintomas e efeitos instantâneos. Ao ressaltar o que compreende por efeito moral, refletiu-se sobre a omissão de alguns entrevistados sobre como foram encontrados. Aquele ambiente tumultuado, o medo, a situação degradante em que se vê no final do dia, são motivos para não querer lembrar e compartilhar. As bombas eram lançadas em grande quantidade e com frequência, que conseqüentemente, o número de trabalhadores na situação descrita por Marlene era elevado.

Na tentativa de amenizar as dores, os efeitos e evitar conseqüências mais drásticas, muitos estudantes foram solidários em atender e ajudar os manifestantes que estavam passando mal. Segundo a professora Marlene, eles que aprenderam na faculdade que a mistura de água com leite de magnésia e o vinagre amenizam as reações, foram em busca dos produtos: *então a gente cheirava o vinagre daí você conseguia respira, tirava um pouco o efeito daquilo e passava o leite no olho, daí tu imagina a cena: leite nos olhos derramado assim, vinagre, xixi, uns cocô, vômito... era dessa forma que a gente tava lá.* ⁹³ Cabe aqui ressaltar que no momento em que os estudantes estavam preparando essa mistura foram acusados em estar produzindo bomba caseira. A solidariedade entre os manifestantes para socorrer as vítimas foi fundamental e ressaltada pelos professores.

Percebendo que os ataques não iriam cessar nem mesmo cancelar a sessão, alguns deputados tentaram sair da ALEP para apoiar os trabalhadores e impedir a continuação do massacre, mas foram contidos pela polícia. Já completava duas horas de ataques constantes e as conseqüências foram desastrosas, porém, o governador que poderia ordenar a paralisação da ação policial não o fez. *Só parou quando tinha o senador Requião e a Gleice lá e o Requião subiu no caminhão de som, e disse que se*

⁹³MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

*eles não parassem ele ia chamar a Guarda Nacional e ele tinha poder pra isso porque ele era um Senador da República, daí cessou, se não não.*⁹⁴

Por volta das 17h00 a polícia começa a cessar a ação de violência, a fumaça começou a desaparecer o que possibilitava a visualização da “tragédia”. O cenário que foi surgindo entremeio às nuvens de fumaça era assustador. Muitas barracas dos acampados destruíram-se com o fogo, a grama ficou retalhada por causa das bombas, as barraquinhas de alimentação ficaram completamente devastadas, no chão os alimentos, as bombas, as balas e o sangue se misturavam. Já haviam contabilizado mais de 200 manifestantes feridos e mais um jornalista e um deputado que foram mordidos por um cachorro da raça Pitbull.

Destaca-se que, dentre os entrevistados houve feridos, inclusive, alguns tiveram algumas seqüelas, como a professora Ivonete que perdeu 40% da audição por causa de uma bomba que caiu rente a ela. Já a professora Marlene que foi atingida por uma bala de borracha nas nádegas tão forte, que ficou meses com a região arrochada e com dores para caminhar. Teve também a Nair, professora de química que não conseguiu mais frequentar e dar aulas no laboratório, ao adentrar sentia-se asfixiada. Segundo o médico que acompanhou e realizou todo o tratamento, são sequelas de um trauma psicológico.

Não o bastante, no fim da tarde decretou-se a prisão de treze pessoas sob alegação de crimes de menor potencial ofensivo, desacato, dentre eles, onze professores e dois alunos, destaca-se que, nenhum desses manifestantes tinha alguma passagem pela polícia, mesmo assim tiveram seus celulares apreendidos pela Polícia Militar, que também solicitou a senha dos aparelhos, não foi identificado black blocs entre os detidos. O cenário era de guerra, mas nem isso paralisou ou suspendeu as sessões da ALEP, e o resultado foi 31 favoráveis e 20 contra. Por volta das 19h00, com a votação já encerrada, os manifestantes foram se retirando.

No retorno das caravanas as suas cidades, o turbilhão de sensações vem a tona, tornando a reflexão imprescindível, como expressa Judite *Me senti assim muito mal, muito mal, e meus colegas também, a gente assim, não tinha palavras pra defini, mesmo depois no ônibus né, acho que cada um chorou a sua parte,(...) um silêncio profundo, acho que cada um fez a sua análise.*⁹⁵ E em meio a essas análises a fala de outra

⁹⁴MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁹⁵JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

professora dimensiona as diferentes perspectivas vivenciadas em um mesmo dia, uma vez que ela encontrava-se muito perto do cordão de policiais: *Eu falava as coisas que tinha visto e muitos ficavam me olhando assim, como se eu estivesse louca, (...) porque eu falava as coisas e ninguém tinha visto nada, só eu que falava e os outros ficavam me olhando estarecidos.*⁹⁶ Ressalto aqui que Nair, durante as entrevistas, ao me contar o que aconteceu, imediatamente me mostra as fotografias, parecendo ser necessário ver para acreditar, ou então dimensionar o que ela viveu. Olhares singulares da experiência vivida, que tanto marcou a sequência de suas trajetórias, evidenciam também as diferentes construções da memória sobre o fato.

A partir destas memórias, ao analisarem e avaliarem o dia 29 de abril, evidenciou-se uma perspectiva de derrota e um dos principais motivadores para o desgaste da categoria, citando inclusive como desenvolvimento de doenças e afastamento de função. São avaliações negativas em relação ao fato referindo-se que se instaurou o medo e muitos se justificam com ele, a opção de isenção da luta e da resistência. Esse teor negativo e desanimado não ronda todos. Reconhecem que as consequências podem ser duras, porém, é o que adoce e oprime os trabalhadores não é fruto de uma ação truculenta apenas, mas todas as vezes que o Estado tenta sucumbir o trabalhador diante suas condições de trabalho. Não se deve deixar de historicizar este acontecimento entre os trabalhadores, ou então deixar-se criar e perpetuar versões equivocadas na memória histórica. É preciso sim, denunciar os abusos da força de poder, mas também compreender que são enfrentamentos necessários diante a tentativa do Estado de dismantelar o setor da educação, visando arranjar maneiras de cobrir o rombo do Estado. Era muito grave para não ser lembrado como um marco histórico, de força e resistência. E se utilizar dele como um símbolo de resistência e não de desmonte da categoria, o que favorece ainda mais o Estado.

1.4. A luta contínua?

A reação imediata após o dia 29 de abril, era de espanto e medo, relembram os professores. Para a professora Judite, os sentimentos do que havia acontecido naquele

⁹⁶NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

dia em Curitiba começou a ganhar significado, ainda na capital, quando os mesmos entraram no ônibus para voltar aos seus respectivos municípios.

Eu me senti assim muito mal, muito mal, e meus colegas também a gente assim, não tinha palavras pra definir, mesmo depois no ônibus né, acho que cada um chorou a sua parte né, velamos uma coisa que não né... e cada um, fez o seu próprio velório cada um teve a sua própria emoção né, assim... um silêncio né... um silêncio profundo, no ônibus, depois quando a gente começou a anda, assim, um silêncio profundo, acho que cada um fez a sua análise de tanta violência.⁹⁷

Ainda em direção aos respectivos municípios houve uma parada para alimentação, naquele momento, houve o reencontro com outros professores que também estavam voltando ao seus locais de trabalho e moradia, talvez da viagem, lembra Judite foi momento mais reconfortante, “a gente viu os colegas e se fortaleceu de novo”. No restaurante da parada, começou a ecoar palavras de ordem por parte dos professores, criando um ambiente positivo, mas ao voltar para o ônibus, novamente o silêncio, permanecendo assim até chegar em casa.

Ao chegar em Nova Prata, a Professora Dione, lembra que foi organizado uma recepção ao professores que estavam em Curitiba no dia do massacre, feita em frente a Igreja Matriz e preparada pelos professores que estavam também em greve, porém, que não tinham se dirigido a Curitiba.

A professora Eliane que no dia 29 não estava em Curitiba, lembra que foi organizado na Cidade de Ampére a recepção dos professores que haviam participado do dia 29 na capital:

A gente recebeu eles, conversamos bastante, tinha alguns que não conseguiam falar devido o trauma que ficaram, outros não conseguiam falar devido o gás que jogaram neles, no rosto não tinham, infeccionou né, as amídalas, a garganta, professores machucados e vieram conta e daí contaram pra gente, porque, você vendo pela televisão é uma coisa, mas tá vivenciando é outra, e eles, e vê eles conta é pior ainda... o que eles contaram, a situação, o que viveram e sobreviveram né, nesse massacre.⁹⁸

A maioria sentia-se ainda muito impactados, porém, o massacre teria desdobramentos: um deles estava relacionado à narrativa dos acontecimentos do dia 29; outro, a continuidade da greve como ocorrera; ainda, as negociações entre sindicato,

⁹⁷JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

⁹⁸ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

governo, assembleia e Justiça em relação à proposta de reposição salarial; por fim, o andamento da greve.

Atenta-se para o fato de que era um momento crucial para o Governo Beto Richa, que naquele momento estava apenas iniciando seu segundo mandato e usou da força militar do estado para garantir seu intento. Por isso, lançou uma ofensiva midiática querendo com isso reverter a opinião pública em relação a greve e o 29 de abril, que se estende por todo mês seguinte e podemos perceber o desgaste em relação à mesma.

Os próximos dias também não pareceram fáceis. Nas entrevistas, em relação a esse quesito, fica evidente, os pais e os alunos, começaram a ficar incomodados com o longo tempo de paralisação e a falta de perspectiva de desfecho da greve. Essa pressão, por assim dizer, não vem somente da sociedade para a escola, mas se dá também dentro das escolas e das complexas estruturas educacionais do estado, de forma, que usando a estrutura hierárquica da educação segue esse roteiro.

O governo pressiona de forma política os deputados, que indicam os chefes dos núcleos. Ou ainda neste primeiro nível, a Secretaria de Educação pressiona o Chefe do Núcleo. Esse primeiro nível de pressão depende dos arranjos específicos de cada Núcleo e também do tamanho da autonomia da Secretaria de Educação em relação ao poder político interno ao governo, poderíamos inclusive dizer que os dois tipos ocorrem simultaneamente.

Os Chefes dos Núcleos por sua vez, tem em cada município um subordinado direto de indicação política, que tem por critério ser do quadro próprio na categoria de agente I (administrativo). A pressão dos Chefes em relação aos diretores, que se dá de duas formas: primeiro exigindo a burocracia em dia, que inclui livro ponto, portanto, cercando de informações sobre a greve e suas especificidades por escola. Na segunda forma é também política, diretores que se afinam com a proposta de educação do governo, se relacionam com maior facilidade política que diretores contrários.

Há também uma pressão no chão da escola, que poderá vir da direção, prioritariamente, dos pedagogos, e de outros colegas professores, principalmente, daqueles que não participaram da greve.

A greve durou 49 dias até dia 9 de junho, neste sentido, depois do dia 29 muitas atividades foram feitas nos municípios pelos professores grevistas, mantendo-se

mobilizados, mostrando a comunidade local que não estavam em casa descansando e também de garantindo a opinião pública a favor dos professores.

Eliane lembra que em Ampére os professores se encontravam diariamente na praça do Município, lá diz ela; “resolvemos fazer a pintura de toda a praça, dos bancos da praça”. Pela manhã, afirma “todo o dia era feito uma reuniãozinha”, depois ficávamos por lá, levávamos artesanato para fazer. Os professores que não podiam ir para o acampamento em Curitiba, reuniam-se diariamente na praça, diz Nair. Ali “pra fazer faixas, pra explicar a situação pros pais de alunos”.

Houve também naquele momento atividades de caminhada e panfletagem, as caminhadas eram feitas em conjunto entre os professores de diferentes municípios, que se reuniam e um deles, de cada vez.

No entanto, passando o impacto do dia 29 de abril, às professores descrevem em suas falas que iniciou-se um processo de diminuição do apoio local da greve e também de pressão por parte de autoridades e órgãos públicos locais, para o retorno às aulas, incluindo a partir deste momento a pressão dos próprios pais.

Em relação à pressão lembra Eliane:

Até do Secretário da Educação da nossa cidade, o prefeito na época, ia lá e a gente sabia que eram do lado do governo e ia lá pra bisbilhota. A pressão vinha do núcleo, não por parte da direção, porque a direção da nossa escola nos apoiava, mas de outros diretores que estavam na época, inclusive a gente ficava na frente de um dos colégios e esse colégio a direção ia lá e mentia literalmente dizia um monte de coisa pra gente tipo - que nós não tínhamos vergonha de ficar ali na praça.⁹⁹

Para a professora Eliane, pós 29 de abril, esse tipo de pressão começou a ter efeito sobre os professores principalmente aqueles que eram mais vulneráveis em relação a estabilidade, ou seja, professores com contrato emergencial e professores que tinham recentemente sido efetivados no quadro. Ela cita o exemplo dos professores da APAE que em sua maioria voltaram para o trabalho antes do término da greve, afirma ainda: ao final dela, apenas 20% ou 30% de nós ainda estávamos em greve nos municípios.¹⁰⁰

Nesta fase o governo por intermédio da mídia também intensificou a pressão sobre os professores buscando convencer a opinião pública a se posicionarem contra os

⁹⁹ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁰⁰ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

professores. Um dos argumentos, segundo a Professora Cristianela, estava relacionado aos alunos do terceiro ano, *a mídia ficava falando que os alunos seriam prejudicados, que os alunos, principalmente, os alunos concluintes né, não conseguiriam fazer o ENEM.*¹⁰¹ Outro fator deu-se devido a divulgação por parte do governo de dados tendenciosos sobre o salário dos professores, apresentando demonstrativo de contracheque onde os professores ganhavam salários de R\$17.000,00, deixando pensar que isso era a realidade de toda a categoria *e aí isso gerou uma grande desconfiança da sociedade.*¹⁰²

A questão da apresentação de dados enganosos sobre os salários dos professores, para professora Ivonete, aumentou significativamente o número de pessoas contrárias à greve dos professores naquele momento. Segundo ela:

Aquele negócio sabe, das folhas de pagamento que o governo, bem naquela, naquela ocasião colocou sabe na mídia, contando o nosso décimo com nosso salário daquele mês e com mais não sei o que sabe, ele colocou que era o nosso salário né do mês, a sociedade ficou nossa, fez piadinha, coisa terrível, sabe que aconteceu então, enfraqueceu um pouco nossa greve por causa disso.¹⁰³

Para Ivonete, esse episódio foi decisivo para uma mudança da opinião pública em relação a greve, afirmando que a sociedade ficou contra os professores, lembra ainda; *até o padre, aqui da igreja teve que parar de falar na igreja, a sociedade bateu tanto contra nós que ele que estava a favor de nós, acompanhou tudo, ele teve se calar.* Continua ela, hoje eu tenho vergonha de ir até no comércio, *eu vou porque eu às vezes sou obrigada a entrar, entendeu? porque a gente precisa das coisas e tal, mas eu tenho vergonha, sabe, porque assim, de tanto que as pessoas criticaram.*¹⁰⁴

Nesse mesmo sentido, os prefeitos das cidades dos sudoeste do Paraná pressionavam os professores que trabalhavam no município e no estado, para voltarem às aulas nas escolas e colégios estaduais, “e que muita gente amedrontada se deixa levar por essas questões”.

¹⁰¹CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁰²CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁰³IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁰⁴IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

Nesta mesma direção lembra Magali funcionária do Estado e documentadora daquela época que o governo pressionava os documentadores e exigiam informações diárias sobre a greve em cada município.

Tinha, nós tínhamos que informar na verdade, todo dia vinha lá uma relação ou eles ligavam, ligavam na escola pedindo quanto por cento dos professores tinham paralisado, quantas escolas realmente estavam com tudo paralisado, quantos que era, é, assim, mais ou menos que estavam trabalhando, é tinha escolas que até os diretores pressionavam os funcionários para eles não paralisar.¹⁰⁵

Nos municípios do Sudoeste do Paraná, na medida em que a greve continuava sem solução, os professores foram também perdendo o apoio dos poderes políticos locais, esse apoio era interessante por dois motivos, primeiro, porque era o poder constituído local e como tal, tinha legitimidade perante a comunidade, depois, porque os professores por intermédio desses políticos buscavam uma pressão sobre os deputados estaduais para que votassem em favor das demandas da educação e da greve. No entanto, como aparece nos relatos este apoio, diminuiu e até mesmo, em alguns municípios desapareceu no decorrer da greve.

Em relação aos pais, os dois discursos mais recorrentes na fala, são aqueles que afirmam que os pais apoiaram a greve e aqueles que afirmam o não apoio dos pais nas greves. No entanto, analisando esses discursos há uma questão intermediária que se apresenta, que é a construção da narrativa da greve pela mídia e principalmente a mídia de rádio local, evidenciando a longa duração da greve que traz um desgaste evidente para a categoria, e ao longo do tempo aumenta o número de pais que se posicionaram contra a greve.

Em relação ao apoio ou não dos pais a greve, de fato a mídia local, em geral rádios locais, têm um papel decisivo na construção da opinião dos pais. De acordo com Ivonete, os pais no início deram apoio aos professores, mas depois, a própria mídia se colocou contra “reverter a situação, por exemplo, a nossa rádio, estava do nosso lado, já passou a ignorar sabe nossas procuras”. Da mesma forma afirma Judite: “é que é o seguinte a mídia fez o papel muito bem né? colocou muitos pais, também não são todos, a gente não pode generalizar, muitos pais contra nós”.

¹⁰⁵MAGALI. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Um das questões apresentadas por Cristianela, está ligada a função do Estado, principalmente da escola em contribuir na criação dos filhos.

Os pais, dos nossos estudantes muitos dependem da escola pra que por meio período o seu filho esteja sendo amparado e assistido por alguém né, então..houve um incomodo social enquanto muita gente não tinha como cuidar dos filhos e não tinha aula nesse momento e isso faz as vezes com que a pessoa pense mais pelo seu viés né, pela sua perspectiva e esqueça um lado maior.¹⁰⁶

Nas entrevistas observa-se, no entanto, que durante a greve a um acirramento de ânimos, em decorrência da duração da mesma, e uma cobrança maior e pública dos pais para a volta às aulas, para Eliane, isso se acontece, mesmo que a comunidade escolar nos apoie, pois para os pais *querem é que os alunos estejam na escola, os filhos estejam na escola.*¹⁰⁷

No entendimento de Dione, partilhado por outras entrevistadas, a situação em relação aos pais ficou bem complicada “não sei se porque a gente vive num lugarzinho tão pequeno que todo mundo conhece todo mundo”, mas começamos a ser vistos como o governo desenhou “os baderneiros, quem não queria dar aula que só vinha na escola pra incitar os alunos”. Para ela essa visão negativa dos pais sobre a greve se estendeu inclusive para o dia 29 de abril: “a visão dos pais infelizmente, é a que nós fomos lá pra apanhar mesmo e que se você quer, quer, tá bom! se não quer, tem outros que querem”, conclui “maior prova disto é esses testes seletivo que ele faz dos PSS, quantos mil inscritos houve esse ano? Pra quantas vagas?”

Segundo Cristianela, o tempo de greve e a dificuldade de resolver o conflito entre governos e professores, aumentou o número de pessoas que se colocaram contra os professores, em municípios pequenos isso tornou-se decisivo.

Quando no dia 9 de junho foi encerrada a greve em Assembleia Geral em Curitiba, no interior, muitos professores já haviam voltado para sala de aula, outros, no entanto, tinha-se o entendimento a instância máxima de decisão da categoria é a Assembleia Geral, portanto, ela é o espaço legal de aprovação do início e do término da greve. Neste sentido, as entrevistas em relação a volta para sala de aula direcionam para

¹⁰⁶CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁰⁷ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

dois tipos de questões: uma delas é a reposição; a outra, a saúde física e mental dos professores que estiveram em paralisação.

CAPITULO II: O RETORNO

Porque uma greve ao mesmo tempo que ela machuca muito, deixa suas marcas negativas, ela deixa essa força de luta né, não dá pra desmerecer o engajamento de greve, pelo menos isso a gente tem que lembrar que é um ponto... não sei se é um ponto positivo mas um ponto necessário que fica dessas greves. (CRISTIANELA – Professora da Rede Estadual do Paraná).

Demonstrou-se que fazer greve não é fácil, ou então, algo acertado. É difícil de organizar, participar e sustentar uma greve, ainda mais mediante a diversos ataques truculentos. Ao deflagrarem uma greve não sabem ao certo quais são as reais possibilidades, os seus reflexos e resultados. Já para o retorno, sabem que possuem obrigações para serem cumpridas: a regularização do calendário escolar e não deixar que de alguma forma a greve possa afetar o processo de aprendizagem do aluno. Os trabalhadores precisam também, continuar na labuta e na luta, independente dos resultados diante a pauta, positivos ou negativos. E por fim, é necessário compreender que é um acontecimento que envolve um turbilhão de emoções e sensações que não se findam com o seu término. “*Em suma, no dizer de TISSEMBAUM ‘produz um estado de anormalidade funcional da sociedade’.*”¹⁰⁸ Bem como, nas relações de trabalho, como se evidencia neste trabalho. Neste sentido, quais foram os enfrentamentos desses trabalhadores nesse retorno? Quais as anormalidades causadas na vida dos envolvidos? Qual foi a condição de trabalho neste momento?. E por fim, como estes sujeitos retornam e avaliam a greve?

Para isso, entende-se que quando questiona o sujeito para que avalie ou rememore um acontecimento, temos de levar em consideração que sua análise se dá também, a partir do que viveu naquele momento ou então, do que mais o marcou. Atenta-se que, por já ter vivido ou por ainda estar vivendo as “*anormalidades funcionais*” que uma greve causa, e principalmente os demais desdobramentos das diversas confrontações, a sua avaliação vai compor não somente o fato, mas tudo o que

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Carreiro de. O Direito de Greve. Editora: Do Autor. 1958, pg. 57.

se originou a partir dele. Neste sentido a memória está relacionada ao lugar que ocupa na vida cotidiana, as suas singularidades e, da mesma maneira, à classe social que pertence. Tornou-se interessante analisar e perceber que o local em que estavam inseridos, as relações individuais nas escolas, a função exercida e a cidade que vivenciaram a greve determinaram a avaliação da mesma.

Por isso, adentrei a esse universo lembrando ser uma professora falando com outros professores. Levei meus questionamentos, minhas angústias, mas também minha audição, minha visão e o coração. Considero que para escutarmos esses sujeitos temos que estar abertos e sermos atenciosos diante dos detalhes que os cercam, das contradições que permeiam as falas, bem como as lacunas existentes entre uma memória e outra. Aproximar-se das suas realidades e buscar senti-la nos amparam para uma maior compreensão do seu universo e de como estes sujeitos se relacionam com a memória.

Dito isto, compreende-se que a memória não é algo homogêneo e se difere muito entre os sujeitos e como lidam com elas, mesmo exercendo a mesma profissão ou então vivências similares. Porém, o curioso das entrevistas deste trabalho é que, impreterivelmente foi arguido para que fizessem uma avaliação da greve, ou então, falassem o que mais marcou. Tanto a primeira como a segunda, frente aos que responderam, percorreram por caminhos tão distantes ou tão íntimos que precisam ser considerados. Por isso ressaltou-se anteriormente sobre as entrevistas serem tão díspares, pois foram eles que a conduziram, que escolheram o que queriam, precisavam ou lembraram em falar naquele instante dedicado somente para ouvi-lo.

Evidenciou-se que, se de um lado existe um discurso de valorização da educação que inclusive é fortalecido mundialmente, por outro, os espaços escolares parecem estar sendo utilizados como palco estratégico da classe política, utilizando recursos para justificar suas ações e planos de interesse. Além de proporcionalmente muito bem pagos, a classe política por vezes nega suas responsabilidades e advoga em prol do próprio interesse. Por sua vez, mediante as tentativas de enxugar a máquina pública justificando que os maiores gastos estão relacionados à educação, principalmente com os trabalhadores – neste caso os docentes - e, junto do corte de demais investimentos educacionais, as relações de poder estabelecidas demonstram o descaso dos políticos, das formas de violência exercida com os trabalhadores expondo-o constantemente a

instabilidades na profissão, e isso faz com que os trabalhadores identifiquem-se entre si.

As conquistas, as preocupações, as frustrações e o medo diante o incerto, são sentimentos compartilhados entre eles. Após vivenciarem tantos acontecimentos, tendo como ápices o dia 12 de fevereiro com a ocupação da ALEP e o dia 29 de abril com a comprovação do descaso perante a educação e os trabalhadores, através do governador que mostrou de perto como agem com trabalhadores, quando ameaçam seus interesses. Certamente, os trabalhadores retornam diante condições desgastantes, como observado em muitas das entrevistas. E junto disso, permeiam-se as angústias e indecisões sobre o seu resultado e término.

De certa forma a gente sente um certo alívio de poder voltar pras atividades escolares mas, um descompensamento muito grande, a gente volta pras atividades escolares sem grandes vitórias né, a greve foi muito importante, muitíssimo importante, mas ainda assim com resultados ainda... muito oscilantes né, resultados muito inseguros pra voltar dessa greve, e... mas de uma certa forma um tanto aliviados por poder pensar no calendário escolar de fato, pensa dentro da escola de fato, mas desgastados, porque aí voltamos com uma carga horária de reposição que obviamente mudou o ano de 2015.¹⁰⁹

De primeira instância, percebeu-se que, diante os resultados da greve a professora estende uma crítica, observando que os resultados da greve ainda eram insatisfatórios para ela terminar. Não foi apenas ela, a professora Eliane, nos relata que avaliou a greve como fracassada porque poderiam ter conseguido mais. Conta-nos que o governo já havia tirado o dinheiro da previdência, ainda não havia cumprido promessas, sugere pagamentos parcelados e incabíveis diante as atrasos já acometidos e mesmo assim: *foi saído da greve, eu não concordo, eu não concordei em sair da greve na época, eu acho que deveria ter continuado a greve, até... se ficasse seis meses, ficava seis meses... eu não concordo com o que aconteceu na época.*¹¹⁰

Esses trabalhadores reconhecem as vitórias e as outras tantas derrotas, porém, acreditam que poderiam ter assegurado outros direitos e lutado ao menos para exigirem o cumprimento imediato das pautas. Analisa-se que por parte dos trabalhadores, existia uma disputa acirrada para determinar o fim da greve ou não, e com um resultado apertado, decidiu-se por findá-la. Muitos se atentam para a postura adotada pela direção

¹⁰⁹CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹¹⁰ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

estadual da APP-Sindicato em não apoiar a continuidade da greve diante tantas incertezas estendendo críticas sobre a direção ter feito coro pelo seu fim, o que por vezes, é um motivo determinante para muitos se retirarem da luta, e não, permanecer em greve. Sabiam que poderiam ter tentando mais e isso, sem dúvidas, as indigna fomentando ainda mais o sentimento de derrota. Essa não foi à percepção da direção estadual da APP-Sindicato, e mesmo com bastante oposição esse retorno aconteceu, mediante esses resultados, e com condições que repercutiram nas relações sociais e de trabalho.

O retorno trará consigo alteração no ritmo de trabalho, dentre elas, a reposição das aulas. Quanto mais uma greve perdura mais distante os docentes ficam para cumprir com suas funções na busca de regularizar o ano letivo.

Tratando-se em nível burocrático sobre a reposição, o debate ocorreu em duas esferas, em nível estadual o governo e o comando de greve discutiam como melhor seria a mesma. O comando de greve em Curitiba tinha dúvida sobre o interesse do governo em encerrar o ano letivo em 2015. Neste momento houve um fala oficial da APP-Sindicato sobre a reposição, que de acordo com o seu presidente Professor Hermes Leão: *“Estamos fazendo um estudo constitucional para garantir às 800 horas previstas ainda em 2015. Existe parecer favorável a este entendimento. As aulas já estão acontecendo. Nada impede que o melhor calendário seja aprovado e homologado na seqüência”*.¹¹¹

Para o autor, a questão colocada para os professores era se havia vontade política do governo de terminar o ano letivo em 2015, ou prolongar para 2016, e provocar mais um desgaste para a categoria, no sentido de culpar a mesma por não conseguir dar término ao ano escolar. A única possibilidade de cumprir às 800 horas em 2015, era colocando uma sexta hora diária no calendário, questão que o governo sempre se colocou contrário, além disso, para o entendimento da APP, era necessário cumprir as 800 horas anuais, mas não necessariamente os 200 dias letivos.

Para o governo, no entanto, o entendimento era outro, não poderia ser colocado a sexta aula e era necessário cumprir as 800 horas e os 200 dias letivos. Sobre a questão da sexta aula, dia 25 de junho houve um parecer oficial do Conselho Estadual de

¹¹¹GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016. p.163

Educação emitindo parecer favorável a aplicação da mesma¹¹². Por fim, o comando de greve afirmou que algumas escolas conseguiriam cumprir o calendário de reposição até dia 23 de dezembro de 2015, principalmente as escolas menores, no entanto, nas maiores, não foi possível, havendo reposição, durante o mês de fevereiro de 2016.

a reposição foi assim uma reposição bem reposta né, não foi, eu acredito que os alunos não tiveram percas de aulas (...) só que foi cansativo pra gente porque, emendava sábado, aí segunda já tinha, tinha o domingo só, para não descansar porque a gente não descansa, a gente leva todo o trabalho pra casa pra fazer né, foi assim um ano bem puxado mas... foi resposto né.¹¹³

O cumprimento com as pendências diante o calendário escolar, os conteúdos e as atividades avaliativas não era importante apenas para a Salete. Muitos buscam ressaltar o comprometimento diante a reposição do conteúdo e com as demais obrigações. Pode-se compreender como uma resposta às diversas acusações de estarem prejudicando os alunos e a sociedade em geral, porém, evidenciam outras situações realmente prejudiciais para a comunidade escolar.

*Os trabalhadores obviamente tiveram que se empenhar mais naquele momento pra poder por em dia o nosso calendário, coisas que os nossos deputados jamais vão saber como funciona né, porque eles não participam da vida escolar*¹¹⁴ Atentos da responsabilidade, ao falarem sobre o pós-greve, indicaram de início a organização para a reposição das aulas, uma das dificuldades encontradas nesse período, segundo Cristiana, que fala a partir da sua realidade, esta que se estendeu para outras escolas. O problema consistia em adequar o calendário de reposição, as reuniões eram rotineiras para dialogarem sobre isso, pois, uma grande quantidade de professores não possui dedicação exclusiva dentro de uma escola. Isso resultava em choques de horários entre os calendários das escolas dos municípios e também, internamente, sendo assim a necessidade de readequação do calendário de reposição era frequente.

Porém, este se tornou um insignificante problema, tratando-se do retorno. A dificuldade diante as questões burocráticas não superam alguns acontecimentos

¹¹²GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016

¹¹³SALETE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹¹⁴

rememorados por esses professores. Para eles, após uma greve intensa retornar às atividades funcionais da escola – nessas condições - contribuiu substancialmente como um agravador de conflitos.

Iniciamos por um dos fatores que professores pouco se referenciam, contudo, a partir deles exploraremos os demais. Trata-se das relações estabelecidas com os alunos, que se diversificou nas entrevistas. Ressaltam sobre a dificuldade de contarem com o apoio de muitos alunos e pais, resultando em muitos faltantes. Contudo, evidenciou-se que, as escolas que tiveram uma alta adesão de professores na greve e que, de alguma forma aproximaram-se mais da comunidade escolar informando os pais e alunos sobre a importância da greve, bem como, a direção da escola aderindo e apoiando a greve, - fatores estes que resultam em menos conflitos e desgastes internos – contaram com o apoio de muitos pais, os quais ajudaram ter uma presença marcante dos alunos, mesmo aos sábados.

Na relação direta com os alunos, surgiram alguns conflitos - ao tentarem a compreensão dos mesmos - diante insinuações que a culpa dos transtornos que estavam vivendo deveria ser atribuída ao professor. Certamente existe incômodo causado pela falta de identificação dos alunos na luta pela educação. Contudo, algumas práticas se tornam importantes ao deparar-se com essas situações. A professora Marlene acredita ser fundamental que os alunos tenham um entendimento dos fatos e de como afeta a todos. Conta que sempre fez isso, mas na greve de 2015 a repercussão foi outra, *até catei a bala sabe, de borracha, tenho ela, ah, pra mostra pra eles o que era, como era, eu conto*¹¹⁵. Conta sobre a indignação refletida pela maioria dos alunos e a curiosidade em saber ainda mais. Queriam os detalhes. *Ah, a professora tava lá, é verdade professora que a professora apanhou também?*¹¹⁶

A postura adotada pela professora no retorno às atividades com os seus alunos, que, através de um pequeno objeto, o qual, para ela muito simbólico, contribuiu para sensibilizar e despertar o interesse dos alunos sobre o que ele representará. Eles já sabiam do acontecido, afinal, o dia foi marcado pela repercussão internacional do fato. Incitou os alunos a questionarem e a contribuir, a partir do que eles já tinham conhecimento, para refletirem o significado que isso tem para a educação na sua

¹¹⁵MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹¹⁶MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

totalidade. A forma com que o professor se relaciona ou avalia o acontecimento, por hora, é uma versão que eles acabam de conhecer, e ela é fundamental, pois o fato foi vivido por muitos, e o olhar que terão diante isso é possivelmente um reflexo do que perceberam dos professores.

A relação que possuem com alunos, não apenas nesse momento, mas durante a vida escolar também se demonstrou um fator importante. A Eliane, que demonstra emoção ao falar sobre esse assunto, rememora a presença significativa dos estudantes nas atividades de greve em apoio aos professores, grande parte deles eram seus alunos. Notavelmente demonstra certo orgulho por isso. Acredita que essa presença massiva justifica-se através da forma como abordava a História e como sempre buscou dialogar com os alunos sobre a importância da defesa dos direitos, ressalta ela que os acompanhou desde o início da jornada escolar desses alunos, ou seja, o 6º ano do Ensino Fundamental. Essa ressalva sobre a relação com seus alunos se torna importante na medida em que fala às razões que a fizeram pensar nisso. Neste contexto, elucidou a confiança e a relação de igualdade quando, em uma situação de conflito, sentiu-se amparada pelos seus alunos.

na verdade assim, a gente, entrou na sala de aula, a gente foi proibido de fala do governo.. eu fui, a gente foi proibido tanto que, é, tive denúncia, na ouvidoria que eu tinha feito um.. um rap, falando mal do governo... aí algumas pessoas que eram professores, lamentavelmente, professores... depois descoberto né, roubaram do meu escaninho uma caderneta pra vê se me condenavam alguma coisa, como não acharam nada, rasgaram e jogaram fora... é... como era um documento eu só fiz boletim de ocorrência... depois que fiquei sabendo quem foi, aí, não quis nem mais entra em detalhe pra não me incomoda... mas, é, não podíamos falar nada do governo, nada... fomos proibidos.

117

Inseridos em um ritmo de trabalho mais intenso, desdobrando-se entre os afazeres essenciais de um retorno e buscando garantir a produção do conhecimento, por vezes, os embates e as dificuldades transpassam as paredes da sala de aula. Neste sentido, adentramos em outras relações conflituosas que marcaram, consideravelmente, a memória sobre o retorno. Esse momento em que se colocou novamente frente a frente

¹¹⁷ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

os protagonistas da greve, professores e alunos, que se dividiam inicialmente entre os que apoiaram a greve e ficaram em paralisação até o fim da mesma, e os que eram contra e voltaram antes foi motivo de muitos conflitos na categoria.

Não devemos ignorar o empenho do governador através dessas práticas, tentar silenciar, acusar e punir o professor. Contudo, ter presenciado diariamente esse enfrentamento da professora Eliane perante Estado, o qual fortaleceu ainda mais a necessidade dos enfrentamentos diários com os colegas, me fez lembrar sobre uma célebre frase de Simone de Beauvoir, a qual nos dá certo significado para este fato, ao atentar-se que *o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos*.¹¹⁸ Para Eliane, mesmo que tivesse produzido uma atividade recreativa para debater questões sociais e políticas – temáticas estas, inseridas na grade curricular da disciplina – não acredita que isso seria o problema, portanto ressalta que respondeu às acusações feitas através da Ouvidoria do Núcleo de Educação de Francisco Beltrão, e, apesar do desgaste causado por essas situações, isso parece não se comparar conviver e enfrentar diariamente a postura de colegas da categoria desmerecendo o movimento grevista, serem indiferentes sobre o massacre de 29 de abril, ou então ser constantemente achincalhados.

A professora Dione ressalta a falta de apoio da direção da escola, que não aderiu à greve, nem respeitou – não aceitando – a escolha do sujeito, deixando inclusive de exercer suas funções legais: *eles não vinham para a escola no dia que nós estávamos aqui trabalhando com alunos, então era nós, era castigo! Entendeu? Nós vivia assim: você tá de castigo hoje você vai pra lá cumpri teu horário*.¹¹ Lembra que pouquíssimos alunos frequentavam as aulas, lamenta a ausência da direção escolar nas reposições, o que dificultou o andamento de atividades fundamentais e negando o suporte fundamental aos professores.

Os dias pareciam extensos e Ivonete lembra o sentimento que marcava o dia a dia dos professores em escolas evidenciadas com maiores conflitos entre a categoria. Para ela era *cansativo, muito triste você não via a hora de chegar cinco e meia pra você dá no pé sabe, entendeu?*¹²⁰. Esse cansaço não era somente pela reposição, ou então, pelo clima de tensão que se estabeleceu nas escolas. Esses fatores foram pesos

¹¹⁸ BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo Vol 2: A Experiência Viva, Difusão Européia do Livro, 1967.

¹¹⁹ DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹²⁰ IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

acachapantes sobre um sujeito que já estava carregado de outros tantos sentimentos, estes que, estão ligados à greve e como se percebem ao sair dela.

nós tinha sempre aqueles que te colocava sabe, contra a parede, né, é, e assim tava sempre junto conosco, alguém, a gente percebeu que no grupo lá sabe de 4, 5, um deles tava sempre conosco sabe na sala dos professores, pra levar, quer dizer, quando nós falava qualquer coisa aqui sabe, em questão de 5 minutinhos a diretora já sabia, em questão de mais 5 minutinhos o chefe já sabia o que tinham comentado, então era assim ó, era tão rápido as informações que chegava lá sabe daí chegava um e-mail, do chefe, dizendo sabe isso, dizendo aquilo sabe e tal, tal, sabe né dai a diretora pegava e colocava lá na, quer dize, fazia 10 minutos que tinha acontecido a conversa, foi pra direção, direção foi pro chefe o chefe manda e-mail e dai ela colocava lá no mural, sabe, não falava nada, ela entrava na sala e colocava no mural entendeu, e nós já sabia que era por causa da nossa conversa 10 minutos atrás, sabe, no fim virou uma piada, fico uma chacota sabe, nós decidimos chacotia sabe, dá risada né, porque o que que nós ia fazer naquelas altura, né.¹²¹

A professora Ivonete faz um adendo quando fala da direção da escola, ela assumiu essa função por nove anos consecutivos exprime uma pressão existente sobre o cargo, para que estes adotem posturas que dificultam a organização dos trabalhadores.

Porém, ela mesma se posiciona indicando a importância do apoio e principalmente, resistir às pressões vindas de cima. *Então assim, eu sempre disse não, vão que eu do um jeito, eu dou um jeito! "É mas ... " Não! Pode ir. Porque dai se, se a gente não pode ir sabe alguém tem que fazer isso né.*¹²² Conta que enquanto no período que atuou como

diretora, buscou sempre apoiar os professores para que estes se dedicassem as reuniões, atividades e funções, estas que normalmente são referentes as atividades da APP-

Sindicato e representantes *inclusive uma das brigas do núcleo comigo é está, porque eu sempre liberei*¹²³. Ivonete compreende a importância desse apoio, e também,

demonstrou que buscam estratégias para resistirem aos ataques dos próprios colegas.

Teve também escolas que ficaram completamente fechadas, como é o caso da escola que a professora Eliane trabalhava. A direção e o setor de secretaria aderiram à greve.

o que aconteceu também foi que, muitos professores que não aderiram e, ou uns que voltaram, uns que realmente são, essa é a palavra certa: puxa saco do governo, resolveram, é, teve

¹²¹IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹²²IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹²³IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

uma escola aqui que a direção entrou na greve e fechou a escola, e esses professores pegaram, foram na frente da escola, tiraram fotografia, mandaram pra secretária da educação e diziam que o diretor não tinha aberto a escola pra eles entra pra ir trabalha, aí começou o conflito né, entre direção, professores, secretaria.¹²⁴

Neste relato da professora Eliane percebeu-se que apesar de poucos professores que não aderiram à greve, além de aparentar a falta de identificação com a pauta ou com a classe, agiram de forma a contribuir com os interesses do Estado, fomentando inclusive uma inversão de valores, ao identificar como inimigo o seu colega que aderiu a greve em defesa dos direitos de todos. Falando em inimigo.

Logo que a gente voltou, montou é... um painel com as fotos do dia 29, é...teve alguns da mesma categoria, alguns professores foram lá tiraram fotografia e mandaram pra ouvidoria e essa pessoa foi reprimida, não por parte da direção, mas por parte da, do, da secretaria da educação, que não podia monta painel com aquilo lá nas escolas instigando os alunos, não, pra mim não é instiga, pra mim é faze com que o alunos não saibam realmente o que aconteceu, pra quem não assistiu, pra quem não viu nada, pros pais que fossem na escola.¹²⁵

Frente à tentativa de criar espaços para que alunos e a comunidade escolar refletissem sobre o que haviam passado - principalmente esclarecer melhor os fatos e buscar a compreensão de quem realmente age como inimigo da educação - aconteceu em muitas escolas do Estado a produção e a exposição de um mural temático que repercutiu com diversos conflitos e outra clara demonstração de coibição sobre esses trabalhadores e suas identidades políticas, bem como, um ataque a liberdade de expressão.

A Rosilane, professora de Educação Física compõe essa narrativa lembrando que, junto com demais professores decidiram construir um painel. Naquele momento, readaptada de função, propõe-se a realizar a atividade, e conclui: *nóóós pagamos as fotos e eu montei aquele painel do paredão inteiro assim, e daí, fotografaram e levaram pro núcleo e daí fizeram uma denuncia de mim lá, daí, ficou dois dias o painel na parede e ela mandou tirar nas escuras.*¹²⁶ No momento da entrevista já estava

¹²⁴ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹²⁵ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

aposentada, fora poucos meses depois da greve de 2015 essa conquista, dessa forma, retornou as atividades durante a greve e vivenciou todo o retorno, enquanto professora readaptada de função. Com agravamento de problemas físicos, tornou-se difícil atender as exigências da sua disciplina. Ela que, desde o início da sua carreira dedicou-se na luta pelos seus direitos enquanto trabalhadora, atuou no cargo de documentadora, e ressalta que nesse momento aproveitou e se aprofundou ainda mais no que se referia às questões burocráticas e dos direitos dos professores, atuou colaborando com colegas e por muito tempo representante sindical nas escolas em que trabalhou.

Diante disso, vale ressaltar que, essa foi uma das entrevistas que ao realizá-la deixou-me aparentemente inquieta e ao mesmo tempo reflexiva. Isso se deve a uma carga emocional que trouxera nas palavras. Agitada porque ao escutá-la atentamente eu a observava também, e não teria como não fazer isso. Ao falar sobre a ocupação da assembleia e do dia 29 de abril deixou a euforia e a emoção tomar conta, a expressão estava além das palavras porque a cada fala os braços se movimentavam para lá e para cá, não parava de se mover no sofá. As entonações na voz demonstraram as angústias, as emoções e a certeza de que fez a escolha certa, seguir o caminho da luta quando entrou na docência. Parecia não querer esquecer nada diante toda aquela euforia, porém, ao transcrever a entrevista percebi que para além de um desabafo sobre como se despede da profissão, acabou realizando uma avaliação da própria trajetória. Ela se orgulha muito da marca que deixa entre os colegas, mas sem dúvidas sair mediante conflitos com outros colegas a deixou incomodada.

A cada pouco sentia-se arrepiada, sinalizando com dedo para os pêlos do braço. Toda vez que fazia referência a uma conquista, por exemplo, a ocupação em que estava dentro da ALEP e viu seus companheiros adentrando e impedindo a votação., repetia o sinal do dedo no braço. Contudo, o arrepio também aconteceu ao contar sobre o conflito vivido pós-greve. Conta que, enquanto lecionou, sempre dedicou tempo das suas aulas realizando atividades reflexivas, utilizava recursos como montagem de painéis para exposição, que contemplavam reflexões sobre questões educacionais e sobre direitos, não apenas enquanto aluno ou então professor, mas enquanto cidadão de direito.

Tenta justificar que era uma prática rotineira ao referenciar-se à montagem do painel referente ao 29 de abril. Por isso que, ao falar do mural já se atenta em

caracterizar como *rebosteio*, ou seja, alguma desordem diante a sua existência aconteceu. Nesse sentido, descreve que no Colégio em que trabalha houve um embate direto entre a direção e os professores grevistas tendo como motivação a reposição.

(...) ela era a diretora na época e daí ela chegou nós estávamos sentados assim, mas ela não recepcionou nada, não falou nada pra ninguém :-óh professores, sejam bem vindos e tal, e ela continuou trabalhando, ela e mais uns 3, 4 professores continuaram trabalhando e ela chegou na sala, nós estávamos com os nervos a flor da pele, e ela chegou na sala dos professores e falou assim: bom, a partir de sábado começa a reposição pra quem fez greve, quem não fez greve não precisa vir repor mesmo que não tivesse tido aluno.¹²⁷

Esse relato é parte do que aconteceu no primeiro dia de aula pós-greve no Colégio em que Rosilane trabalhava. Ao ser arguida sobre o retorno, ela lembra de imediato do mural, mas só faz referência que foi um *rebosteio*, e parte para outro assunto, ressaltando que voltaria nele, mas precisava falar sobre o primeiro dia. A recepção nada calorosa por parte da direção decepcionou os trabalhadores, esperavam ao menos uma fala ou então que, pudessem ao menos falar do assunto. Conta que, a então professora que ocupava o cargo da direção, a qual não apoiou a greve, e argumentou sobre a forma de reposição. *Isso é errado, o aluno tem direito, é direito dele, o aluno não tem culpa que nós fizemos greve*¹²⁸, e os professores mesmo não parando também vão ganhar as conquistas da greve, portanto devem também repor, principalmente, porque durante a paralisação não houve alunos e portanto, os professores que não aderiram a greve não puderam dar aula e nem registrar a mesma. Ressalta que, mediante um clima de tensão, houve uma forma de divisão política dos professores na escola, teve quatro professoras que não aderiram à greve ficaram do lado da diretora, as outras *sentaram do meu lado*, afirma.

Isso se torna importante, pois, durante a semana com a exposição do mural os conflitos se agravaram. Esse enfrentamento em relação à reposição das aulas determinado pela direção da escola no primeiro dia e a continuidade dessa postura,

¹²⁷ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹²⁸ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

produzindo o memorial e dialogando com alunos e professores, certamente motivou a denúncia. No mesmo dia em que foi chamada para respondê-la no Núcleo Regional de Educação – Francisco Beltrão certificou-se do que consistia a mesma:

fizeram uma ata (risos) escrevem mee... que eu atendia os professores das outras escolas láá na escola, que atrapalhava o meu trabalho, que eu como tinha sido documentadora, tinha bastante conhecimento da lei, das coisas, eu atendia os professores, os professores iam lá me atrapalha durante o meu trabalho (ironia), porque foi 2, 3 professores que queriam saber questão de tempo de serviço e tu acha que eu não ia, que eu ia me omiti?! se eu sei, tu acha que eu não vou ensinar?! Vou ensina seeempre, vou dizer sempre!¹²⁹

Segundo a professora que teve acesso a ata, ela teria sido feita e entregue pela diretora, a qual relatava alguns problemas de ordem pedagógica, dentre eles, atender e esclarecer eventuais dúvidas sobre leis e direitos dos outros professores, principalmente analisar contagem de tempo de aposentadoria, ou seja, realizar funções que não a cabe. Rosilane acredita que essas acusações são motivadas pelo enfrentamento que estabelece diante debates sindicais e políticos. Não negou sobre o auxílio aos colegas para diversas coisas, mas se negou assinar a ata.

Neste sentido, percebemos que, tanto o relato da Eliane, quanto o da Rosilane iniciaram da mesma forma, através de fotografias enviadas aos responsáveis determinados em proibir os painéis e pelas denúncias. Eliane não esquece de enfatizar que a pressão pela retirada do painel não vinha por parte da direção, que inclusive, contaram com o apoio da mesma para estas atividades. Neste caso, os responsáveis pela denúncia foram colegas professores. Rosilane também não esquece de ressaltar quem eram os responsáveis pelas denúncias e acusações, e também como agiam no dia-a-dia enquanto direção. Apesar das motivações para a retirada do material exposto serem as mesmas, evidenciou-se que não é apenas o governo que impede de falar do assunto.

Dito isto, o que está explícito nesses relatos são as denúncias oriundas de dois espaços ocupados pela categoria, mas com abordagens diferentes. Na escola em que Eliane trabalha, quem esteve à frente da denúncia foram colegas professores e na de Rosilane foi a direção escolar que exerceu o papel de reprimir a categoria. Atenta-se

¹²⁹ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

que, apesar das funções diferentes a direção escolar e os professores precisam estar em consonância para enfrentar as adversidades que surgem no percorrer do ano letivo sem prejudicar os trabalhadores, os alunos e o andamento das atividades em geral. Por fim, tanto as direções escolares e os professores que não apoiaram esta greve tiveram uma significativa participação tratando-se do desgaste causado.

2015...no dia 29 de abril, no dia 29 de abril enquanto nós estávamos lá, tinha professor aqui dando aula na sala de aula naquela mesma hora!!! tá?! E no outro dia também...também... então neem o 29 de abril, acontecimento do dia fez com que essas pessoas pelo menos parassem um pouquinho e vissem a situação que nós estávamos lá enfrentando, não! Continuaram, e inclusive muitos daqui falaram que nós não devíamos estar lá, que o que que nós estávamos fazendo que o nosso lugar era aqui.. e assim... isso foi fazendo com que você perdesse a.. a credibilidade. Por quê? Essas pessoas iam pra sala de aula, falavam de nós pra esses alunos, falavam para os pais, falaram assim, e e não por, não sei se porque a gente vive num lugarzinho tão pequeno que todo mundo conhece todo mundo, ah, a nossa situação pessoal começou ficar bem complicada, porque nós éramos não mais visto como aquelas pessoas que estavam lutando em prol de alguma coisa, mas como o governo pintou nós: os baderneiros, quem não queria dar aula... quem só vinha na escola pra incitar os alunos a .. então ficou uma situação beem complicada...e quando nós voltamos pra dar aula foi pior ainda, porque houve aquele calendário de reposição horrível, aos sábados, nos feriados, nos recessos e o que que aconteceu.. quem que vinha pra escola, só os professores baderneiros, nós não tínhamos secretaria, nós não tínhamos direção na escola, nós não tínhamos ninguém, era só nós aqui, nós tinha que ir pra sala, abri a sala, trocar horário com aluno, sem sinal, sem nada, porque aquelas pessoas não haviam feito greve, e eles riam de nós, foi horrível! Tu não temidéia do que nós passamos aqui, e nós éramos em uns 4, 5 só, eles riam de nós e diziam assim: (Riam), vocês tem que dar aula amanhã - na sexta por exemplo- vocês tem que dar aula amanhã no sábado, eu to de férias, eu to tranqüilo... tá! Quer dizer, vocês não ganharam nada, única coisa que vocês ganharam além das bombas, foi vir trabalhar nos finais de semana agora e nós estamos de férias. Foi uma situação horrível e isso dividiu a categoria aqui de uma maneira que eu acho que nunca mais assim, se era esse o objetivo dele conseguir desestruturar totalmente ele conseguiu, porque cada vez que se pensa em parar, tanto é que não houve mais paralisação... não param mais, 29 de abril? Não param mais.¹³⁰

Diante uma greve histórica em adesão, com uma divisão clara de quem aderiu ou não a greve, questiono: Quem são esses professores que não se identificaram com a

¹³⁰DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

classe? Nesse sentido é muito importante compreender e definir quem é percebido como inimigo neste momento. O Estado ataca de diversas formas os professores, que em um meio a luta, impactada pela brutal força física empregada, a classe começa ter a impressão de se defender sem saber por quê.

Professores que se viam atacados, incrédulos da violência e ainda, sofrendo com a falta de empatia de outros servidores. Estes que, se encontravam na mesma perda de direitos, porém, que não se identificaram como classe para defendê-los. Tamanha a desconsideração que tiveram com os colegas que lutaram para defender a educação pública com as condições dignas de seu nome. Para esses professores, será que é tão difícil se questionar sobre o que tantas colegas sentiram no meio do bombardeio, quem vai saber o que pensavam, e a quem importa? Muitos professores se encontram defendendo suas garantias como se estivessem pedindo esmolas ou então, realizando algum atentado contra o Estado, o qual, naquele momento usurpava em torno de 8 bilhões de reais da previdência.

A partir destes questionamentos é possível analisar as relações de classe que se estabeleceram ao retornarem as aulas, frente às reposições, intensificam-se as atividades e logo se exigiu mais dos professores e da compreensão da comunidade escolar em geral. Nesse sentido, parte-se do princípio que é um momento difícil para todos, porém, depois de acontecimentos como os quais vivenciaram, sentindo na pele o gosto amargo da usurpação de direitos e do desrespeito para com a educação. E, levando em consideração o relato de Dione, professores que voltam literalmente bombardeados, de repente, se encontraram em um ambiente de trabalho hostil, sem apoio e muitas vezes sofrendo perseguições dos colegas de trabalho. E, ao considerarem a reposição um processo difícil, entende-se que não foi por ter que repor as aulas, mas a forma como aconteceu.

Ao ser arguida sobre o retorno das atividades, a professora Eliane imediatamente caracteriza como *angustiante, porque.. com a volta com os colegas, daí você, a gente já fica com um pé atrás com quem voltou antes, não ajudou até o final, que eu acho que se é um grupo, né, maaas, cada um tem um motivo.*¹³¹ Ao expressar sobre a sensação de angústia, e continuar a avaliação referindo-se aos colegas que de alguma forma não apoiaram a greve, e o quanto a presença deles alterou inclusive sua condição individual,

¹³¹ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

ao ter seus documentos roubados e receber a denúncia, a professora além da reposição, teve que responder por estas situações. Portanto, evidencia-se uma pressão exercida dentro da própria categoria, e para Eliane, esses professores são *uns que realmente são, essa é a palavra certa: puxa saco do governo*¹³². Ou então, professores que não precisam estar ali, e, quando fala isso, justifica com um fato que a marcou durante uma reunião dos professores que aconteceu na greve de 2014,

será que esses realmente são professores? ou tão ali só pra fazer um bico... é porque muitos deles, um inclusive chegou dizer numa reunião que a gente, que ele não precisava entrar em greve que ele tinha 5 fonte de renda, é, que ele não precisava do dinheiro do governo.. e outros como eu vive só desse dinheiro, é só essa fonte de renda...então não sei como que a gente deve chamar esse tipo de pessoa, porque professor?!¹³³

Eliane não se identifica com seu colega, nem ele com ela. A não identificação de classe, ou então a falta da consciência de classe, se tornou evidente neste momento. Os mesmos sujeitos que, em 2014 além de não aderir à greve fomentaram desavenças, em 2015 atuaram não apenas contra a greve, mas na defesa do governador. Contínuas denúncias contra os professores grevistas, ameaças aos PSSs que aderiram à greve e agressões verbais contra os professores que se concentravam na praça, caracterizaram a postura adotada por alguns professores não grevistas. Esses embates dentro da categoria por vezes, provocaram nos professores situações de desconfiança, esgotamentos mentais e insegurança.

O retorno continuou exigindo, principalmente por estarem inseridos em um ambiente com constantes ameaças, colocando esses sujeitos sempre em posição de insegurança. *Não tem como você trabalhar todos os dias com o mesmo ânimo quando você está ameaçada né, quando você vê que o governo pode mudar as coisas do dia pra noite e de repente a gente tem que falar em greve de novo, que seria um tanto quanto desgastante.*¹³⁴ Frente a essas situações e com um resultado de greve ainda muito oscilante, o sentimento que sondou diversas escolas era de estarem *andando meio que sem rumo né, a gente saiu literalmente com promessas e promessas essas que ainda*

¹³²ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹³³ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹³⁴CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

*poderiam não ser cumpridas nos fazendo voltar à estaca zero então, uma organização tão grande pra de repente não ter resultados tão férteis.*¹³⁵

Sabemos a respeito do Estado quando se finda uma greve e dos direitos dos trabalhadores, mas pouco se sabe sobre a colisão de tudo isso na vida desses trabalhadores, que estão constantemente diante de lutas árduas e agitações continuadas¹³⁶. Destacaram-se nas entrevistas os impactos e as anormalidades causadas, muitas vezes, mais do que a greve em si. Por isso o seu impacto não se mede somente pelo dias, adesão e causas, mas sim, a partir da análise e compreensão dos motivos mais profundos e especialmente, os seus efeitos colaterais, seja no âmbito social, político ou individual para estes sujeitos.

então é, quando a gente para pra analisar o jeito que a gente volta, a gente volta como se tivesse apanhando né, i... e de fato apanhamos, então, não é fácil de voltar nessas circunstâncias, é... um... sentimento de entristecimento que existia dentro da escola, justamente por saber de que tudo que a gente precisava enfrentar ainda, todos os obstáculos que tinham pela frente ainda e que a gente volta desgastado, a gente volta literalmente cansados pra sala de aula, não um cansaço físico, mas um esgotamento de possibilidades mentais porque é... passar por esse processo de greve afeta muito a nossa cabeça, é... é difícil você entrar em sala de aula e querer propor pro teu aluno um futuro através da educação quando você acabou de apanhar do governo... né... então, é... os próprios alunos perceberam o quanto a gente volta pra sala de aula como realmente que tivesse apanhado né, e apanhamos em vários sentidos, apanhamos fisicamente, apanhamos psicologicamente, e isso não tem como a gente retirar de sala de aula né, o desgaste vai junto pra sala de aula, mas tivemos, tivemos um ano de reposições, tivemos um ano de luta, tivemos um ano onde nós não paramos de prestar atenção no que o Governo estava fazendo né, ficamos de olhos bem abertos, as datas que a gente firmou pra colocar em prática algumas ações, mesmo que algumas dessas ações não tenham sido cumpridas, nas datas corretas.¹³⁷

Evidenciou-se que existe uma ferida profunda marcada nessas trajetórias, os vestígios de humilhação, violência e principalmente, o sentimento de derrota se fazem bastante presente nas entrevistas ao tratarem do retorno. Por isso, torna-se interessante analisar como a professora Cristianela constrói a sua narrativa quando arguida sobre

¹³⁵CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹³⁶

¹³⁷CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

esse momento. Vivenciar a greve e os seus ápices não é algo fácil, tanto que, buscam estar sempre ressaltando, é um momento que exige muito do trabalhador, por isso o sentimento pode ser de alívio, no entanto, de imediato refuta como estavam se sentindo, enquanto trabalhadores ao retornaram desta greve. Procura exprimir o sentido literal do retorno ao atentar-se em dimensionar como estavam, ou seja, retornam e cumpriram com as obrigações que se originam da greve, porém, era assim que se sentiam ao sair de uma greve: inseguros, amedrontados, desgastados e ainda, encontravam-se em um cenário prejudicial para o desenvolvimento do trabalho e para as relações de convivência, constata. Os efeitos vão além do que esperavam inclusive, entrar em sala tornou-se difícil para muitos, função principal do professor. Ao analisar as entrevistas percebe-se que esse abalo é compartilhado, ao falarem de si, ou então de como estavam percebendo seus colegas.

A tristeza também era marcante no encontro com os demais professores. A professora Salete conta que *o professor tinha aquela tristeza né, aquela... Principalmente quem participou mais ativamente dos confrontos, aqui tinha aquela tristeza.*¹³⁸ Notou isso principalmente daqueles que estavam presentes no dia 29 de abril - ela não estava - porém avalia que aqueles que estavam retornaram ainda mais abalados psicologicamente. Relata muitos colegas deixando de participar devido ao medo oriundo das repressões e da violência utilizada pelo governo ressaltando como isso irá afetar nas próximas mobilizações da categoria. Inclusive, muitos reduzem a ação do Estado no dia 29 de abril como fator primordial para o desmantelamento da categoria. Contudo, acredita-se necessário rememorar os acontecimentos, realizar uma análise aprofundada, crítica e, sobretudo, em conjunto sobre a greve na suas especificidades.

Compreende-se que as maiores dificuldades na retomada de atividades não foi à reposição ou as cobranças dos alunos e pais, era estar em um ambiente repleto de sujeitos com o psicológico abalado e que ainda de permaneciam em um cenário prejudicial. Contam que vivenciaram vários momentos emocionantes rememorando o acontecido do dia 29 de abril, e também, colegas que tiveram dificuldade em dar aula, pois a todo instante cenas vinham na memória e as lágrimas eram recorrentes. Isso marcou Salete, ela não estava, mas acredita que inevitavelmente, a violência e o abuso da força marcam e perduram na memória de quem as vive, e de fato marca.

¹³⁸SALETE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Percebe-se que a tristeza não é apenas referente à violência desmedida daquele dia, mas sim o que ela significou para os trabalhadores. As sensações daqueles que vivenciaram os acontecimentos eram múltiplas, alguns inseguros, ou tristes. Outros cansados, mas sentindo-se com forças. Tantos outros sem esperança ou com um sentimento de impotência. Outros inseguros diante a necessidade de continuar a luta, mas viam qualquer chance de resistência ruir. Porém, e em comum, havia uma tremenda dor diante um sentimento único, ele que se sobressaiu não apenas no dia 29, mas referente à greve. Não voltaram apenas cansados ou tristes, voltaram cientes de que muita coisa ficou para trás.

Observou-se também, que um sentimento marcante e significativo neste retorno, o sentimento de perda, tornando-se muito importante compreender ao que a relacionam e como lidam com elas. Um histórico intenso de luta marca a trajetória da maioria desses professores. E todos buscam ressaltar, como já mencionado, que todos os direitos foram conquistados com muita luta e nada do que desfrutavam foi como deveria ser, garantidos pelo Estado. Ao contrário, foi na luta e na resistência que conseguiram adquiri-los. Os sujeitos marcados por essas trajetórias e para aqueles que a reconhecem, percebe-se que o sentimento de perda em relação aos direitos é acompanhado da perda da identidade política enquanto cidadãos de direito. Esta última está relacionada também a toda luta travada por tantos anos que pareceu insignificante naquele momento.

*Então, tudo que começa e que dura três quatro anos como melhoria, alguém destrói em 1 e demora mais 15, 20 pra luta e de novo, pra começar... então a educação tá sempre no ponto zero! Infelizmente é assim que a gente vê hoje né”.*¹³⁹ A desesperança e a incredulidade de Dione fizeram-na repensar sua profissão, ela que sempre fora muito engajada dentro e fora da sala de aula – afirmo isso por ter sido sua aluna - atuante desde o seu ingresso na docência no movimento de luta docente. Ela não aceita sua situação, por isso entende que o sujeito ao escolher ser professor tem que ter o entendimento que as ações vão para além da sala de aula, a jornada de trabalho divide-se em lecionar e atentar-se para a necessidade de posicionar-se diante a luta. Avalia como pior greve dentre todas as vividas por ela, tirou o que era deles de direito, desconsiderando e desrespeitando a sua trajetória e dos seus colegas. *Eu não entraria na*

¹³⁹DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

*educação porque você vai ficar mais 15 anos lutando por uma coisa pra de repente uma pessoa entrar lá em um ano e tirar tudo aquilo que você teve durante toda a tua luta?*¹⁴⁰ Em pura perda, tudo o que fizera pareceu em vão, inutilmente.

Eu, eu penso assim, sabe, eu sinto que é a mesma coisa como eu adquirir uma, algo pra mim e alguém chegou e pegou, levou simplesmente, na minha frente ali pegou da minha mão e levou sabe, eu sinto assim, essa é a minha indignação que você não tem como, você não tem dialogo, você não tem ééé, e as nossas perdas foi muito grande! (...) parece aquela perca sabe, uma perca que eu digo assim sabe, faz três anos que meu pai faleceu, é eu acho que eu senti a mesma perca sabe, do que quando meu pai faleceu que meu pai era uma conquista pra mim, meu pai era aquele, aquele sabe que era tudo de bom entendeu?! Porque um homem que sempre quis que os filhos estudassem sabe, que tirava dele pra da pros filho pra estuda né, é teve dificuldade na vida sabe e tud,o e é o mesmo que eu quando comecei estudar, com todas as dificuldades e com dois filhos deixando em casa pequenininho é e tendo uma vida assim sabe sempre na luta e (,,,) você começa sabe diz assim, meu deus, o que que eu to fazendo? né, então assim é aquela perda mesmo, perda, perda, perda.¹⁴¹

O impacto causado na vida dela parece ser difícil de medir. Pensar no que o pai dela representava como o primeiro e uns dos únicos apoiadores para que estudasse, e isso fazia ela o admirar profundamente, relata. Quando compara o resultado do dia 29 de abril e da greve à morte de seu pai causa inclusive uma angústia. Lembro que quando ouvi essas palavras achei ser uma forte comparação. Mas quem era eu diante o sentimento que estava sendo exprimido por quem vivenciou aquelas perdas. Agora, relendo, e sentindo uma delas, continuo com a mesma impressão, pois se aparentou pra mim imensurável a dor diante a perda de um pai.

Ter realizado esta entrevista foi algo singular. Não conheci Ivonete por acaso. Ao conversar com uma colega da cidade de Salto do Lontra, pedi a ela caso lembrasse, de professores que estiveram presentes em Curitiba no dia 29 de abril ou então que estivesse em greve. Falou alguns nomes e sugeriu a professora Ivonete com uma ressalva sobre não estar certa de que ela aceitaria, pois havia vivenciado muitas

¹⁴⁰DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴¹IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

coisas. Entrei em contato e expliquei sobre a pesquisa e a importância dos professores para ajudar a construir uma memória do que viveram. Ela demonstrou interesse, mas ainda assim, falou que seria um pouco difícil, pois a família dela não gostaria de saber que estaria falando sobre isso, então não podia ser na sua casa. Na escola também não poderia, principalmente tratando-se dessa temática. Disse a ela que estava à disposição, caso aceitasse. E, mesmo diante esses percalços, demonstrando vontade e necessidade de falar, fez um tamanho esforço para me encontrar. Lembro-me que horas depois retorna e combinamos de nos encontrar no estacionamento de um supermercado na cidade em que morava.

Chego ao local alguns minutos antes do combinado e ela já estava lá, rapidamente nos identificamos e nos aproximamos. Nos primeiros contatos Ivonete apresentou-se uma mulher aparentemente tímida. Estava indecisa sobre onde poderíamos falar e pediu se deveria ser um lugar específico ou fechado. Disse que o lugar era onde preferisse. Estávamos em frente à Praça da Igreja que frequenta e fomos andando em sua direção, e percebi que era somente uma impressão a timidez. Na medida em que nos aproximávamos de um pergolado com bancos sombreados pelas flores, Ivonete sentia-se mais à vontade e senti disposição da parte dela em falar do assunto. Havia uma pessoa no pergolado que avistamos quando chegamos nele. Sentou em outro banco e sentei-me ao lado dela. Aquela timidez parecia tomar conta novamente, mas evidenciou-se que o que sentia era a insegurança e desconforto. Continuamos nossa caminhada pela praça buscando pouca visibilidade, Ivonete escolhe o local, e ressalta uma memória afetiva sobre ele, para ela e outros colegas. A sala de orações da Igreja fora frequentada por eles durante a greve e pelo menos ali, ela se sentiria confortável em falar. Quando sentamos para começar a entrevista, eu já sabia sobre algumas das batalhas de Ivonete. Todas elas relacionadas à greve e o que veio com ela.

Acontecimentos tornaram as perdas com pessoas ainda mais acachapantes na vida de Ivonete. Perde mais de 40% da audição, perde direitos, vivencia um processo judicial, processada por um deputado, perde o sentimento de nobreza da profissão... E perde o apoio familiar, ressaltando diversas vezes

como isso tornou as coisas mais difíceis, em sua casa se sente desamparada e sozinha. Não aceitam mais que fale sobre isso. Esses trabalhadores saem da greve sentindo que voltam faltando um pedaço. Não estavam inteiros naquele retorno.

Ivonete mostrou-se uma mulher de coração generoso, comprometida com a profissão e também, muito religiosa, portanto, estarmos em um espaço do qual é muito significativo e respeitado por ela, percebi ali na minha frente uma professora que não estava com receio de falar sobre isso, o que não acontecia seguido. Pelo contrário, pareceu-me que estava se sentindo confortável e, certamente, aproveitou o momento também raro, para falar disso. Os desdobramentos lhe causaram problemas que ultrapassam o universo escolar, tornando-se uma memória incômoda e diária. Não que para ela era, mas para sua família acabou se tornando um tabu. Porém, para entendermos esse peso posto sobre sua relação familiar, a própria Ivonete perpassa memórias para justificar esse adendo.

Inicialmente ela explicita a relação com a comunidade durante a greve, e, de que forma isso marcou ao ponto de se tornar uma das suas piores memórias. Relata que contaram inicialmente com o apoio dos pais e comunidade no geral, porém, rapidamente a sensação era de que o jogo havia virado colocando-os contra a greve. Indica a forma com que a mídia estava abordando, as propagandas governamentais postas em vários canais de comunicação bem como, o acesso aos holerites com valores alterados. Diante esse panorama, segundo ela, foram assediados moralmente durante o acampamento pelos moradores, julgados e ofendidos constantemente, relata: *enquanto nós tava ali passa, fala do carro, diz assim: Oh, vão trabalha! Entendeu?*¹⁴². Também foram alvos de piadas ofensivas, ou então de deboches e, existia uma rápida circulação delas, através de mensagens em grupos de whatsapp, principalmente de comerciantes.

a eu sempre digo hoje eu tenho vergonha de entrar no comércio aqui, entendeu? eu vou porque eu as vezes sou obrigada a entrar, entendeu? porque a gente precisa das coisas e tal, mas eu tenho vergonha, sabe, porque assim, de tanto que as pessoas

¹⁴⁶IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

falaram sabe, de tanto que as pessoas criticaram, de tanto sabe assim ... meu deus! foi coisa demais, entendeu? ¹⁴³

Esse adendo tratando-se das implicações da greve na vida do professor que perpassam os muros da escola nos trás uma reflexão importante. Evidencia-se que, junto da imprensa, a classe política utiliza além de um discurso manipulador e ofensivo, um moralismo insensível disseminando mentiras, neste caso, corroborando para reduzir a luta dos docentes a salários. Visto que, essa já é uma característica marcante de como abordam e tentam criminalizar a greve, por vezes fragmenta o movimento aos olhos da sociedade, tanto é que Ivonete resalta mais uma vez esse sentimento. *Eu me sinto mal, eu me sinto envergonhada, eu me sinto sabe, muito mal quando entro em um dos comércio do Salto do Lontra* ¹⁴⁴. A carga de emoção despejada nessa fala, e muito emocionada, responde ao questioná-la sobre ter vergonha em relação ao que, ao demonstrar tanta dificuldade em continuar frequentando os espaços públicos. *Ao que, ao, ah, assim as críticas que eles levaram achando que nós era vagabundos, que nós estávamos ali sabe porque nós queria mais e mais e mais, que nós queria aumento porque já tava ganhando bastante* ¹⁴⁵. Ivonete não achava possível ser só ela, ou então ser apenas em Salto do Lontra. Nunca tinha visto tamanhas críticas e ataques por parte da comunidade. *Esses dias eu comentei com uma mulher sabe em Beltrão, e ela disse assim, ela diz não, ela disse, aqui os professores me comentaram a mesma coisa, que eles tem assim, vergonha de entra sabe no comércio* ¹⁴⁶.

Essas artimanhas utilizadas pelo governo contribuem para uma degradação moral do professor perante a sociedade, posto que, a categoria passa por diversas situações desconfortantes, dentre elas, o medo, a vergonha, a insegurança, e diante essa crescente estigmatização do trabalhador expostos à esses fatores, fomentam ainda mais em casa, no caso de Ivonete. Todas essas questões envoltas da greve, depois do dia 29 de abril, a família não gosta que comentem sobre isso, principalmente os filhos, ao pensarem na situação que a mãe fora exposta, porém, não pode falar, também pode acarretar danos emocionais para aquele que reprime os sentimentos e sente-se

¹⁴³IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴⁴IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴⁵IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴⁶IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

desamparada. Segundo ela, *eu tento assim sabe, me deter um pouquinho porque esse assunto por exemplo lá na minha casa ele não pode vir a tona, sabe, porque assim, foi, nossa o dia que chegou lá em casa a intimação pra mim sabe.*¹⁴⁷

Sem entrar em maiores detalhes, por medo ou então insegurança, Ivonete conta que fora surpreendida com um processo judicial que a intimava para prestar depoimentos referente a uma postagem feita no seu perfil de facebook. Processada por um deputado estadual quando estava vivenciando o retorno das atividades, e, se vê frente a uma situação de ameaça e repressão em não poder explicitar verdades sobre o que estava vivendo, ora pareceu escolha, ora, falta de apoio dos familiares. Ivonete adentrou a esse assunto através das fotografias. Como já dito, passei a levar fotografias do dia 29 de abril nas entrevistas, na tentativa de resgate da memória visual do indivíduo e analisar como se relacionam com elas. Ao entregá-las, questionei Ivonete como ela se sentiu ao olhar as fotografias. Ivonete, com um entonação mais séria, rapidamente relata:

Olha é, como se eu tivesse entrando num matadouro, sabe, é assim que eu me sinto! Porque aquele dia sabe que ahah, daí nós já fomos três vezes naquele processo do cara lá que eu falei né, é, então assim, quando eu tava entrando naquele corredor do FORUM de Dois Vizinhos, parecia assim que eu tava indo pra um matadouro e vinha todas essas imagens aqui ó, tudo isso aqui vinha sabe, porque, pra quem conhece como são né, sabe, isso aqui é uma e duas, que lá eles mandam lá dentro, né, então lá tava pai, tava irmão, tava... sabe, tinha uns 8 lá sabe, esperando nós né, então eu, assim, todos os lados sentados nos bancos, e nós passamos assim pra sentar lá no fundo né, juro por deus que eu disse pro meu advogado eu to tendo, me deu uma sensação que parece que alguma coisa vai me dá alguma coisa, é a qualquer momento vai dar alguma coisa, porque assim você realmente você acha assim que você ta indo pra um matadouro! Pode vê aqui ó, quando você vê uma imagem dessa você pode imaginar o que né?! Entendeu?!¹⁴⁸

Aparentemente emocionada, Ivonete repassava as fotos enquanto falava, olhava atenciosamente para elas. Existem fotografias que para alguns são meios de conhecimento, enquanto que, para outros, ao visualizarem pode-se resgatar os mais sentimentos profundos, sejam eles de afeto, nostalgia, alegrias e ódio. Outros até, mais

¹⁴⁷IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁴⁸IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

difíceis de compreender. Aquelas imagens não trouxeram memórias somente o dia, mas principalmente do que, a partir dele, afetou sua vida. Matadouro, no seu significado mais simples trata-se de um abatedouro de gado para consumo, e foi essa a sua primeira impressão ao olhar-se naquela situação, porém, a mesma sensação contínua permanecendo, em outro espaço, mas que ela também considera com um massacre. O processo em si, para Ivonete já era um peso infundado, porém, reviver as memórias, mostrou a indignação perante a justiça ao denunciar que nem ao menos puderam defender-se diante os juízes, em silêncio sentia-se novamente golpeada. Era ela, seu advogado – proibiu sua família de estar com ela – e outros professores que recebiam a mesma acusação contra aquele que, apesar de não comparecer frente esses trabalhadores, exercia um poder sobre a condição desses trabalhadores. E as punições seguem, sejam elas coletivas e individuais, mas com o objetivo claro, de desestruturar esses trabalhadores.

Enquanto Ivonete olhou uma por uma, outros olharam uma ou duas, e teve quem ignorou a presença delas. É compreensível não querer olhar, e Miguel não as olhou, ele que não estava no dia 29 de abril, e ressalta que sua filha, a qual estava adoecida naquele momento e ele a fazia companhia, sugeriu ele pegar um avião para chegar a tempo, em tom de brincadeira. Ela o conhecia bem e o entendia segundo Miguel, e sua reação em negar as fotos me faz pensar que, além de se comover com a situação dos seus companheiros de tantos anos que estavam lá, ele não estava, e por mais que tenha sido um dia difícil, queria poder estar ao lado de seus colegas.

Judite, olhou algumas, de forma rápida, não parecendo estar confortável, coloca sobre a mesa a sua frente, enquanto falava:

Ai, um horror né, gente! olha só como nós fomos tratados né... gente... nos trataram como, nem animais são tratados assim né?!... nossa, e a gente só tava lá pra defender os nossos direitos, nossa... sem palavras as vezes eles estavam muito bem preparados, nós o que, nós estávamos né era a luta do Davi contra o Golias não é isso? ¹⁴⁹

Judite estava lá, sabia o que havia passado e sentido, e então ao olhar uma fotografia, segundo Kossoy “*essas imagens nos levam ao passado numa fração de*

¹⁴⁹JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

segundos, nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares”.¹⁵⁰ Neste sentido, lembrar aquele acontecimento sentiu-se em uma luta contra um gigante, porém, ao atentar-se à sua comparação, percebe-se que, assim como Davi, a indignação diante da prepotência e a arrogância de Golias, neste caso, o Governador Carlos Alberto Richa, decidiu lutar contra ele. Ou seja, tratar aquele acontecimento como um massacre somente, e não atentar-se para a luta que travaram, por vezes, fomenta o desgosto e o desgaste.

Em contrapartida a essas reações, tivemos Nair que foi quem inseriu as fotografias neste cenário. Ela trás em outra perspectiva, não era na tentativa de saber qual era a minha reação, mas sim, comprovar tudo o que havia falado. Afinal, passara tanto medo naquele lugar que se escondera, inclusive em fotografar, mas esse ato originou da sua necessidade de “congelar em imagem um aspecto dado de real, em determinado lugar e época”¹⁵¹. Ela mesma se encontrara tão desacreditada do que estava vivendo que se sentiu incumbida desses registros. Nair mesmo afirma *ai que eu fiquei durante toodo tempo, olha aqui ó, essa foto eu tirei, ninguém tem, só eu tenho*.¹⁵²



Fonte: arquivo pessoal da professora Nair.

¹⁵⁰KOSSOY, Bóris. Fotografia e História. 5ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, pág.114.

¹⁵¹KOSSOY, Bóris. Fotografia e História. 5ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, pág.40.

¹⁵²NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.



Fonte: arquivo pessoal da professora Nair.



Fonte: arquivo pessoal da professora Nair.



Fonte: arquivo pessoal da professora Nair.

Apesar do medo de ser vista, Nair precisava registrar porque, talvez, para ela, ninguém jamais entenderia o que passou. Seus registros focam seus pés e a sua curta distância do chão e das balas caídas tão próximas, o sangue, a forma com que ela se equilibrou durante muito tempo sobre dois ferros e principalmente, sua distância com o aparato policial. A intensidade daquele momento para Nair parece que nunca vai ser sentido por alguém, e realmente não vai, mas busca de todas as formas mostrar e comprovar o quão aterrorizante foi. Não demorou, ao introduzir esse assunto para Nair comentar sobre suas fotos, todas reveladas. Mostrou-me, com certo orgulho por ter conseguido pelo menos alguns registros, queria ter mais, mas o desespero, totalmente compreensível, não permitiu. Nelas não estão às conversas dos policiais que Nair escutou, não estão presentes os gritos, o barulho das bombas, a fumaça e o medo. Porém, as imagens para Nair é a comprovação da sua fala permeada de emoções. Todo o resto, encontra-se na sua memória, algumas exaltadas e tentando-se amenizar. Dizem que a memória é seletiva, e de fato, pode ser. No caso de Nair, ter “dificuldades” em lembrar os motivos da greve, ou até mesmo como foi todo o processo de construção, deflagração e permanência na greve e o 29 de abril tem um significado. Segundo sua psicóloga, quando menos tocar no assunto ou relembra-lo, mas rápido seria sua recuperação pós-traumas. E foi isso que Nair tem feito, segundo ela. Porém, durante a entrevista, apesar da orientação, em nenhum momento mostrou-me esquecimento sobre as marcas do seu corpo, tanto físicas como psicológicas, a humilhação diante o perito, dentre outras situações pessoais.

Sua localização e vivência no 29 de abril, suas dores e tentativas de denunciar através de todas as possibilidades existentes a arbitrariedade do governo, o não retorno às atividades normais após a greve para dedicar-se a tratamentos intensos buscando sua recuperação, sobressai a todas as outras questões que envolvem uma greve. Pouco fala sobre os motivos que deflagrou a greve. Pouco lembra como foi o seu processo e os ataques incessantes para/com a categoria. Ignora os conflitos existentes entre seus colegas professores, por alguns deles compartilhados posteriormente. Denuncia o posicionamento de parte da comunidade, mas não relaciona com a falta de apoio. A impressão que me é dada, é que Nair, pode até tentar evitar conversas e pensamentos

que remetem a greve, fazendo-se esquecer de alguns detalhes, porém, suas marcas físicas e psicológicas não deixam. Nair compartilha comigo o que se sobressai na sua memória.

2.1. A avaliação da greve.

Olha, o desgaste ele é um sentimento que permanece até hoje porque parece que a gente lutou, lutou, lutou, e a gente ainda ta lutando pela mesma coisa até agora, a gente ainda ta tentando manter os mesmos direitos que a gente impediu de serem retirados naquele momento, pelo menos alguns né, então, como foi mexido no dinheiro da previdência a sensação é de derrota, como a gente consegue não deixar mexer em outros direitos a sensação é de vitória, mas é estranho né? Você perde tanto e não perder mais .. então claro, eu voltei com a sensação de desgaste mesmo assim..., desgaste moral né, desgaste pela valorização do trabalho dentro da educação, pela valorização da educação no nosso estado.¹⁵³

A contradição dos sentimentos. O desgaste promovido pela greve está relacionado a vários fatores, diante da intensidade de lutas já promovidas e ainda assim perceber tamanho descaso para com a educação. O desgaste em relação à necessidade de ter que estar sempre se justificando e tentando manter a integridade desses trabalhadores. O desgaste sofrido por tentar provar por a mais b que, tantos ataques midiáticos não passavam de uma farsa, alimentado pela má administração do governo, também, e fazer-se respeitar diante os direitos conquistados. Desgastados de lutarem contra a estigmatização do professor, tratados como *os culpados, que eram baderneiros, que eram vagabundos*.¹⁵⁴

¹⁵³CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁵⁴ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

Os acontecimentos foram tantos, principalmente a postura do Beto Richa, que para alguns tornou-se difícil avaliar tudo. Eliane, inclusive, que se contradiz ao avaliar a classe e a greve, ora guerreiros, ora, arrasados. Guerreiros pela intensidade dos ataques, mas também, amortecidos, justificando: *então eu acho que teve uma desunião, teve uma divisão e era o que ele queria, dividir as opiniões, dividir os professores, eu acho que vai te que fazer uma trabalho beem, é, grande, pra fazer com que esses professores tenham unidade de novo, se não.*¹⁵⁵

O enfraquecimento da categoria é destacado por muitos. Relacionam ao 29 de abril, como a professora Dione, porém, é necessário levar em consideração tudo o que ele envolve. Aquele dia não deve ficar marcado na história de forma isolada, mas pela continuidade dos conflitos que fizeram com o que professores atribuísem tudo ao 29 de abril.

isso dividiu a categoria aqui de uma maneira que eu acho que nunca mais assim, se era esse o objetivo dele conseguir desestruturar totalmente ele conseguiu, porque cada vez que se pensa em parar, tanto é que não houve mais paralisação... não param mais, 29 de abril? Não param mais... sabe (...)se falar numa paralisação são mudos, ninguém se envolve, se falar hoje por exemplo que precisa um representante da escola pro sindicato ninguém quer, as pessoas evitam falar sobre isso.¹⁵⁶

Dividiu a categoria inclusive na avaliação. Dione fala que o problema foi o 29, mas precisa atentar-se que todo o conjunto contribuiu. Relacionam ao medo, que amedrontou muito. Acreditam que faltou engajamento da classe, que poderia ser melhor avaliadas as conquistas, que apesar dos pesares ela foi importante, e que a mobilização foi fundamental, mas também, poderiam ser maiores caso a APP se posicionasse. O governo se engaja nas ações, os professores precisam fazer o mesmo.

¹⁵⁵ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

¹⁵⁶DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Tem-se o entendimento que, por ser um acontecimento recente, durante as entrevistas estavam vivenciando os efeitos da greve, os quais ainda pulsava forte – o arrocho salarial, o descumprimento dos acordos por parte do governo, conflitos internos, entre outros – torna-se difícil analisar com entusiasmo, ou então, pensar em alternativas e estratégias para traçar os novos caminhos. Para isso, continuamos na análise de como esta categoria percebe o retorno e articular com a realidade vivida.

Enquanto classe é preciso avaliar com profundidade os ganhos, para saber enfrentar o massacre sofrido. Esta falta de reflexão por parte de muitos professores é explanada na fala de Dione, que avalia a divisão da classe.

se não tivesse acontecido essa greve nós não teríamos mais nada hoje, nós teríamos perdido o pouco que a gente conseguiu segurar com a greve... por exemplo o nosso plano de carreira não existiria mais (...) se esse pessoal conseguiu esse direito a aposentadoria, foi graças a essa greve, nós tivemos depois disso uma reposição, uma! pelo menos nós tivemos, se não houvesse essa greve nós não teríamos isso. Eu na época da greve eu tinha os atrasados do PDE todos pra receber eu e muuita gente, nós recebemos graças a greve, então, sem isto a gente não teria conseguido, então ela foi horrível? Foi! Foi marcante duma maneira assim bem trágica, mas foi o único jeito que nós conseguimos pra segurar não pra conquistar, mas pra segurar alguma coisa que nós já tínhamos (...) Quantas brigas nós tivemos com os governos pra construir esse plano!

Rúbia: Tem mais alguma coisa que te marcou bastante depois que vocês retornaram da greve?

Dione: A indiferença das pessoas (risos) isso acho que é o que mais pesa numa escola, sabe assim ó, sabe que você estava ali...(muito emoção, choro e silêncio) Que boba eu sou né?! (risos e choro)...¹⁵⁷

Neste momento, as lágrimas não permitem que a fala aconteça, e sua última indagação me fez refletir sobre a vergonha ou mal estar sentido em chorar, mesmo havendo motivos. Essa indiferença foi relatada por Dione, ao lembrar sua trajetória na Escola Estadual José de Alencar, onde gostaria de encerrar sua carreira, mediante pedido de aposentadoria. Percebeu no gravador e em sua ouvinte uma maneira de desabafar, dizendo que encontrava dificuldades, mas mantinha a vontade de se aposentar na escola que contribuiu na construção de sua identidade de professora. No entanto, no momento em que escrevo, a professora solicitou pedido de remoção da escola. Essa experiência novamente traz à tona os reflexos da divisão gerada na escola.

¹⁵⁷DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

Dividiu ao ponto de hoje não se fazer uma greve. Muitos, apesar de compartilharem o medo, atentam-se para que esse não deve ser o que essa greve deve deixar. Pois as ameaças continuam. Para a educação como um todo e o governador seguia punido. Foram as horas atividades Punições, PEC, aulas extraordinárias, licenças especiais. Precisam permanecer na luta. Portanto:

Por um lado uma desesperança muito grande em saber que tu ta se dedicando a educação e vê que pra educação não tem muita dedicação né, que a parte publica de fato não se dedica tanto a ela, mas por outro lado perceber que a luta é possível, que sim, tinha gente lá no 29 de abril em Curitiba, não eram poucas pessoas né, a gente ultrapassou 30 mil pessoas dentro do centro de Curitiba, e que sim, a gente apanhou e continuou lá, e que sim a gente continuou em greve então, pode perceber que a força do levante popular tem o seu valor é muito importante, isso é um aprendizado dentro da área da educação e dentro da luta, porque quando a gente não precisa se preocupar com os nossos direitos a gente se preocupa só com o conteúdo e de repente a gente percebe que a aula de política é na rua, que a gente precisa demonstrar pros nossos alunos que eles precisam entender o que ta acontecendo , a gente precisa que eles è... pra se ter esperança é preciso entender a luta, é preciso ter essa coragem de ir contra os abusos, isso pra mim marca essa greve.

158

Uma greve, não é fácil, seus custos operacionais são altos, as consequências podem ser desastrosas e mesmo fazendo, não há garantias, porém é necessária, sendo ela o último recurso quando se fecham as portas para negociação. Através dela é possível provocar sentimentos e mudanças profundas da consciência e das escolhas dos sujeitos. Essas escolhas muitas vezes diferem dadas pelas trajetórias desse sujeito.

Diante de tantas perspectivas vivenciadas e os conflitos enfrentados ora com vistas na singularidade, ora na coletividade, retorno a problematização sobre como a mobilização dos trabalhadores da educação em 2015, com tamanha adesão e repercussão social, de repente se percebe com os professores entregues, sem condições de se reorganizar enquanto classe. E talvez aqui o conceito de massacre- que identifica o dia 29 de abril, possa ser compreendido com amplos significados, como a cena de guerra que tantos falaram, como a disparidade da força policial, mas principalmente pelo sentimento do trabalhador, massacrado, mal visto e desgastado, e por todos os lados, julgado. Porém, é necessário interpretar o massacre como um momento marcante e

¹⁵⁸CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

perceber como os servidores públicos fizeram o ano de 2015 ser inesquecível, denunciando as arbitrariedades do governador Carlos Alberto Richa, e mostrando em um espetáculo a céu aberto, que se ele estava disposto a bater em professores, estes garantiram que toda a sociedade entendesse como ele trata os trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda em 2015, quando iniciei o projeto, parecia ser pretensioso de minha parte, estudar um acontecimento que acabará de acontecer e que ainda permanecia latente na vida dos professores. Porém, no processo de sua materialização, com entrevistas feitas em 2016, 2017 e 2018, percebo que, o acontecimento não continuava apenas latente, mas estavam vivenciando tudo o que dele restara. Naquele momento, percebendo aos meus arredores tantas adoecimentos naquele retorno que associei ao massacre do dia 29 de abril aquela condição.

Na entrevista durante o processo seletivo, entre os professores, teve aqueles estavam presentes no dia e questionaram-me sobre associar o adoecimento somente ao que aconteceu naquele dia. Era preciso reconsiderar os fatos e a analisar o que os sujeitos envolvidos, neste caso, os professores de educação básica da rede pública do Estado do Paraná, compreendiam daquele fato, como o avaliaram e principalmente como retornaram após o fim da greve. O que vivenciaram após tantas confrontações, perdas de direitos e conflitos internos da categoria.

Neste sentido, um dos esforços, além de lidar com memórias afetivas tão significativas para quem as vivenciou, foi adentrar a este mundo e extrair dele tudo o que nos possibilita para compreender tamanho sentimento de desgaste e derrota por eles destacado. Para isso, explorar os conflitos internos vividos antes, durante e depois da greve, pela categoria, seria fundamental.

Esse cenário é revelador quando nos debruçamos no universo destes trabalhadores ao vivenciarem relações de confrontações com a de 2015. Esses sujeitos, que já compunham de uma trajetória marcada pelas atividades de luta, surpreendem-se com o que vivenciaram e, por vezes, desacreditam da própria condição.

Ao evidenciar as mazelas na educação e as dificuldades sofridas por esses trabalhadores, revela também, a necessidade da posição de luta constante. Sendo uma delas, e o último recurso quando as portas de negociação estão fechadas, a greve. Percebeu-se que, os custos para sustentá-la são altos, tanto do ponto de vista econômico,

quanto pelo viés psicológico. A greve pode se desestruturar em casa com a falta de apoio dos familiares, na comunidade ao exercerem pressões e contribuindo para a estigmatização do docente. Com os colegas, que, por diversos fatores surgem conflitos que desestabiliza o trabalhador e tornando o local de trabalho um lugar degradante. E, com o Estado, este que por sua vez tem como compromisso, atender as necessidades e exigências daqueles que representam a educação, porém, assume um papel irresponsável, que usa da violência física e simbólica em prol de seus interesses. A não punição do estado, evidencia-se a justiça junto das ações, legitimando a violência.

As sensações do que viveram aquele momento são múltiplas, porém, em comum havia uma dor tremenda, o sentimento de perda. Ele esteve presente em grande parte desta dissertação. Toda a luta e o suor para a construção do plano de carreira e da previdência pareceu ter sido em vão. Junto da perda significativa de direitos, evidenciam-se outras, como a identificação política, e a esperança com a educação. Neste caso, presenciar a usurpação dos direitos pelo Estado perante justificativas questionáveis e sendo garantido pela violência, parece ter desacreditado muitos professores. Identificou-se como agravante que, inclusive repercutiu em uma divisão da categoria, foi o posicionamento e as ações cometidas pelos colegas que descaracterizam o movimento de greve, mesmo diante o fatídico dia. E por isso, faz-se necessário urgentemente uma maior atuação do sindicato que representa essa categoria, trabalhar ainda mais com formações políticas e, juntamente dos professores, aproximarem-se da comunidade, para compreender então, quem é o inimigo.

Porém, ao invés de uma compilação fria dos acontecimentos, ou então, contabilizar o massacre, é necessário perceber como estes professores fizeram o ano de 2015 um momento marcante, ou seja, mesmo diante de um aparato policial gigantesco foram corajosos em fazer com que aquele dia ficasse marcado pela brutal retirada de direitos perante a população paranaense. Além disto, é perceber que os trabalhadores estão dispostos a lutar pela educação e na busca pelos direitos, mesmo conhecendo todos os estigmas e a violência praticada contra os chamados de “professores, vagabundos e baderneiros”.

Por fim, a continuação dos conflitos internos, a retirada dos direitos, a agravação da condição do trabalhador em um ambiente marcado por punições e desvalorização, a defasagem salarial constatada nesses últimos anos e as marcas deixadas por aquele ano,

deixou um amargo na vida desses trabalhadores ocasionando a sensação de um ano que não terminou. Porém, a importância que estes trabalhadores mantenham-se sempre na luta, se sobressai, afinal, são tempos difíceis para a educação.

FONTES

Fontes Orais

NAIR. Entrevista realizada em 23/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

CRISTIANELA. Entrevista realizada em 30/03/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

IVONETE. Entrevista realizada em 14/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

MIGUEL. Entrevista realizada em 19/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

ELIANE. Entrevista realizada em 20/04/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

DIONE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

JUDITE. Entrevista realizada em 03/08/2017, por Rúbia Mara Tadiotto.

SALETE. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

SARA. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

MAGALI. Entrevista realizada em 25/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

MARLENE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

ROSILANE. Entrevista realizada em 05/04/2018, por Rúbia Mara Tadiotto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A; MACIEL, L. A. **Outras histórias: memórias e linguagens**. 1. ed. São Paulo: Olho D'Agua, 2006.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila e OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do Trabalho e Saúde dos Professores. In:**Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio-ago. 2009.

BOSI, Antonio. História e narrativa fotográfica: o caso de – MigrantMother-, de Dorothea Lange. **História da Historiografia**, v. 1, p. 159-173, 2016.

CHESNEAUX, J. Devemos fazer tábula rasa do passado?.**Sobre história e os historiadores**. São Paulo: Ática, 1995.

CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**.Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília : CNTE : Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

ELNGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

FERNANDES, Hélio Clemente. **Greve no Paraná em 2015: Educadores e servidores públicos na defesa dos paranaenses**. 1ªEd. São Paulo: GIOSTRI, 2016.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história**. 1ª Ed. Agir. 2009.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra S. A, 1986.

GASPARINI, Sandra Maria, BARRETO, Sandhi Maria e ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n.2, p. 189-199, maio-ago. 2005.

- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.
- GOZZI, Ricardo. **Educação sob ataque: resistência e luta dos educadores do Paraná**. EDITORA VENETA, 2016
- HOBBSAWM, Eric. **A história de baixo para cima**. In: Sobre a História. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 216-232.
- HOBBSAWM, E. J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HYPOLITO, Álvaro Moreira, VIEIRA, Jarbas Santos e Pizzi, Laura C.V. Reestruturação Curricular e Auto-Intensificação do Trabalho Docente. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, p. 100-112, Jul-Dez 2009.
- KOSSOY, Bóris. **Fotografia e História**. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- LOURENCETTI, Gisela do C. O processo de intensificação no trabalho docente dos professores secundários. In: **Reunião Anual da ANPED**, 29ª, 2006, Caxambu – MG.
- MARX, Karla; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Escala, 2007.
- OLIVEIRA, Carreiro de. **O direito a greve**. 1958.
- OLIVEIRA, Mariana Esteves. **“Professor, você trabalha ou só da aula?”: o fazer-se docente entre história, trabalho e precarização na SEE-SP**. Dourados, MS: UFGD, 2016,
- Os 169 dias que abalaram o neoliberalismo no Paraná: memórias de docentes sobre a greve das universidades estaduais de 2001/2002/** Antonio de Pádua Bosi, Luiz Fernando Reis, Aparecida de Souza. – 1.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento na igualdade. In: **Revista do Programa de Estudos Pós – graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, 1981.

_____. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997

_____. As fronteiras da memória. **O massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos.** In: História e Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26) : 9-26, Jul./Dez.2001/Jan./Jul.2002.

SANTOS, Robinson, ANDRIOLI, Antônio I. Educação, Globalização e Neoliberalismo: O debate precisa continuar!.In: **Revista Ibero Americana de Educação:** n° 35, 2005.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** 3v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. Senhor, escrevendo a luz de vela. 1993.

WILLIAMS. R. Dominante, Residual, Emergente. In: **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

29 de abril: repressão e resistência.Luis Fernando Lopes Pereira e Nasser Ahmad Allan (orgs.) – Bauru:Canal 6, 2016.

